



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ISABEL SANT'ANNA ANDRADE COSTA LIMA

**@ FORTALEZA: FOTOGRAFIA ENQUANTO *PERFORMANCE* PARA POÉTICAS
DE CIDADE NO INSTAGRAM**

FORTALEZA
2016

ISABEL SANT'ANNA ANDRADE COSTA LIMA

@FORTALEZA: FOTOGRAFIA ENQUANTO *PERFORMANCE* PARA POÉTICAS
DE CIDADE NO INSTAGRAM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens. Linha de pesquisa: Fotografia e Audiovisual.

Orientador: Prof. Dr. Silas José de Paula.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L698@ Lima, Isabel Sant'anna Andrade Costa.
@ Fortaleza : fotografia enquanto performance para poéticas de cidade no Instagram / Isabel Sant'anna
Andrade Costa Lima. – 2016.
148 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-
Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. Silas José de Paula.

1. Fotografia. 2. Performance. 3. Poéticas. 4. Instagram. I. Título.

CDD 302.23

ISABEL SANT'ANNA ANDRADE

@FORTALEZA: FOTOGRAFIA ENQUANTO *PERFORMANCE* PARA POÉTICAS
DE CIDADE NO INSTAGRAM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens. Linha de pesquisa: Fotografia e Audiovisual.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Silas José de Paula (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dr.^a. Glória Maria dos Santos Diógenes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Osmar Gonçalves dos Reis Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Cláudio e Wanda.

AGRADECIMENTOS

A Silas de Paula, que me orientou e me inspirou a pensar e problematizar a fotografia contemporânea, sou grata por suas incendiárias discussões.

A Alexandre Fleming Câmara Vale, uma pessoa rara, generosa, com quem troquei ideias que ajudaram a apontar caminhos para esta pesquisa, agradeço pelas tardes e noites, tanto elucidativas quanto divertidas.

A Davidson Rodrigues, Raissa Caldas, Soriel Leiros, Renan Matos, Maisa Vasconcelos, Aldonso Palácio e Camilla Revuelta, que disponibilizaram seu tempo, suas narrativas e suas fotografias. Agradeço por terem aceitado colaborar com esta pesquisa.

À minha família, Rodrigo, João e Felipe, que tolerou minhas ausências para que este trabalho se efetivasse. Sou grata “pelas horas que lhes foram roubadas”.

“É que Narciso acha feio o que não é espelho.” (Caetano Veloso)

RESUMO

O presente estudo apresenta um levantamento sobre a prática fotográfica no ciberespaço, tendo como foco as publicações realizadas em três perfis administrados por alguns moradores e moradoras de Fortaleza que fotografam e compartilham suas visões sobre a cidade no aplicativo de fotografia e rede social Instagram. Procura entender as lógicas socioculturais que orientam os agenciamentos sobre o mesmo *dispositivo* a partir do contexto de produção das fotografias, dos relatos sobre suas ações e da sua recepção. Partindo de uma visão que compreende o fotógrafo como “diretor” (SOULAGES, 2010) e a fotografia como “evento de comunicação” (PROSSER, 2004), discute os rituais e gestos que envolvem o ato de fotografar e compartilhar imagens da cidade. Visionando as fotografias, as narrativas que as acompanham, as interações geradas pelas publicações e os significados que os próprios atores atribuem às suas ações no Instagram, procura discutir se a fotografia praticada por eles se configura como um tipo de “*performance* fotográfica”, que aponta para o desenvolvimento de uma “poética da cidade”.

Palavras-chave: Fotografia. *Performance*. Poéticas. Instagram.

ABSTRACT

This study provides a survey of photographic practice in cyberspace, focusing on publications made on three profiles administered by some locals and residents of Fortaleza with photographs and share their visions of the city in the photo app and social network, Instagram. It tries to understand the socio-cultural logics that guide the agencies on the same device from the context of photographs's production, speeches of their actions and their reception. From a vision that includes the photographer as "diretor" (SOULAGES, 2010) and photography as "communication event" (PROSSER, 2004), it discussed the rituals and gestures that involve the act of shooting and sharing images of the city. Envisioning photographs, narratives that accompany them, the interactions generated by the publications and the meanings that the actors themselves attach to their actions on Instagram, it discuss if the photography practiced by them could be understand as a kind of "photographic performance", pointing for the development of a "poetics of the city".

Keywords: Photography. Performances. Poetics. Instagram.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Printscreen</i> do primeiro post do #walkingliveproject	15
Figura 2 – <i>Printscreens</i> de fotografias do <i>feed</i> do Instagram etiquetadas como #fortaleza	20
Figura 3 – <i>Printscreen</i> da página de apresentação inicial do perfil @fortaleza365	27
Figura 4 – <i>Printscreen</i> de página de apresentação inicial do perfil @fortalezamonocromatica	29
Figura 5 – <i>Printscreen</i> da página de apresentação inicial do perfil @fortalezaemcores	31
Figura 6 – <i>Printscreen</i> de fotografia compartilhada no perfil @fortalezaemcores	38
Figura 7 – <i>Printscreen</i> do link gerado pelo Instagram para o local “Praça dos Leões – Praça General Tibúrcio”	39
Figura 8 – <i>Printscreen</i> de fotografia do Lagamar publicada no perfil @fortalezaemcores	40
Figura 9 – <i>Printscreen</i> da publicação da foto do Edifício São Pedro no perfil @fortalezaemcores	45
Figura 10 – <i>Printscreen</i> da publicação da foto do Edifício São Pedro no perfil @raissacaldas_fotografia	45
Figura 11 – <i>Printscreen</i> de foto publicada no perfil @celinahissa com a legenda #walkingliveproject	48
Figura 12 – <i>Printscreen</i> de foto publicada no perfil @ninive23nina com a legenda #walkingliveproject	49
Figura 13 – <i>Printscreen</i> de publicação do perfil @fortaleza365	50
Figura 14 – <i>Printscreen</i> de fotografia compartilhada no perfil @fortalezamonocromatica	51
Figura 15 – <i>Printscreen</i> de fotografia compartilhada no perfil @fortalezaemcores	53
Figura 16 – <i>Printscreen</i> da página de apresentação inicial do perfil @aldonsopalacio	56
Figura 17 – <i>Printscreen</i> da página de apresentação inicial do perfil @camillarevuelta	57
Figura 18 – <i>Printscreen</i> de fotografia compartilhada no perfil @aldonsopalacio	58
Figura 19 – <i>Printscreens</i> de fotos compartilhadas no perfil @aldonsopalacio	59
Figura 20 – <i>Printscreen</i> de foto compartilhada no perfil @aldonsopalacio	60
Figura 21 – <i>Printscreen</i> de fotografia compartilhada no perfil @camillarevuelta	61
Figura 22 – <i>Printscreen</i> de fotografia compartilhada no perfil @camillarevuelta	62
Figura 23 – <i>Printscreen</i> de fotografia compartilhada no perfil @camillarevuelta	63
Figura 24 – <i>Printscreen</i> da primeira publicação de Maisa no perfil @fortaleza365	67
Figura 25 – <i>Printscreen</i> de foto publicada no perfil @fortaleza365 Erro! Indicador não definido.	
Figura 26 – <i>Printscreen</i> de foto do figurinista trans Dami publicada no perfil @fortaleza365	70

Figura 27 – <i>Printscreen</i> de foto do casal de viajantes Enio e Meire publicada no perfil @fortaleza365	71
Figura 28 – <i>Printscreen</i> de foto publicada no perfil @fortaleza365	72
Figura 29 – <i>Printscreen</i> de publicação do perfil @raissacaldas_fotografia	77
Figura 30 – <i>Printscreen</i> de fotografia compartilhada no perfil de @raissacaldas_fotografias	79
Figura 31 – <i>Printscreen</i> de divulgação da <i>performance</i> #cidadecomamor	82
Figura 32 – <i>Printscreen</i> de fotografia compartilhada no perfil @fortalezamonocromatica	85
Figura 33 – <i>Printscreen</i> de foto tipo arquitetura, de Renan Matos	87
Figura 34 – <i>Printscreen</i> de foto de Davidson Rodrigues compartilhada no perfil @fortalezamonocromatica	88
Figura 35 – <i>Printscreen</i> de foto compartilhada no perfil @fortalezamonocromatica	89
Figura 36 – <i>Printscreen</i> de foto do Terminal Marítimo de Passageiros publicada no perfil @fortalezamonocromatica	92
Figura 37 – <i>Printscreen</i> de foto do Estádio Presidente Vargas publicada no perfil @fortalezamonocromatica	94

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 História afetiva da emergência de uma problemática: o Instagram como dispositivo de encontro consigo mesmo e com a cidade	15
1.2 Metodologia	19
2 MIRANDO FORTALEZA NO INSTAGRAM	24
2.1 “Conhecer Fortaleza”, “encontrando um sentido para permanecer na cidade”: algumas fotografias enquanto <i>performance</i> no Instagram	34
2.2 Ver e ser visto	43
3 “ESTAR NA CIDADE OLHANDO PRA ELA, ENXERGANDO-A DE FATO”: POÉTICAS DE CIDADE NO INSTAGRAM	66
3.1 “Um olhar, alguma memória”: Fortaleza, cidade de afetos, cidade saudade	66
3.2 “Observe cada ponto”: “#cidadecomamor”	75
3.3 Retratos em branco e preto: uma cidade “em tons de cinza”	83
4 CONCLUSÃO – O QUE SE PERDEU E O QUE PERMANECEU	95
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR CAMILLA REVUELTA	105
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR ALDONSO PALÁCIO	107
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR MAISA VASCONCELOS	110
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR RAISSA CALDAS	112
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR RENAN MATOS	115
APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR SORIEL LEIROS	120

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO SOCIOLOGICO RESPONDIDO POR DAVIDSON RODRIGUES	124
ANEXO I – “A FORTALEZA E O MEDO”	126
ANEXO II – “A PÉ POR FORTALEZA”	128
ANEXO III – “ANDANDO – E OLHANDO – POR AÍ”	128
ANEXO IV – “PESQUISA TIC- DOMICÍLIOS”	128
ANEXO V – PERFIS AUTODENOMINADOS COMO @FORTALEZA NO INSTAGRAM	128
ANEXO VI – “FORTALEZA É 5ª CIDADE MAIS MARCADA EM FOTOS NO INSTAGRAM	133

1 INTRODUÇÃO

1.1 História afetiva da emergência de uma problemática: o Instagram como dispositivo de encontro consigo mesmo e com a cidade

Em 2012, antes de iniciar esta pesquisa de mestrado, realizei uma experiência com o Instagram, rede social e aplicativo de edição de fotografias, que denominei *#walkingliveproject* (“projeto caminhada viva”, em tradução livre). A proposta era discutir mobilidade e violência urbana a partir de fotos tiradas e compartilhadas no aplicativo. Por meio do *#walkingliveproject*, andei a pé por Fortaleza registrando cenas que alteravam minha percepção sobre a cidade (Figura 1).

Figura 1 – *Printscreen* do primeiro post do *#walkingliveproject*



Fonte: <<https://www.instagram.com/isabelsandrade/>>.

Com essa proposta, vi-me diante de uma cidade que, até então, a mim não se revelara. Cresci em São Paulo e costumava fazer longas caminhadas pelos bairros da Zona Sul com meu grupo de amigos, adolescentes roqueiros e skatistas, para diminuir a ansiedade típica dessa fase da vida e encontrar outras turmas. Buscava lugares que servissem de cenário para experiências juvenis de música, pixo, amizade, namoro e drogas. Fortaleza, até então, era um

terreno inexplorado nesse sentido. Uma cidade na qual passei a morar em 1998, mas não a compreendia muito bem, talvez porque a evitasse, porque me recusasse a ir ao encontro dela.

Levei a proposta do *#walkingliveproject* adiante por pouco mais de um ano. Nesse período, realizei 71 fotos. A experiência despertou o interesse da imprensa local, que produziu uma reportagem sobre o assunto (Anexo 1). Fui convidada a escrever um artigo (Anexo 2) para o mesmo jornal, relatando o propósito dessas caminhadas, e cheguei a mediar um grupo de pessoas para replicar a experiência com o apoio de um centro cultural (Anexo 3).

Diante do meu pequeno experimento, levantei intimamente a hipótese de que a combinação entre fotografia e redes sociais poderia ser um *dispositivo*¹ que desperta um encontro, uma descoberta da cidade. O Instagram, com a dupla função de operar como aplicativo para *smartphone* de edição de fotografias e como rede social², seria visto e usado como o motor de uma *flânerie* contemporânea, o incitador e a testemunha de processos de deriva por Fortaleza. E esse processo poderia estimular o surgimento de visualidades distintas no campo da fotografia, nos modos de ver e “compartilhar”³ a cidade.

Ainda são poucos os estudos qualitativos sobre a prática da fotografia no ciberespaço, ou sobre como, especificamente, o Instagram influencia as interações sociais e as relações com a fotografia. Para pensar a prática fotográfica, precisava utilizar as teorias da comunicação⁴ e olhar a fotografia como um tipo particular de signo visual produzido e visto em contextos específicos, porém diferentes.

Wells (2003) argumenta que é necessário articular um local de interseção teórica relacionado com sua produção, publicação e consumo ou leitura. Isto é, existe uma dualidade,

¹ Nesta pesquisa, procuro demonstrar uma linha de abordagem que situe o Instagram como um dispositivo que provoca diferentes agenciamentos sobre a fotografia. O dispositivo fotográfico, seja uma máquina tradicional, seja um *smartphone*, ocupa um lugar central na ação dos atores sociais que participam do Instagram. Atribuo aqui o sentido agambeniano do termo *dispositivo*, que, em resumo, é “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões, os discursos dos seres vivente” (AGAMBEN, 2005, p. 11). Aquela “qualquer coisa” pode ser o Instagram, e essa visão ampla sobre o que é um dispositivo serve como ponto de partida para compreender como a fotografia praticada no Instagram articula-se com a ação dos atores sociais.

² De acordo com o texto de apresentação do Instagram publicado em seu *site* oficial, o aplicativo é uma “comunidade de mais de 500 milhões que capturam e compartilham os momentos do mundo no serviço”.

³ “Compartilhar”, tradução do inglês, *share*, é o termo utilizado no Instagram para denominar a publicação de uma fotografia.

⁴ No entanto, é preciso ter em mente que as teorias tradicionais de comunicação exageram um dos polos: aquele da mensagem, do texto, o que é um equívoco; mas seria um erro análogo de juízo exagerar o outro. A relação não é nem subjetiva nem objetiva, o que significa que temos de reconhecer a existência de ambos e que os novos desafios na compreensão da comunicação devem partir desses pressupostos básicos.

uma ambivalência entre as características referenciais da fotografia e o contexto de seu uso e interpretação. No meu caso, mais do que uma relação formal com a fotografia, eu buscava uma relação com a cidade, ou, seria melhor dizer, eu tentava traduzir por meio de fotografias minha relação com a cidade.

Para mim, fotografar a cidade se apresentava, naquele momento, como um gesto de delinear a Fortaleza na qual eu queria viver. Uma estratégia de reinvenção pessoal e afetiva para com o lugar onde há tantos anos eu morava. Afetiva, porque possibilitava um (re)encontro com essa cidade, pessoal, pois a visibilidade proporcionada pelo Instagram⁵ me situava em determinada posição política em relação ao grupo de pessoas que geralmente eu nem conhecia, a partir dos temas que eu abordava.

Barthes (2015, p. 29), em *A câmara clara*, traz a questão da dualidade entre os aspectos formais e culturais da fotografia, a partir das ideias de *punctum* e *studium*: “O *studium* [...] não quer dizer, pelo menos de imediato, “estudo”, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, mas sem acuidade particular”. *Punctum* refere-se às características referenciais que dão força particular a uma foto, remetendo à ideia de pontuação, ou seja, são os pontos sensíveis, as marcas, a “picada”, o pequeno “corte”: “O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)” (BARTHES, 2015, p. 29).

Imagino que as fotografias do *#walkingliveproject* tenham mobilizado as pessoas, não tanto pelos aspectos formais, mas por aquilo que eu intencionava discutir com as imagens: a violência e a mobilidade urbanas. A cidade que eu apresentei era uma cidade recortada, mas nem por isso irreal. O objeto (re)presentado estaria lá mesmo se não houvesse a câmera, pois o que está ali afirmado é uma verdade: “uma realidade que existiu, embora ninguém mais possa tocá-la” (BARTHES, 2015, p. 87). Nela, eu buscava árvores que trouxessem conforto térmico para minhas caminhadas e calçadas por onde andar. Buscava, sobretudo, sentir-me parte daquela cidade, denunciando suas hostilidades e ressaltando suas graças. Não se tratava de uma cidade forjada, ainda que recortada. Era a cidade que eu escolhia ver e mostrar.

⁵ Minha rede de “seguidores” do Instagram era formada tanto por gente com quem eu convivia quanto por gente que eu mantinha uma relação somente *on-line*.

François Soulages (2010) afirma que fotografar pode gerar comportamentos distintos: “ou ver com a discrição aparente do *voyer*, ou mostrar-se com a exuberância exibicionista. Em todos esses casos, é sempre constituir um teatro do qual se é o diretor, do qual se é, por certo tempo, o Deus ordenador” (SOULAGES, 2010, p. 67). Essa ordenação é, na verdade, o poder de criação de uma cena para a fotografia, o domínio de um instante materializado na forma de imagem. Não necessariamente a dominação *do que* se passa, *do que* acontece, mas *a partir* do que se passa, *a partir* do que acontece uma ordem é estabelecida por aquele que fotografa. “O fotógrafo é, então, ouvido e obedecido, poder decorrente da máquina que detém o tempo e parece captar o ser, ou, pelo menos, uma das formas instantâneas do ser” (SOULAGES, 2010, p. 67).

Então, penso que no caso das fotografias praticadas no Instagram não deve ser diferente. Independente do tema fotografado, ali está um exercício de dominação sobre um determinado objeto, que pode ser uma pessoa, uma paisagem, um artefato, e cuja decisão sobre o *como* do clique é, por determinado instante, do ator social. Acredito que esse desejo de soberania, de poder criar uma cena para compor uma imagem, esse “teatro”, seja um elemento importante para interpretar os processos comunicacionais realizados por um certo grupo de fotógrafos do Instagram.

Acredito também que, assim como a fotografia praticada fora das redes sociais, a fotografia publicada no Instagram pressupõe uma série de decisões tomadas pelo ator social. O “teatro” se compõe nessas decisões que vão do momento do clique até sua publicação e são pautadas pelas disposições pessoais dos atores, suas trajetórias, aquisições, descobertas, iniciações, interesses, utilizações etc. Por isso, nesta pesquisa, precisei entender o trajeto que levou uma pessoa a ter um *smartphone*, usá-lo para produzir e publicar fotografias, bem como as interações subsequentes à publicação da foto.

Pretendo, assim, perceber os agenciamentos e endereçamentos realizados pelos atores sociais por meio dos perfis que, como o meu, miram a cidade de Fortaleza, além de fazer uma leitura compartilhada⁶ de suas fotografias e publicações na rede social. O sentido

⁶ Aqui recorro a uma abordagem de pesquisa que percebe os atores sociais não apenas como objetos, mas como produtores de conhecimento. Essa perspectiva concebe pesquisador e pesquisados, ambos, como sujeitos e

dessas restituições é demonstrar se as ritualidades e intenções que envolvem o ato fotográfico no Instagram podem ser encaradas como *performances* fotográficas e se elas rumam no sentido de constituir poéticas de cidade.

1.2 Metodologia

Interesso-me, neste trabalho, por um grupo de atores específico: pessoas que administram perfis⁷ dedicados à realização e publicação de fotografias da cidade de Fortaleza no Instagram. O Instagram⁸ é um aplicativo para *smarphone* que oferece serviços de edição de imagem gratuitos e, ao mesmo tempo, funciona como rede social. Na pesquisa, procuro considerar a maneira como esse novo espaço social, uma rede social que conecta pessoas e oferece serviços de edição de imagens e publicação de fotos, influencia e orienta as ações desse grupo específico que se dispõe a fotografar a cidade.

Para chegar a esse grupo de atores que poderia apresentar disposições semelhantes às minhas, comecei uma busca interna no aplicativo. Usei “fortaleza” como palavra-chave (por meio da *hashtag*⁹ #fortaleza) e encontrei mais de 1 milhão e 800 mil fotografias com essa especificação. Em um primeiro momento, procurei uma cidade e encontrei gente. Não havia tanto fotografias da cidade. Havia, sobretudo, fotografias de pessoas. Eram autorretratos e retratos de gente na Praia do Futuro, no Centro Dragão do Mar, no estádio Castelão. Havia também, em menor número, fotografias de bebidas (cerveja, *drinks*, água de coco), comidas (peixes, frutas e massas). As fotos da cidade estavam ali também, mas de uma maneira muito discreta: a Beira-mar, a Barra do Ceará, a Ponte dos Ingleses, a Praça do Ferreira, a Praça dos Leões etc. Havia ainda imagens de marcas (de roupas, de estabelecimentos comerciais diversos), enfim, gente tentando fazer *marketing* no Instagram, como prega o mercado.

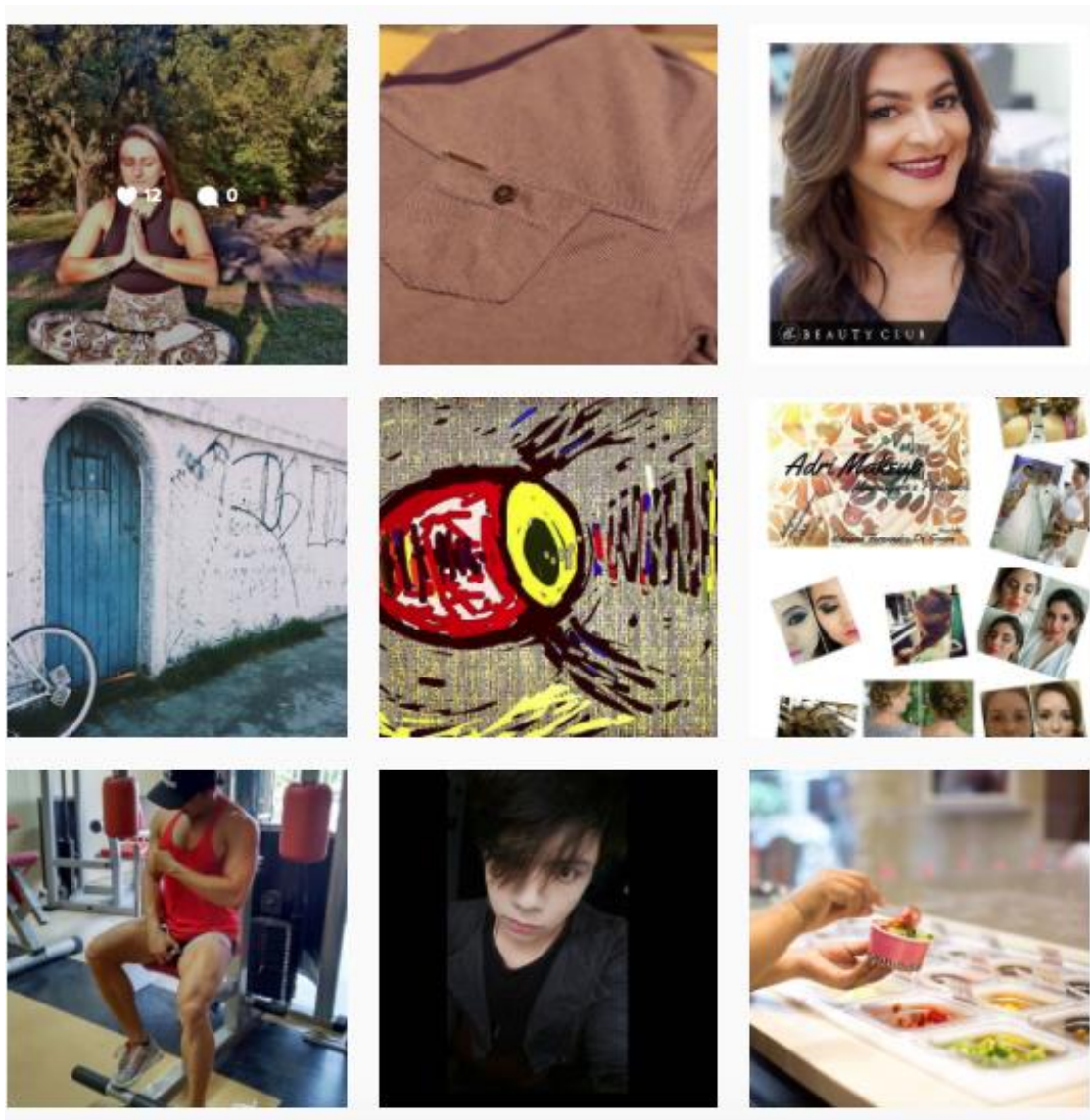
autores. Ao invés de buscar a objetividade, o foco desta pesquisa está na intersubjetividade entre os atores sociais em interação.

⁷ O perfil corresponde à página criada pelo ator social para interagir no Instagram. É nela que ele publica suas fotografias. Mais adiante, descreverei como se dão essas interações no perfil.

⁸ A origem do nome é apresentada na sessão de FAQ • Instagram [?]. O nome é uma contração de duas palavras, “instantâneo” e “telegrama”, e busca traduzir o espírito do Instagram: tirar fotos vinculadas a uma geolocalização e produzir textos para posterior publicação. Dessa forma, o conteúdo do Instagram é sempre uma imagem (hoje em dia, pode ser vídeo também) acompanhada de um texto disponibilizada para um público.

⁹ *Hashtag* ou “etiqueta” é o termo que corresponde ao símbolo # (jogo da velha), usado para classificar, marcar determinados temas dentro do aplicativo.

Figura 2 – *Printscreens* de fotografias do *feed* do Instagram etiquetadas como #fortaleza



Fonte: <www.instagram.com>.

Essa primeira busca mostrou-se insuficiente para a pesquisa, já que minha expectativa de encontrar situações em que o Instagram funcionava como um *dispositivo* de

encontro com a cidade e exploração da fotografia como linguagem não representava quase nada diante daquele mar de imagens. A cidade desaparecia em meio às *selfies*¹⁰.

Optei, então, diante desse volume de fotos e da diversidade temática, por fazer uma amostragem qualitativa de modo a tornar a pesquisa exequível. Já que a busca por imagens marcadas com a *hashtag* Fortaleza (#fortaleza) era volumosa (1.800 fotografias) e dissonante do propósito de ver a cidade fotografada no Instagram, restringi a pesquisa somente àqueles *perfis* que levavam *Fortaleza* no nome, ou seja, em vez de serem perfis personalizados, como @isabel, @joão ou @maria, descobri que alguns perfis se autodenominavam @fortaleza. À época, havia pouco mais de 30 que traziam essa denominação (Anexo V).

Dentre esses, apenas alguns se propunham e cumpriam a proposta de fotografar a cidade sistemática e diretamente. Optei por trabalhar somente com os três primeiros da lista: @fortaleza365, @fortalezamonocromatica e @fortalezaemcores. A escolha se deu tanto pelo *punctum* das imagens, ou seja, as marcas formais que atraíram meu olhar, como pela elaboração de mirar a cidade, fotografar Fortaleza, a partir de alguns aspectos específicos que irei descrever em seguida.

Considerarei também o fato desses perfis terem maior incidência de fotos publicadas, o que na linguagem do Instagram traduz-se na frequência. Considerarei ainda a quantidade expressiva de “postagens” ou “compartilhamentos”. Além disso, eram perfis que apresentavam grande número de “seguidores”, ou seja, haviam conquistado significativa interação com outras pessoas que participavam da rede social.

Para iniciar um diálogo com o campo, procurei adaptar a abordagem de Jon Prosser (2004), que identifica o instantâneo, as maneiras de fazê-lo e utilizá-lo, bem como os rituais que o cercam, como “modo familiar de comunicação visual/pictorial”. Para Prosser (2004), esse modo de comunicação não é aleatório, ou espontâneo. A realização de instantâneos é sempre pautada por uma série de “questões orientadoras” que irão culminar na foto e na maneira como ela será exibida.

Desse modo, segui um modelo descritivo que busca incluir as motivações que levaram os atores a criarem esses perfis de fotos da cidade, os recursos mobilizados para

¹⁰ Derivação da palavra em inglês *self* (eu), *selfie* é o termo usado nas redes sociais para identificar autorretratos.

efetivar suas criações fotográficas e o modo como as características eletivas desses atores aparecem nas publicadas realizadas por eles. Para isso, utilizo uma estrutura, adaptada da proposta de Prosser (2004), que me ajudou a descrever o processo de comunicação e o conteúdo das imagens. Prosser (2004) afirma que a realização de uma fotografia envolve pelo menos quatro “eventos de comunicação”, sendo eles:

1. O Planejamento do evento – como o ator decide formal ou informalmente realizar fotografias;
2. O momento da foto (quem está diante da câmera) – o que estrutura a maneira de se comportar com a câmera;
3. A edição do evento – as ações que transformam, arranjam ou rearranjam as fotografias;
4. A exibição do evento – a forma como a foto foi publicada e as interações geradas por ela.

Assim, nesta pesquisa procurei entender o trajeto que leva esse grupo específico de pessoas a ter um *smartphone*, criarem um perfil no Instagram (que são fatores anteriores aos eventos de comunicação, mas elementares), bem como descrever alguns fatores que se relacionam mais diretamente com as fotos publicadas, a saber, seu planejamento, o momento da foto, a edição e sua exibição.

Como essas ações são pensadas e como são executadas, qual o sentido delas, que tipo de interação suscitam e quais características formais apresentam é o que apresentarei nos capítulos que seguem.

Procurei realizar uma pesquisa colaborativa, dialógica, pois a [re]visão desses processos de comunicação se dará com a ativa participação dos atores, por meio de entrevistas presenciais, questionários respondidos por *e-mail*, conversas no formato de grupo focal¹¹ e

¹¹ O uso de grupos focais como técnica de investigação científica se deu notadamente a partir dos anos 1970, muito ligado às pesquisas de *marketing*. Nas ciências sociais, a abordagem qualitativa baseia-se em duas grandes referências: a monotética e a hermenêutica. No caso da hermenêutica, o método se apoia na descrição, no entendimento, na busca de significado, na interpretação, na linguagem e no discurso, gerando um tipo de conhecimento válido a partir da compreensão do significado do contexto particular (GIORGI, 1995; RADNITZKY, 1970; DILTHEY; WEBER; RICKERT *apud* SMITH, 1994; SMITH; HARRÉ; LANGENHOVE, 1995).

leitura compartilhada das fotografias. Esses recursos me parecem necessários para a construção compartilhada dos sentidos e das motivações que levam os atores a fotografar a cidade e não a eles próprios, como ocorre na maioria dos casos no Instagram.

Usei essa metodologia para chegar às categorias de análise desta pesquisa. Procurei demonstrar, por exemplo, se o que existe de padrão entre os perfis analisados, além da tematização da cidade no Instagram, é a possibilidade de tornar pública uma visão pessoal sobre Fortaleza, e em que medida essa cidade recortada atende a imperativos de visibilidade pessoal (já que o Instagram é uma rede social).

Descrevi ainda como essa visão pessoal, que se constitui a partir das disposições de cada ator social, territorializa¹² a cidade, e investiguei se essa territorialização tem elementos suficientes para compor poéticas de cidade. Nesse caso, que cidades estariam emergindo desses agenciamentos nas telas dos *smartphones*? São essas as questões que orientam este estudo.

¹² A noção de território discutida por Guatarri (1985) traz a subjetividade como fator regulador de constituição dos espaços, um conceito de interpelação micropolítica que diz respeito à cidade, uma “ordem de subjetivação individual e coletiva”. “O território funciona em uma relação intrínseca com a subjetividade que o delimita” (GUATARRI, 1985, p. 110).

2. MIRANDO FORTALEZA NO INSTAGRAM

O Instagram é um aplicativo gratuito para *smartphone* que edita fotografias e permite sua publicação segundo um modelo de plataforma que ficou conhecido como “rede social”. As redes sociais são serviços *on-line* que operam sob uma lógica de “compartilhamento” de dados em “rede”. No caso do Instagram, isso significa que as fotos editadas e publicadas por meio dele podem ser instantaneamente visualizadas por aqueles que participam da rede.

Pertencente ao Facebook, empresa proprietária de outros três serviços de mensagens instantâneas (Whatsapp, Groups e Messenger), o Instagram é, segundo dados divulgados pelo grupo Facebook, uma rede de 300 milhões de pessoas no mundo¹³. O que diferenciou o Instagram das demais redes sociais foi a velocidade com que ele se propagou. Chegou ao mundo em 2010; em 2015, já tinha 29 milhões de *costumers*¹⁴ no Brasil, o que tornou o país seu segundo maior mercado no mundo.

Fortaleza é a quinta cidade mais marcada no Instagram (Anexo VI). Neste tópico, farei breve exposição de dados sociodemográficos da cidade no intuito de dimensionar o universo sobre o qual trata esta pesquisa, o dos atores sociais que praticam fotografia no Instagram, parcela muito pequena da população, ou seja, aquela que tem acesso à telefonia móvel, à internet móvel e aos aparelhos *smartphones* com câmera. Também esses dados servem de referência para situar o contexto social em que se encontram os atores sociais que realizam as fotos e administram os perfis que têm Fortaleza como tema fotográfico.

Nos seus mais de 314.900 quilômetros de extensão, Fortaleza possui 119 bairros com características de densidade e distribuição de renda bem distintas. Segundo o relatório “*State of the world cities 2010/2011: bridging the urban divide*”, Fortaleza é a quinta cidade mais desigual no mundo. Parte dessa configuração de distribuição de renda tende a refletir-se espacialmente nos bairros da capital cearense, visto que a decisão das pessoas sobre onde

¹³ Pesquisa disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/listas/noticia/2015/04/facebook-revela-total-de-usuarios-de-whatsapp-instagram-videos-e-mais.html>>, acessada em: abril 2016.

¹⁴ *Costumers* ou “clientes” é o tratamento dado pelas grandes corporações de comunicação àqueles que acessam seus serviços.

residir está fortemente condicionada à sua capacidade de renda, disponibilização de serviços públicos (educação, saúde, transporte, segurança) comércio, oportunidades de emprego etc. A situação é ainda mais grave por Fortaleza ser a capital mais densamente povoada do Brasil e a quarta capital em número de aglomerados subnormais (ou seja, ocupações irregulares e/ou ilegais que dispõem de serviços públicos precários). São 369.370 habitantes (16% da população total) nessa situação, de acordo com dados do Censo Demográfico 2010 do IBGE.

Apesar de não ter encontrado dados referentes ao acesso à internet por meio de telefonia móvel especificamente na cidade de Fortaleza, irei expor alguns dados sobre o acesso à telefonia e internet móvel no Ceará. Segundo a pesquisa TIC Domicílios, disponível no *site* nic.br¹⁵ (Anexo IV), há elevado percentual de domicílios no estado do Ceará que possui aparelho celular (73%), no entanto o percentual de acesso à internet móvel ainda é bastante restrito, representando apenas 25% da população. Esse dado é relevante se considerado o cumprimento de um dos elementos do “programa Instagram”: o compartilhamento de fotos *instantaneamente*. Desse modo, a condição socioeconômica dos atores sociais já é um primeiro fator limitante de acesso e participação de uma rede social. Realizar fotografias e participar de uma rede social como o Instagram pressupõe o acesso a certos bens e serviços que a maioria da população do estado não possui.

Aqui faço uma breve apresentação sobre como se participa do Instagram. Primeiro, o ator precisa instalar o aplicativo em seu *smartphone*; em seguida, deve criar uma conta que, no caso, será o perfil a ser administrado. Nesse perfil, o ator irá publicar suas fotografias e acessar todos os demais serviços oferecidos pelo Instagram de forma gratuita, como, por exemplo, a edição de imagens e as interações com outras pessoas.

Para criar o perfil o ator precisa fornecer dois dados: um nome de apresentação e um endereço de *e-mail*, que ficará vinculado à conta. O nome é escolhido pelo próprio ator. Depois, o aplicativo solicita que o dono da conta descreva o seu perfil. Essa descrição varia de acordo com os interesses da pessoa, podendo ser uma descrição de sua profissão (médico,

¹⁵ A pesquisa define como “usuário de internet aquele que acessou a Internet pelo menos uma vez, nos 90 dias que antecederam à entrevista. Estas pesquisas são referentes à população de 10 anos ou mais de idade” (TELECO, 2016). Destacarei alguns dados que são relevantes para o contexto desta pesquisa.

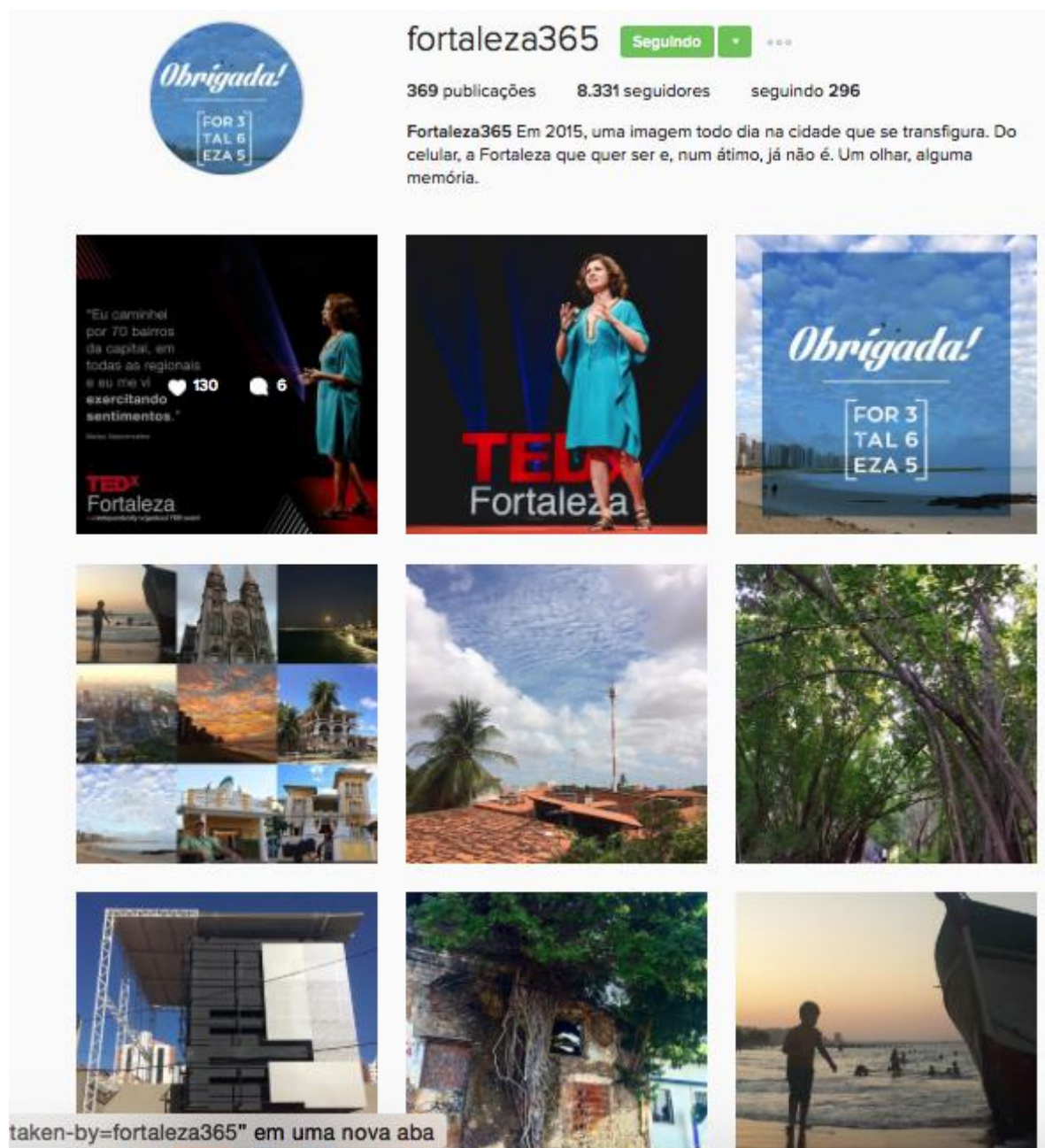
professor, estudante), seu papel social (pai, mãe, filha etc.), o propósito daquele perfil (“aqui você encontra os melhores restaurantes da cidade”) ou uma descrição mais livre, como frases que as pessoas entendam como “definidoras” de si ou da proposta do perfil, por exemplo (“na luta”, “uma amante da vida”, “uma pessoa disposta a viver novas experiências” etc.).

Nesse universo de pessoas que possuem *smartphone*, têm acesso à internet móvel e participam do Instagram, busquei encontrar aquelas que, como eu, faziam do aplicativo um dispositivo de encontro com a cidade. Portanto, o recorte desta pesquisa passou por uma afinidade pessoal eletiva. Interessou-me localizar experiências que poderiam configurar-se como uma forma de (re)conhecer Fortaleza. Minhas disposições, minha história de vida, idade, meu estilo de vida foram elementos ativos no processo de escolha dos atores com os quais trabalhei. Antes mesmo da chegada ao campo esses aspectos foram fundamentais, pois a partir deles vislumbrei o campo. Assumir uma identificação entre a pesquisadora e os pesquisados foi, nesse sentido, uma atitude primordial neste trabalho.

Farei uma rápida apresentação das propostas dos três perfis de Fortaleza escolhidos para depois, oportunamente, problematizá-las. O primeiro, @fortaleza365, é administrado pela jornalista Maisa Vasconcelos. No cabeçalho de descrição do Instagram, Maisa resume a proposta: “uma imagem por dia na cidade que se transfigura. Do celular, a Fortaleza que quer ser e, num átimo, já não é. Um olhar, alguma memória.” (descrição transcrita do perfil @fortaleza365)¹⁶. Em resposta a um dos questionários elaborados por mim, Maisa explica, em poucas palavras, o que a mobilizava nesse intento: “iniciar uma ‘conversa’ sobre a cidade, mostrar lugares, pessoas e movimentos, além de conhecer o que ainda era desconhecido. Também um jeito de buscar realização pessoal, através de um projeto com narrativa sobre memória” (Maisa Vasconcelos, em questionário elaborado pela autora).

¹⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/fortaleza365/>>. Acesso em: 2015.

Figura 3 – Printscreen da página de apresentação inicial do perfil @fortaleza365



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortaleza365/>>.

Conforme disse anteriormente, a escolha dos perfis se deu a partir de fatores objetivos e subjetivos. Escolhi, dentre os perfis que tematizavam a cidade, aqueles com

significativo número de seguidores, por considerar esse dado como sendo um índice da capacidade de mobilização. No caso de @fortaleza365, a audiência era expressiva, havia 8.331 pessoas acompanhando o projeto. As fotos publicadas por Maisa quase sempre remetem à ideia de uma cidade em transformação, apresentando modos de vida ainda resistentes à lógica cosmopolita, conforme explica:

Eu vinha vindo com um ajuntamento de desânimo com a cidade que cresce de maneira desordenada, olha pouco para o verde, pra memória, não é? A cidade desmemoriada, a cidade desmiolada, esquecidinha, a cidade amostrada que só quer prédio, vidro e pisos de porcelanato. Eu digo: gente, oi, cadê essa outra Fortaleza? Porque as pessoas têm a tendência a dizer, ah! ninguém senta mais na calçada. Então eu queria juntar essas duas coisas: voltar a minha vontade de ficar na cidade e reencontrar essa Fortaleza que existe de fato. (Maisa Vasconcelos, em entrevista à autora).

Maisa relata que o dispositivo criado por ela, “uma foto por dia”, não irá se dar de modo aleatório. “Chegou um momento do projeto em que eu fiz uma lista de lugares e pessoas que eu queria mostrar” (Maisa Vasconcelos, em entrevista à autora). Com esses elementos, destaco uma intencionalidade (“reencontrar a Fortaleza que existe de fato”) e uma audiência que atravessam as fotografias publicadas em @fortaleza365.

Já o perfil @fortalezamonocromatica tem menos seguidores: 2.638. Mas a questão do *punctum*, a maneira como são compostas as imagens, esteve entre os fatores decisivos para incluí-lo na pesquisa. Esse é um perfil administrado por duas pessoas: o graduado em psicologia Renan Matos e o professor de matemática Davidson Rodrigues. As fotografias postadas são de autoria dos dois, assim como os textos que acompanham as imagens. Eles definem o projeto como “a Fortaleza de cores vivas clicada em tons monocromáticos” e explicam na primeira publicação: “[...] a ideia dessa página é mostrar sempre em preto e branco, paisagens e pessoas, conhecidas e desconhecidas de Fortaleza, seja um ponto turístico, um objeto, um monumento, uma pessoa aleatória ou um momento, enfim, registros que mostrem o dia dia [sic] dessa cidade, tudo em tons monocromáticos [...]” (descrição transcrita do perfil @fortalezamonocromatica)¹⁷.

¹⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/fortalezamonocromatica/>>. Acesso em: 2015.

Figura 4 – *Printscreen* de página de apresentação inicial do perfil @fortalezamonocromatica



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezamonocromatica/>>.

Na conversa realizada durante o grupo focal, Davidson deu mais detalhes sobre por que optou por criar um perfil em dupla e que retratasse a cidade em preto e branco:

Eu queria criar uma página, mas não queria criar sozinho. Eu gostava de preto e branco, mas via que aqui em Fortaleza tinha pouca gente que fotografava em preto e branco. Porque Fortaleza tem muito das cores, do sol, é sempre isso: paisagem, paisagem, paisagem. E eu comecei a cansar disso. Aí eu comecei a fotografar em preto e branco porque eu acho mais forte, mais sentimental. Aí eu comecei a ver que o Renan também foi pra essa área. Achei massa algumas coisas, algumas ideias parecidas. Aí a gente sempre comentava um a foto do outro, aí a gente começou a conversar pelo Instagram e pelo Whatsapp. E numa dessas conversas eu falei que

queria criar uma página de pessoas e tudo mais, em preto e branco, alguma coisa monocromática, aí ele deu a ideia ‘fortaleza monocromática’. (Davidson Rodrigues em conversa com a autora em agosto de 2016).

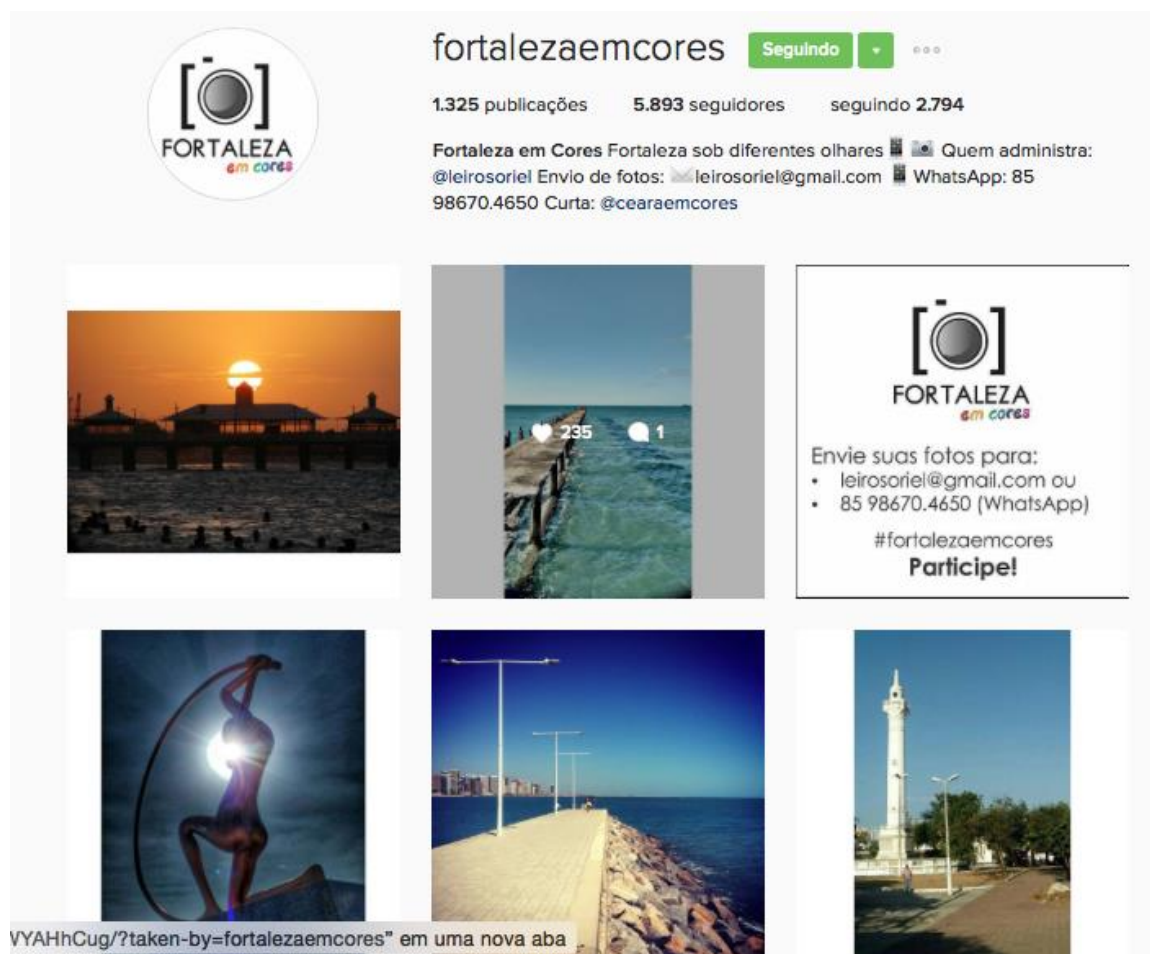
Essa Fortaleza em tons de cinza é só uma entre as inúmeras escolhas que a dupla irá fazer para compor sua galeria de imagens de Fortaleza, e em determinados momentos se justifica pelo incômodo em relação à configuração da cidade, como se o preto e branco funcionasse como uma espécie de metáfora visual daquilo que ocorre com a cidade do ponto de vista do ordenamento urbano. “O cinza que eu falo é o concreto, é o prédio se elevando. Cada vez mais essa cidade tá sendo só de cinza. Quando eu falo de cinza, eu lembro o quanto que os prédios tiram a cor da cidade” (Davidson Rodrigues, em entrevista à autora, em agosto de 2016). Mais adiante irei descrever o processo que envolve a realização e a publicação das fotos de Renan e Davidson em @fortalezamonocromatica.

O terceiro perfil selecionado, @fortalezaemcores, tem 5.893 seguidores. Foi criado pelo jornalista Soriel Leiros. Na descrição, ele é sucinto: “Fortaleza sob diferentes olhares”¹⁸. Ao contrário de Maisa, Renan e Davidson, que são os autores das fotos e textos publicados em seus respectivos perfis, Soriel recebe imagens de outras pessoas (fotógrafos “profissionais ou amadores”) e as seleciona para colocar nesse perfil. Ele explica:

Quería um perfil de viés coletivo. Estava certo de que outros perfis no Instagram já existiam com a mesma proposta. Desse modo, o objetivo era de abrir mais um espaço para fotógrafos (profissionais e amadores) apresentarem seus registros. O Instagram, enquanto rede social, cuja fotografia é o principal foco, seria o espaço ideal para essa partilha. (Soriel Leiros, em entrevista à autora, em agosto de 2015).

¹⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/fortalezaemcores/>>. Acesso em: 2015.

Figura 5 – *Printscreen* da página de apresentação inicial do perfil @fortalezaemcores



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezaemcores/>>.

A partir dessa rápida apresentação dos perfis selecionados, observa-se que as fotografias publicadas nos perfis serão realizadas sempre a partir de certas intencionalidades, que os seus administradores apresentam de pronto. @fortaleza365 tenta mostrar “a Fortaleza que quer ser e num átimo já não é”, e para tal cria o dispositivo “uma foto por dia”. @fortalezamonocromatica buscará “pessoas e paisagens conhecidas e desconhecidas” sempre “em tons de cinza”. @fortalezaemcores, por seu caráter coletivo, mostrará uma Fortaleza sob diferentes olhares, numa tentativa de dar a ver uma cidade “múltipla”, como relatou Soriel em entrevista presencial.

Se François Soulages (2010) estiver correto, fotografar confere ao ator social um poder de criação de uma “cena”, a fotografia como sendo da ordem do “isso foi encenado”, o domínio de um instante que decorre de um “poder” da máquina que detém o tempo” e que torna o fotógrafo o “diretor” e “Deus ordenador” de uma imagem, tudo se passa como uma espécie de “teatro”. O que noto por meio dos depoimentos dos atores e das descrições de apresentação de seus perfis é que, *a priori*, já há um delineamento, um olhar dirigido sobre a cidade, e é essa cidade encenada que será explorada por cada um. No conjunto das postagens, há uma multiplicidade de personagens e cenários fotografados marcados por um modo específico de ver, modo este “ordenado” pelo fotógrafo.

A teatralização é portanto ao mesmo tempo incontrolável e discreta. Um fotógrafo pode ser tentado por duas direções: a da publicidade que constitui um instante eternizado de uma peça de teatro engajada em proveito de uma produção e de um consumo determinados e a da obra de arte. Nesse último caso, o objeto fotografado é desviado de seu sentido mundano para adquirir um sentido fotográfico e, correlativamente, o sujeito que fotografa se designa e assina sua composição (SOULAGES, 2010, p. 67).

O “desvio do sentido mundano” é o que configura a função poética. Segundo Bauman e Briggs (2008, p. 207), a “função poética manipula características formais do discurso para chamar a atenção para as estruturas formais através das quais o discurso é organizado”. Nas fotografias encontradas nos perfis de Fortaleza há uma elaboração textual e visual que conduz o público para as visões recortadas da cidade, vislumbradas pelos atores que as criam.

Considero que, além da ideia da fotografia como “teatro”, tudo se passa como se duas *performances* se sobrepusessem, ou dois momentos específicos de uma mesma *performance* estabelecessem entre si uma solução de continuidade¹⁹: uma mais associada ao ir para rua fotografar e outra que se dá diante do *smartphone* ou do computador, no momento e no pós-compartilhamento privado-público das imagens. É nesse sentido que vejo que o que se

¹⁹As *performances* no Instagram permitem pensar nas relações entre público e privado. Na medida em que a *performance* realizada na rua é marcadamente pública, a *performance* que implica a publicização não estaria mais tão inserida em uma dimensão estritamente privada, já que os perfis são imediatamente visibilizados. Nesse sentido, pergunto: um binarismo público privado ainda daria conta das experiências de comunicação na contemporaneidade?

passa com esse grupo de perfis que miram Fortaleza é uma espécie de uso do Instagram como um dispositivo que encena *performances*²⁰ fotográficas.

Ainda que a *performance* seja um conceito bastante abrangente, com diferentes linhas de abordagem (BAUMAN; BRIGGS, 2008), poderia associar a proposta desses perfis às *performances* culturais, pois correspondem a momentos em que os valores e significados desses atores são ordenados como linguagem, apresentados de forma simbólica. Grosso modo, a *performance* configura-se numa ação marcada por uma ritualidade, uma intencionalidade e uma audiência. Nesse ponto, enxergo uma aproximação da ideia de *performance* com o modelo de análise de Prosser (2004) sobre o “modo familiar de comunicação visual/pictórica”.

Como disse anteriormente, Prosser [2004] situa os instantâneos não como “aleatórios”, mas como algo que se realiza a partir de uma série de “eventos de comunicação”, a saber, o “planejamento do evento”, o “momento da foto”, a “edição do evento” e a “exibição do evento”²¹.

Exponho a seguir como os atores que realizam as fotos e administram esses perfis de Fortaleza executam esses eventos e até que ponto essas *performances* poderiam ser

²⁰ Bauman (2008) identifica três concepções principais de *performance* que figuram nos trabalhos antropológicos. A mais antiga dentro da antropologia enfoca a *performance* como um evento de tipo especial e marcado, tal como rituais, festivais, feiras, espetáculos, mercados, e assim por diante, chamados na literatura de “*performances* culturais” (SINGER, 1972), “eventos de *display*” (ABRAHAMS, 1981), ou encenações [*enactments*] (ABRAHAMS, 1977). A concepção central nesta abordagem é a de que as *performances* culturais são ocasiões nas quais os significados e valores mais profundos de uma sociedade recebem forma simbólica, são corporificados, performados e exibidos perante uma audiência, para contemplação, manipulação, intensificação ou experimentação. A segunda abordagem, encontrada, sobretudo, nos trabalhos de J. L. Austin (1962), encara a *performance* a partir de uma perspectiva da linguagem, sob a rubrica da “performatividade”. Nesse caso, além dos significados, todos os enunciados têm força de ação, encenam (*perform*) uma ação de um tipo particular. É a tradução da palavra como ato. A terceira linha está centrada na *performance* como comunicação habilidosa (*artfull communication*), ou seja, na “poética da *performance*”. É a linha a qual Bauman (2008) se dedica mais. Nessa perspectiva, a ênfase está nas características formais (poética) e nas relações que ligam a forma linguística, a função social e o significado cultural de eventos. No estudo que realiza sobre o mercado público do México e de Cuba, Richard Bauman (2008) oferece um modelo de análise da *performance* dos vendedores que atuam nesses territórios, cujo método é a etnografia. Nesse trabalho, Bauman [2008] se diz interessado em ver “a linguagem em uso”, como um “equipamento para a vida”. “A investigação empírica das maneiras como os atores sociais usam a linguagem como um recurso de efetivação de suas vidas sociais” denota um interesse na prática discursiva, na linguagem em ação. “Qualquer ato de expressão serve ao mesmo tempo para dar voz ao falante que o produz, estabelecer contato com seus destinatários e outros receptores, trazer à tona efeitos no mundo, instanciar a linguagem na qual está codificado, olhar para os discursos anteriores, antecipar discursos futuros e chamar atenção para as propriedades do próprio ato de expressão” (BAUMAN, 2008, p. 5).

²¹ Na metodologia, apresento o detalhamento de cada um desses eventos, segundo Prosser (2004).

articuladas como “poéticas de cidade”²². Por meio dos seus metadiscursos, das fotografias e das interações provocadas por elas, apresento alguns dos rituais e dos significados que os atores atribuem às suas ações e como seus gestos endereçam um modo “territorializado”²³ de ver Fortaleza.

2.1 “Conhecer Fortaleza”, “encontrando um sentido para permanecer na cidade”: algumas fotografias enquanto *performance* no Instagram

Os eventos de comunicação, notadamente o “planejamento”, o “momento da foto”, a “edição” e a “publicação” no Instagram, bem como a existência de uma “intencionalidade” (“iniciar uma conversa sobre a cidade”, no caso de Maisa Vasconcelos; mostrar “a Fortaleza de cores vivas em tons monocromáticos”, no caso de Davidson Rodrigues e Renan Matos; e “abrir um espaço para os fotógrafos amadores e profissionais”, no caso de Soriel Leiros) e a presença de uma “audiência” (os seguidores dos perfis, os atores sociais que interagem curtindo ou comentando as fotos desses atores) podem se configurar como uma “encenação”, como *performance*.

Scherchner (2006) aponta que existem muitas maneiras de entender a *performance*. Qualquer evento, qualquer ação e comportamento podem, segundo ele, ser examinados “enquanto” *performances*. Utilizar a categoria do “enquanto” tem suas vantagens, pois ela guarda o caráter provisório das coisas, seus processos, que mudam através do tempo.

²² A *performance*, segundo Bauman e Briggs (2008), coloca o ato de falar em destaque: “o objetifica, o destaca parcialmente de seu cenário de interação e o oferece para avaliação por uma audiência”. Com isso se quer dizer que há um processo de descontextualização e outro de recontextualização dos textos. Enxergar a fotografia da cidade enquanto *performance* supõe que há uma deliberada intenção em deslocar os signos visuais escolhidos para o compartilhamento no Instagram para colocá-los sob um novo contexto, que é a cidade “dirigida” segundo o olhar de cada fotógrafo. É esse direcionamento, esse enquadre, que estou supondo que venha a se configurar como uma poética de cidade. Bauman mapeia as dimensões dessa transformação contextual a partir de cinco dimensões: “enquadre”, “forma”, “função”, “localização indicial”, “tradução” e “estrutura emergente” (BAUMAN; BRIGGS, 2008, p. 210).

²³ “Território não é necessariamente um lugar físico, dentro de um ambiente específico. É mais uma metáfora para descrever o processo de apropriação e controle dos espaços por parte dos atores sociais. E estratégias, porque, como temos visto, a estilização pode ser compreendida como um modo característico de engajamento social, de narrativas identitárias que os atores manipulam em suas mãos. Territorializadas e estratégicas, porque a estilização é um projeto criativo, que institui decretos com as quais os atores fazem julgamentos e delimitam seu território” (CHANNEY, 1996, p. 92, tradução nossa).

Nessa perspectiva, proponho olhar as fotografias publicadas pelos perfis que miram a cidade por meio de seus aspectos processuais, ou seja, “como o evento [a foto] se desenvolveu”, “como se manifestou”, “quais objetos especiais utilizados”, “como os eventos são controlados” e “como são recebidos e analisados” (Prosser, 2004).

Os relatos dos atores sociais, colhidos por meio de conversa elaborada no formato de grupo focal, entrevistas face a face e questionários aplicados *on-line*, contribuíram para a percepção sobre suas ações no Instagram.

Início destacando algumas das colocações feitas pelos atores sociais sobre a presença da fotografia e do aplicativo de rede social em suas trajetórias e as motivações que os levaram à criação dos perfis no Instagram, ou seja, quais eram suas intenções ao fotografar a cidade.

Renan Matos tem 27 anos. É graduado em psicologia e morador do bairro Maraponga. É um dos fotógrafos e administradores do perfil @fortalezamonocromatica, que traz cliques em preto e branco da cidade. No encontro com o grupo focal, ele relata²⁴ que, antes mesmo de conhecer Davidson Rodrigues, que administra o perfil junto com ele, as fotografias realizadas e publicadas por Davidson no Instagram despertaram em Renan o desejo de “conhecer” determinados locais da cidade:

Foi por causa dele que eu saí de casa. Foi por causa das fotos do ‘DD’ [Davidson Rodrigues]. Ele batia fotos de locais que eram realmente perigosos e ele descrevia que era ‘um local perigoso, que não dava pra ir, mas eu fui, bati uma foto e corri, tal’. Um dos cantos que ele bateu uma das fotos lá foi no Jardim Japonês, lindas! E eu disse ‘que massa! Vou conhecer!’. Ai ele [Davidson] disse, ‘macho, é a foto que deixou isso [lindo], porque lá tá acabado, tá destruído...’ E a gente não se conhecia pessoalmente. Acho que um mês depois eu fui e conheci e acho que teve uns três cantos que pelas fotos dele me fez sair de casa e conhecer e ter minha opinião, porque é melhor você conhecer e poder argumentar ‘é assim, assim, e tal’. Porque a pessoa fica falando mal de locais da cidade só pelo boca a boca: ‘ah! um amigo meu foi e viu’, ou seja, você fala mal de um canto e não presenciou, entendeu? (Renan Matos, em entrevista concedida à autora, em agosto de 2016).

Esse depoimento mostra que a fotografia compartilhada no Instagram funcionou na trajetória de Renan como um dispositivo para “conhecer” a cidade na qual ele vive, na medida em que ele afirma que as fotos de Davidson Rodrigues despertaram nele uma série de

²⁴ Todos os entrevistados autorizaram sua identificação e a publicação de seus depoimentos, bem como de suas fotos, neste trabalho.

questionamentos sobre como seria presenciar determinados lugares da cidade, fazendo com que ele “saísse de casa” para fazer-se presente em locais onde antes só ouvia falar.

Davidson Pereira Rodrigues, o outro administrador do perfil @fortalezamonocromatica, tem 25 anos e é professor de matemática. Ele mora na Praia do Futuro. Explicou, em questionário aplicado por *e-mail*, que seu envolvimento com a fotografia se deu a partir da compra de um *smartphone*: “Sempre gostei de fotografia, então assim que comprei *smartphone* [o Instagram] foi um dos primeiros *apps* [aplicativos] que me cadastrei e sempre tive a ideia de mostrar tudo ao meu redor, mas não eu mesmo, mas como se o Instagram fosse meus olhos” (Davidson Rodrigues, em questionário respondido à autora, em agosto de 2016). Havia também uma motivação de ordem pessoal, que Davidson nomeou como uma “depressão” e uma vontade de “ir embora de Fortaleza”:

O meu caso, eu acho que a fotografia, o lance com foto, já vem antes do Instagram, só que não era foto como eu mostro hoje em dia, era mais pro lado *selfie* mesmo. Só que eu sempre gostei de editar e tudo mais, na época do Orkut ainda. Só que eu ganhei o celular, fiz o [perfil no] Instagram, mas também comecei a mostrar já outras coisas. Não só o lado *selfie*. Aí eu tive depressão, aí um amigo meu me indicou e eu queria muito ir embora de Fortaleza. Aí, ele é fotógrafo, né? Aí ele disse que muita gente não olha muito Fortaleza. Não conhece tanto quanto acha que conhece. Aí ele deu uma dica: macho, pega o celular um dia e vai andar de *bike* e fotografa. Tu vai ver muita coisa que tu nunca viu na tua vida. Aí é isso (Davidson Rodrigues, em conversa com autora, em agosto de 2016).

A prática fotográfica desses atores gira em torno da constituição de um olhar que pretende revelar uma Fortaleza ainda não vista por eles próprios ou, segundo supõem, pelos outros. Soriel Leiros justifica sua intenção com o perfil @fortalezaemcores: “Na nossa TV, no nosso rádio, há uma carência grande para apresentar a cidade” (Soriel Leiros, em entrevista à autora, em agosto de 2016). Ele acredita que a “apresentação” da cidade passa por uma exposição pública e a forma que escolheu para tal foi compartilhando as fotografias dele e de outros fotógrafos (“profissionais e amadores”) no Instagram, uma rede de 300 milhões de pessoas no mundo. Assim, a inquietação de uma cidade cujo “potencial fica meio escondido” poderia ser de algum modo aplacada.

Fortaleza é uma cidade gigante, com um potencial grande, cheio de ideias múltiplas, acho que é uma cidade bem interessante nesse sentido, mas que ainda está meio que

escondida em relação a esse aspecto, sobretudo o aspecto cultural, eu acho que a cidade ainda tá muito adormecida com relação a isso. A mídia social é, quer queira, quer não, uma ferramenta que a gente tem pra que essas imagens possam chegar pra mais pessoas, não somente quem mora na cidade, mas também pras pessoas que vêm de fora [...] No primeiro momento, eu entendi que a rede social tinha uma visibilidade interessante, então quer queira, quer não, é um canal. Até mesmo por ser gratuito, quer queira, quer não, funcionaria com essa visibilidade. A internet tem uma abrangência um pouco maior (Soriel Leiros, em entrevista à autora em agosto de 2016). [se as reticências marcarem uma supressão da entrevista, usá-las entre colchetes]

Há no caso de Soriel uma tentativa de estruturação da linguagem fotográfica como modo de apresentação de uma cidade que, para ele, merece ser “apresentada”. Essa cidade, conforme ele relata, “é uma cidade gigante, com um potencial grande, cheio de ideias múltiplas”, cujos aspectos “culturais” permanecem “escondidos”. No questionário enviado por *e-mail*, perguntei como ele escolhe as fotos que serão publicadas, no intuito de checar se havia conformidade entre sua prática e sua intencionalidade. Ele explicou:

Praticamente todas as fotos recebidas são postadas. Sejam de locais que já tenham saído ou não, coloridas ou em preto e branco. Digo que o perfil é plural. Apenas administro. Assim, os colaboradores são fundamentais para que o perfil exista. Hoje, disponibilizo dois canais para o envio das fotos: *e-mail* ou WhatsApp, ambas contas pessoais. Este último foi escolhido justamente por considerar que o fator mobilidade ajuda bastante nessa interação e no consequente envio das imagens pelos colaboradores. Algumas fotos, por sua vez, já foram postadas mediante pedido direto de minha parte, pelo WhatsApp, em meu perfil pessoal no Instagram ou por meio do próprio perfil do Fortaleza em Cores. Se vejo uma foto bacana, solicito o envio ao usuário. Outro ponto que gostaria de destacar é que, quando possível, gosto de apresentar informações sobre a imagem, como datas de inauguração dos espaços e outros detalhes (Soriel Leiros, em questionário respondido à autora, em 2015).

Claramente, Soriel sustenta a ideia de uma cidade “plural” ao não fazer distinções entre as fotos que serão publicadas. É particularmente esse o elemento de edição, a territorialização que ele escolhe conferir a Fortaleza. Para dar visibilidade ao que chama de “aspectos culturais da cidade”, Soriel faz uma intervenção de ordem não fotográfica nas publicações: “quando possível, gosto de apresentar informações sobre a imagem com datas de inauguração dos espaços e outros detalhes” (Soriel Leiros, em questionário respondido à autora, em 2015).

O exemplo dado por ele foi a Praça dos Leões. “O nome da praça é General Tibúrcio, então a gente vai conhecendo um pouco de certos espaços através do perfil” (Soriel Leiros, em questionário respondido à autora, em 2015). A localização de onde a foto foi tirada é feita com a ferramenta de geolocalização disponibilizada pelo aplicativo.

Figura 6 – *Printscreen* de fotografia compartilhada no perfil @fortalezaemcores



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezaemcores/>>.

Se alguém se interessar em saber onde fica tal local fotografado, basta entrar no *link* “Praça dos Leões”, que fica no lado superior direito da foto. O *link* é gerado pelo aplicativo automaticamente, cabendo ao ator social apenas informar a localização da imagem.

Figura 7 – *Printscreen* do link gerado pelo Instagram para o local “Praça dos Leões – Praça General Tibúrcio”



Fonte: <<https://www.instagram.com/explore/locations/4302762/praca-dos-leoes/>>.

Soriel classifica sua ação como uma demonstração de um “caso de amor com Fortaleza”. Ele comenta que gostaria de receber “mais participações de outros locais que não os turísticos”; “Praia é uma das fotos que sempre tem uma grande quantidade de curtidas, mas a gente tem um potencial num bairro de periferia, por exemplo, que muitas vezes tá ali escondido, que às vezes a gente passa por ele e muitas pessoas não conhecem” (Soriel Leiros, em questionário respondido à autora, em 2015). Fazendo uma contagem sobre a localização das fotografias compartilhadas no perfil @fortalezaemcores, constatei que muitas delas são de locais já “consagrados” pelo “turismo”. No perfil, há o total de 1.352 fotos de Fortaleza. No universo das 100 fotografias mais recentes, observei que pelo menos 60 tinham o mar ou a praia como cenário.

Não é à toa, portanto, que as poucas fotografias de autoria de Soriel, aquelas que ele se dispôs a realizar e publicar no seu perfil colaborativo, sejam justamente de bairros que não costumam figurar em “cartões postais”.

Figura 8 – *Printscreen* de fotografia do Lagamar publicada no perfil @fortalezaemcores



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezaemcores/>>.

Na Figura 8, temos uma imagem tirada “em movimento” de um campinho de futebol de várzea localizado nas imediações do bairro Lagamar. Esse é um bairro que, apesar de próximo da zona mais rica da cidade, não tem os mesmos padrões de habitação e saneamento, sendo povoado por uma população considerada de baixa renda. Por meio dessa foto, ele realiza sua intenção de dar “visibilidade a lugares e ângulos da cidade que não são normalmente vistos”, conforme relata.

Essa imagem foi feita dentro de um carro em movimento. Eu acho que a gente pode enxergar a cidade sob diferentes ângulos, e na imagem tem um campo de futebol e o Cocó ao fundo, esquecido. Sangra muitas vezes a gente ver um rio com o potencial que a gente tem do Cocó e perceber que o poder público e nós mesmos, os fortalezenses que moramos na cidade, não cuidamos de um afluente tão importante, não só pra história, mas também pra outros aspectos relevantes pra cidade. Então eu acabei fazendo o registro justamente pra isso. Acho que até a legenda tem um pouco disso de ter esse olhar de tristeza, de melancolia, pra ver um rio poluído, esquecido mesmo. (Soriel Leiros, em entrevista à autora, em agosto de 2016).

A retórica do esquecimento se apresentará não apenas nos discursos e *performances* de Soriel, como também nos de Maisa (@fortaleza365) e Davidson (@fortalezamonocromatica). Para eles, fotografar Fortaleza se constitui na recuperação de uma cidade perdida, ou, como coloca Maisa, no encontro com a cidade que “ela conhecia”, a “Fortaleza horizontal” de sua infância. A forma de apresentar a cidade buscada por eles varia. Enquanto Davidson ensaia sobre a monocromaticidade de uma cidade “cada vez mais cinza” por causa dos “prédios que se elevam”, Maisa revela alguns aspectos provincianos da “cidade que se transfigura”.

Mais adiante detalharei os elementos formais das publicações, tais como a escolha das cenas fotografadas, a composição das imagens e os textos que as acompanham, que denotam essas poéticas de cidade que busco identificar em suas *performances*.

Por vezes, as *performances* apontam não para a cidade perdida, mas para aquilo que foi encontrado. É o que ocorre com as publicações de Raissa Caldas no seu projeto #cidadecomamor, que descreverei a seguir. Por hora, chamarei a atenção para o sentido da fotografia na vida de Raissa e como esse sentido incide sobre a mudança em sua trajetória pessoal de percepção sobre cidade.

Raissa tem 22 anos, mora no bairro Meireles e é uma das fotógrafas que colabora com o perfil coletivo @fortalezaemcores. Raissa é formada em publicidade e contribui sistematicamente com fotografias para o perfil administrado por Soriel. Diferentemente de Renan e Davidson, Raissa trabalha como fotógrafa. Durante nossa conversa no grupo focal, ela explicou que sua relação com a fotografia se deu na sua formação universitária: “Eu comecei a fotografar na faculdade. Eu tinha cadeira de fotografia, que normalmente o pessoal que faz publicidade, todo mundo se apaixona por fotografia, todo mundo quer fotografar. Eu aprendi na faculdade e fui fazendo” (Raissa Caldas, em conversa com a autora, em agosto de 2016). Raissa relata que iniciou sua trajetória como fotógrafa primeiro fotografando “flores, plantas”; depois, foi fotografando “eventos, batizados e aniversário”. “E eu gostava disso, ter contato com as pessoas e principalmente de ter esse retorno. Você trata diretamente com o sentimento das pessoas, né?” (Raissa Caldas, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Assim como Davidson, Raissa só voltou o olhar para a cidade, segundo ela, recentemente, quando resolveu permanecer em Fortaleza, em vez de ter uma experiência de viver em outro lugar.

Eu fiz uma viagem pra fora do Brasil e nessa viagem eu passei dois meses na Colômbia e conheci a cultura de lá, as pessoas, tudo muito diferente. E eu adorei! Só que quando eu tá tava lá, eu comecei a pensar assim: como assim? O Brasil é lindo, minha cidade é linda, e eu venho pra fora dele antes de conhecer qualquer canto daqui? Antes disso [da viagem para Colômbia], eu queria morar fora. Queria morar nos Estados Unidos, em qualquer canto fora do Brasil. Depois disso, eu voltei pra minha cidade, onde eu nasci e cresci aqui, aí eu comecei a tomar gosto disso. A gostar de Fortaleza e ir pra cantos que eu nunca tinha ido (Raissa Caldas, em entrevista à autora, em agosto de 2016).

Conforme esse conjunto de relatos, a fotografia se coloca, tanto na trajetória de Raissa quanto na de Renan e Davidson, como um dispositivo que (re)significa a cidade e muda o modo como eles a enxergam. Particularmente, no caso de Davidson e Raissa, a busca por lugares, novos cenários para fotografar, era também uma busca pessoal por um sentido para ficar em Fortaleza.

O mesmo padrão se repetiu no depoimento de Maisa Vasconcelos²⁵, que administra o perfil @fortaleza365. Maisa, que tem 52 anos, mora no bairro Cidade 2000 e é jornalista, explica em seu relato realizado no formato de entrevista que vivia um momento de mudança na vida profissional. Havia atuado como apresentadora de televisão por quase 20 anos e, à época, @fortaleza365 era o seu “primeiro projeto pessoal e intransferível”. Maisa contou que, quando do início do @fortaleza365, em 2015, sua motivação vinha, sobretudo, de “uma necessidade de estar na cidade, encontrando um sentido de estar nela”, uma “meta” para estar na cidade, “enxergando-a de fato”:

Desde o princípio, o que está bem claro pra mim é que eu queria encontrar de alguma maneira um sentido para estar na cidade. A primeira imagem, ela surge e o relato dela já é uma espécie de dizer assim: eu tenho uma meta e se a gente for

²⁵ Por uma questão de incompatibilidade de agenda, Maisa não participou do grupo focal. Por isso, realizei uma entrevista exclusiva com ela, procurando abordar as mesmas questões levantadas com o grupo formado com Raissa, Davidson e Renan.

traduzir a meta é justamente essa: permanecer na cidade. Então é uma decisão pessoal, que não vem do desafio de fotografar, de ser fotógrafa absolutamente, era uma necessidade naquele momento de estar na cidade e de estar na cidade encontrando um sentido de estar nela. E qual é? Eu estabeleci naquele momento que era estar na cidade olhando pra ela, enxergando-a de fato. (Maisa Vasconcelos em entrevista à autora, em agosto de 2016).

Os relatos preliminares de Renan, Davidson, Soriel, Raissa e Maisa permitem afirmar que, para essas pessoas, o Instagram tem funcionado como um dispositivo central de agenciamento de suas ações, no sentido de justificar suas idas ao encontro de uma cidade que estaria “esquecida” ou sendo “escondida” pela grande mídia, uma cidade diferente daquela do “boca a boca” do senso comum, uma cidade ainda por “conhecer”. Essa vontade de conhecer e mostrar a Fortaleza encontrada retroalimenta, para esses atores, o sentido de “permanecer na cidade”.

2.2 Ver e ser visto

Paula Sibilia (2008) fala da emergência de uma “tirania da visibilidade”. Ela seria a base que alimentaria “novos regimes de produção e tematização do eu”. Segundo Sibilia [2008], o “eu privado” que emergiu no contexto das sociedades industriais em oposição ao “eu público” estaria se “metamorfoseando”. Ela aponta a existência de um “deslocamento, um grande movimento de mutação subjetiva” em que os “eixos do eu” são empurrados para outras “zonas”, “do interior para o “exterior”²⁶. Tal configuração, segundo ela, acompanha as mudanças que ocorrem em todos os âmbitos da vida social, compassadas pelos “processos de globalização, aceleração, digitalização e espetacularização do nosso mundo”. Desse modo, fatores como a visibilidade e a aparência estariam balizando o que é cada sujeito.

Apesar de os perfis que miram a cidade não serem necessariamente personalistas, na medida em que invisibilizam *a priori* seus administradores (expresso na escolha de nomear

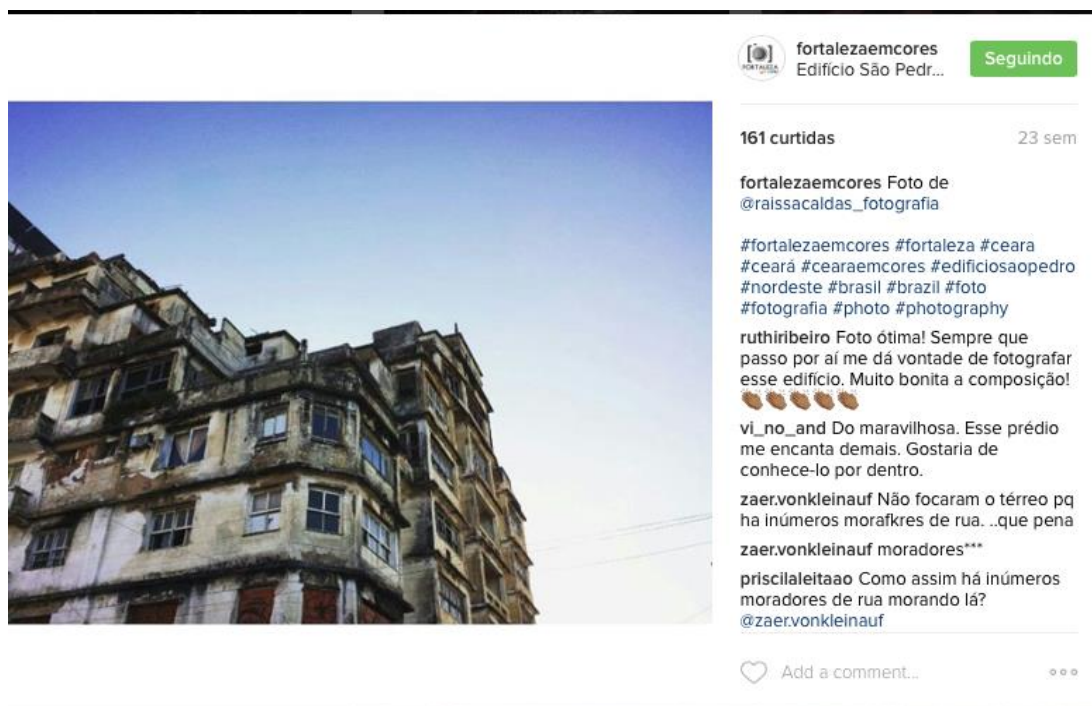
²⁶ Segundo Sibilia (2008), a interioridade moderna começou a ser germinada nos primórdios da Idade Média e ainda irriga nossa cultura até hoje. Nos escritos pioneiros de Santo Agostinho, considerado o “pai da interioridade”, estão a chave para compreender a virada no entendimento do “eu como ser público” (da tradição grega) para o “eu como criatura”. O cristianismo agostiniano imprime a autorreflexão como forma de conhecimento e alcance da verdade. A essa noção se afiliam tanto o romantismo quanto a psicanálise. As ideias de Santo Agostinho renunciaram também o que René Descartes chamou de “voltar-se para dentro”, que significa atingir por meio da dúvida metódica, do exercício radical da racionalidade, a verdade.

o perfil com o nome da cidade e não com seus nomes próprios), neles são costumeiramente deixados indícios de quem está por trás da câmera, pistas de quem são os sujeitos que se dispõem a fotografar a cidade. Essas pistas ou indícios não aparecem na forma de autofiguração direta, os autorretratos (*selfies*) tão praticados pela maioria dos participantes do Instagram, mas na explicitação da autoria das fotografias²⁷.

Raissa, sobre esse tópico da visibilidade, também afirma: “antes do Instagram eu já fotografava. Depois, com ele [o Instagram] que veio essa oportunidade da gente ser mais visível” (Raissa Caldas, em conversa com a autora, em agosto de 2016). Uma parte das fotografias realizadas por ela está publicada no perfil @fortalezaemcores. Esse perfil tem um alcance atual de 2.796 seguidores. Já no perfil pessoal de Raissa, o volume de visualizações é bem maior: são 11.400 seguidores, ou seja, ela consegue atrair mais olhares e mais interação em sua página pessoal postando exclusivamente fotografias urbanas do que quando publica suas imagens no perfil colaborativo @fortalezaemcores.

²⁷ Discutir a visibilidade é particularmente relevante, porque induz a seguinte questão: em que medida a escolha por fotografar a cidade imprime uma poética urbana e em que medida essa poética faz frente, opõe-se ou se apresenta como uma variante da “tematização do eu” na contemporaneidade?

Figura 9 – *Printscreen* da publicação da foto do Edifício São Pedro no perfil @fortalezaemcores



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezaemcores/>>.

Figura 10 – *Printscreen* da publicação da foto do Edifício São Pedro no perfil @raissacaldas_fotografia



Fonte: <https://www.instagram.com/raissacaldas_fotografia/>.

As Figuras 9 e 10 mostram duas publicações que retratam o mesmo objeto: o Edifício São Pedro, localizado na Praia de Iracema. No perfil @fortalezaemcores, 161 pessoas curtiram a imagem. No perfil @raissacaldas_fotografia, 1.116 pessoas curtiram a mesma imagem. O volume de comentários também é maior no perfil pessoal de Raissa (10 para 5). Um dos recursos que aumentam a visibilidade de suas fotografias é, como no caso de Maisa, o uso de *hashtags*. No caso de Raissa, são usadas inúmeras palavras-chave para a foto:

#fotografia#fotododia#fortalezace#fortaleza#beiramar#céu#nordeste#nordestemeulindo#nordestebrasileiro#nordestegram#brasil#brazil_repost#predio#edificiosaoopedro#arquitetura#ceara#cearaemfotos#vocefotografo#cearaemcores#fortalezaemfotos#fortalezaemcores#revitaliza#foto#fotografiaprofissional#igersceara#photo#photographer#curtafortaleza#fotografiaurbana (@raissacaldas_fotografia).

As palavras-chave são um recurso para tornar as fotografias visíveis às pessoas que eventualmente estão interessadas em uma temática específica dentro do Instagram. Elas funcionam como uma ferramenta de busca e dão maior visibilidade às fotografias, como explica Raissa:

Quando posto uma foto, eu marco com as *hashtags*, então os donos das *hashtags* optam por repostar minha foto ou não. Eu utilizo elas [?] porque é uma forma das minhas fotos terem mais visibilidade, porque elas são compartilhadas com pessoas que não conhecem meu trabalho. Vamos dizer que é uma forma de divulgação rápida e prática e tem um retorno bom, porque mais pessoas passam a me ver e consequentemente começam a me seguir no perfil e aí vai. (Raissa Caldas, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

À medida que Raissa nomeia sua imagem, ela a classifica como “fotografia urbana”. Entretanto, Raissa também afirma que:

como tá em processo [a *performance*] é uma questão muito minha que eu não quero que as pessoas me vejam. Então, quando eu chego lá e coloco num canto, tem uma pessoa ali que já viu o que eu tô fazendo. É uma questão muito pessoal que no meu Instagram eu não posto foto minha [autorretrato]. Uma foto que tem minha é meu rosto pela metade. Eu tento me esconder ao máximo, é uma coisa minha. Começa pelo fato de que eu sou super envergonhada e meu objetivo não é que reconheçam o meu rosto. Eu quero que vejam meu trabalho antes de mim. (Raissa Caldas, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Essa mesma classificação aparece nas fotografias de Maisa e de Davidson Rodrigues. Além das classificações (*hashtags*), Davidson atribui sua alta visibilidade no Instagram à estratégia de “seguir outros perfis”. Ao “seguir” uma pessoa, fica estabelecida uma ligação entre um ator social e outro.

A gente foi seguindo algumas pessoas, sabe? A gente seguiu várias pessoas que normalmente já curtiam nossas fotos. Eu segui uma parte, o Renan seguiu outra. Quando chegou nos mil seguidores que a gente tava fazendo, a gente parou e o pessoal começou a seguir aleatoriamente sem a gente marcar ninguém. E também como a gente usa *hashtags*, né, usa #fotopretoebranco, a *hashtag* dá uma amplitude maior e muitas vezes faz com que as pessoas, quando olham a foto, vão lá e adicionem. Principalmente pessoas de outros países. (Davidson Rodrigues, em entrevista à autora, em agosto de 2016).

A *hashtag* é um recurso que liga as imagens dentro do Instagram. Funciona como uma marcação e, como relatei no início deste trabalho, pode eventualmente funcionar como palavra-chave em buscas no interior da rede social. O fato é que, quando um ator cria uma *hashtag* e outras pessoas usam, pode ser um sinal de que mais pessoas estão não só vendo suas fotografias, como também estão interagindo e participando da proposta lançada por um determinado perfil.

No caso do meu projeto *#walkingliveproject*, essa foi uma *hashtag* criada por mim. As pessoas que eventualmente a usaram, o fizeram tendo como referência a proposta que eu lancei de caminhar a pé por Fortaleza. Quando da realização dessa pesquisa, no decorrer do ano de 2016, a *hashtag* *#walkingliveproject* tinha 69 ocorrências, algumas delas não foram realizadas por mim. São de pessoas que se engajaram na proposta.

Figura 11 – *Printscreen* de foto publicada no perfil @celinahissa com a legenda #walkingliveproject



Fonte: <<https://www.instagram.com/celinahissa/>>.

Figura 12 – *Printscreen* de foto publicada no perfil @ninive23nina com a legenda #walkingliveproject



Fonte: <<https://www.instagram.com/ninive23nina/>>. Nota: perfil removido. [não existe mais este perfil]

A hashtag #fortaleza365, criada por Maisa, tem 1.267 incidências. Um número de engajamento impressionante. Chamo a atenção para esse tipo de engajamento porque creio que ele se diferencia da curtida ou do comentário. Ele pressupõe um grau de interação e uma implicação com a ação maior. Conforme a publicação a seguir, as 365 fotos postadas por Maisa, em 2015, geraram 64.833 interações. Na postagem, Maisa agradeceu aos seguidores e recebeu novas interações, a maioria congratulações pelo projeto: “@indicoemfortaleza: parabéns! Trabalho incrível que merece cada vez mais sucesso”; “@edmargfreitas: você me inspirou”; “@eugribeiro: continue é mto bom!”; “@angeladiogeness: Parabéns e muito obrigada por compartilhar conosco tanta beleza de Fortaleza” (transcrição de comentários deixados no perfil @fortaleza365).

Figura 13 – *Printscreen* de publicação do perfil @fortaleza365



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortaleza365/>>.

Ainda nessa publicação, Maisa expõe as nove fotos que foram mais curtidas no perfil: 4 imagens da Beira-Mar, 3 do Centro, 1 da periferia e 1 *portrait*. As fotos da orla de Fortaleza são típicas fotografias de paisagem, ora destacam o céu, ora o mar, ora a aquarela de cores do pôr do sol, ora as luzes da cidade quando anoitece. As do Centro são diferentes: duas que poderiam ser consideradas fotos de arquitetura.

Curiosamente, a fotografia do perfil @fortalezamonocromatica, que despertou o maior número de interações aferidas pelo número de curtidas, não teve o apelo das *hashtags* ou o texto de acompanhamento para atrair os olhares dos demais atores que participam da rede. É, até o momento, uma fotografia do pôr do sol na Praia de Iracema feita por Renan Matos.

Figura 14 – *Printscreen* de fotografia compartilhada no perfil @fortalezamonocromatica



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezamonocromatica/>>.

A fotografia feita por Renan teve 339 curtidas e 7 comentários, além do comentário do próprio autor da imagem. Renan a legendou com a frase “alinhando o mundo torto” e explicitou sua autoria, remetendo ao *link* de seu perfil pessoal. No relato do passo a passo para chegar à imagem que foi publicada, são perceptíveis os elementos de ordenação manipulados por Renan. Ele primeiro imagina a imagem, depois a ensaia de várias formas até conseguir a cena imaginada. A tentativa de encontrar o “novo ângulo” para circunscrever a cidade se repetirá em suas fotografias, assim como o próprio fato de mostrar uma cidade em preto e branco já se configura num modo de territorializar Fortaleza, como será visto adiante. Por hora, gostaria de enfatizar o aspecto interacional da sua *performance*. Renan afirma que, apesar de tê-la publicado, não ficou completamente satisfeito, inclusive dizendo que “não

gosta” da foto. O que o surpreendeu foi o fato de muitas pessoas (a foto é a mais curtida do perfil) terem gostado.

Eu gosto muito de ir pra praia. E quando eu vou pro mar eu fico na areia sentado. E o dia dessa foto aí foi o dia do *show* do Nívea Brasil. Não ia nem bater foto da praia, ia bater foto do *show*. Enquanto não começava, eu tava no mar, tava na areia deitado conversando com a Maiara [namorada de Renan], e aí eu fui bater foto do mar. Aí eu lembrei dessa minha imagem deitado na areia e eu percebi que... pensei, vou me abaixar aqui pra ver como é que fica. Comecei a bater foto do mar, da onda, da onda batendo na areia e aí comecei a ver as pessoas passando pra lá e pra cá. Pensei, vixe! Vou bater umas fotos aqui. Aí fui batendo, entendeu, nessa perspectiva de um ângulo de baixo pra cima, como se fosse uma pessoa deitada e tal. Mas não visando o sol, tava pensando no reflexo. Mas era muito essa perspectiva de como seria se eu estivesse olhando de baixo pra cima, como alguém deitado na areia, como ficaria. Tanto que essa foto aí que eu não gosto dela. Ela me incomoda e não sei explicar. Pensei em apagar, mandei pro DD, mas ele achou massa e o legal é isso, a gente ter a página que a gente posta coisas que a gente não gosta, mas tem uma surpresa, né? Uma resposta positiva bem inversa (Renan Matos, em conversa com a autora em agosto de 2016).

Esse fator de aprovação, apesar de no caso isolado da foto da “praia vista da areia” ter sido uma “surpresa” para Renan, pode-se dizer, pelo conjunto dos depoimentos, que é algo esperado pelos atores. De modo geral, eles utilizam *hashtags* e o ato de “seguir” outros perfis como estratégia de atração para aumentar o alcance de suas publicações.

Além disso, os textos que acompanham as fotos e a explicitação de sua autoria, remetendo aos seus perfis pessoais, acabam por apontar quem está por trás da foto, são mecanismos de auto referência.

Poderia dizer que de uma forma menos acentuada, mas não totalmente ausente, o perfil @fortalezaemcores, administrado por Soriel Leiros e que dá visibilidade aos “fotógrafos amadores ou profissionais”, como ele afirmou em entrevista, também proporciona certa visibilidade ao administrador, na medida em que ele explicita seus dados pessoais no cabeçalho de apresentação do perfil @fortalezaemcores (“quem administra: @leirosoriel Envio de fotos: ✉leirosoriel@gmail.com WhatsApp: 85 98670.4650”) e eventualmente contribui para o próprio perfil com fotos de sua autoria e as apresenta ligando-as ao seu perfil pessoal (@leirosoriel) (Figura 15).

Figura 15 – *Prinstscreen* de fotografia compartilhada no perfil @fortalezaemcores



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezaemcores/>>.

De todos os casos, o de Maisa Vasconcelos é o que parece menos interessado no jogo de visibilidade pessoal. Seus textos não são assinados, não é apresentada a autoria da foto. Ao escolher compartilhar as fotografias em um perfil que não era o seu perfil pessoal (@maisavasconcelos), ela “se retira” visualmente e nominalmente da cena, mas não por completo, pois em determinado momento do projeto ela começa a “republicar” as mesmas fotos em seu perfil pessoal, ideia que abandona logo em seguida, como relatou durante sua entrevista, afirmando que não tinha a “ vaidade” de aparecer como autora ou mesmo nas fotografias:

Tem gente que só sabe que fui eu que fiz o projeto quando ele acabou porque... Se bem que tinha gente que ia descobrindo, porque às vezes eu *repostava* no meu perfil pessoal. Então eles se admiravam, ‘ué? É você? Por que você não diz que é você?’ Porque eu sei que sou eu que tô fazendo. Então, é bacana que as pessoas zerem um

pouco da perspectiva e da expectativa de encontrar um olhar, um tipo de coisa que você vai compartilhar. O projeto surgiu isolado do meu perfil, porque eu queria ter um projeto naquele momento. Eu estava trabalhando como *freelancer*, foi um momento de ruptura na minha vida profissional, eu decidi parar de fazer uma coisa que eu tinha feito há mais de duas décadas. Há 25 anos eu trabalhava em televisão e eu decidi que eu não queria mais fazer aquilo e aí eu fiquei, eu vou fazer o que? Bom, eu vou continuar trabalhando com comunicação, que é o que eu faço, o que eu gosto de fazer e é o que eu sei fazer, mas não vou mais trabalhar em televisão. E aí esse período foi se estendendo como *freelancer* e chegou um momento que eu tava assim meio sem vontades, pessoalmente. Por outro lado, eu vinha vindo com um ajuntamento de desânimo com a cidade, com a cidade que cresce de maneira desordenada, olha pouco para o verde, pra memória, a ‘cidade desmemoriada’, a ‘cidade desmiolada’, a ‘cidade esquecidinha’, a ‘cidade amostrada’ que só quer, só quer prédio, vidro e pisos de porcelanato. Eu digo: ‘Gente? Oi? Cadê essa outra Fortaleza?’. Porque as pessoas têm a tendência a dizer ‘ah! ninguém senta mais na calçada’. Então queria juntar essas duas coisas: voltar essa minha vontade de estar na cidade, o que significava também reencontrar uma cidade que existe de fato! As pessoas acham que elas existem, porque elas não existem numa região ou numa regional. Então eu queria estar mais perto dessa cidade. Separei o perfil justamente pra isso, para ser uma tarefa. Talvez se eu tivesse deixado dentro do meu perfil pessoal, primeiro que eu ia misturar tudo. Não dava! Eu tinha que realmente fazer daquilo uma tarefa e era um projeto. Eu digo, poxa, eu tinha meu primeiro projeto pessoal e intransferível [risos]. E eu digo que eu estou pessoalmente em cada imagem ali, porque sou eu quem toca no dispositivo, na tela, no *touchscreen* pra ajustar a luz. Sou eu por causa do recorte, independente de ter aparecido algo inusitado que apareceu na minha frente, que não estivesse nos meus passos de ir até lá fazer a imagem que me apareceu. Mas eu mesma, só apareço numa sombra, numa foto do Castelão, e noutra eu apareço no espelho. Algumas vezes eu reinei em estar numa *selfie*, mas eu pensei, eu não preciso disso, não preciso dessa vaidade (Maisa Vasconcelos em entrevista concedida à autora em agosto de 2016).

O princípio da invisibilidade não está totalmente contemplado nas situações dos perfis que fotografam a cidade, já que em determinados momentos os atores remetem, nas suas postagens, aos seus perfis pessoais. No caso do @fortalezaemcores, Soriel sempre marca a fotografia com o perfil que lhe concedeu a imagem. No perfil @fortalezamonocramatica, Renan e Davidson sempre anunciam a autoria da foto, mas o fato é que, especificamente no caso desses atores, sua auto-figuração não é central. Não estão interessados em mostrar sua própria imagem como no caso dos perfis de caráter mais personalista, aqueles classificados como *selfies*²⁸.

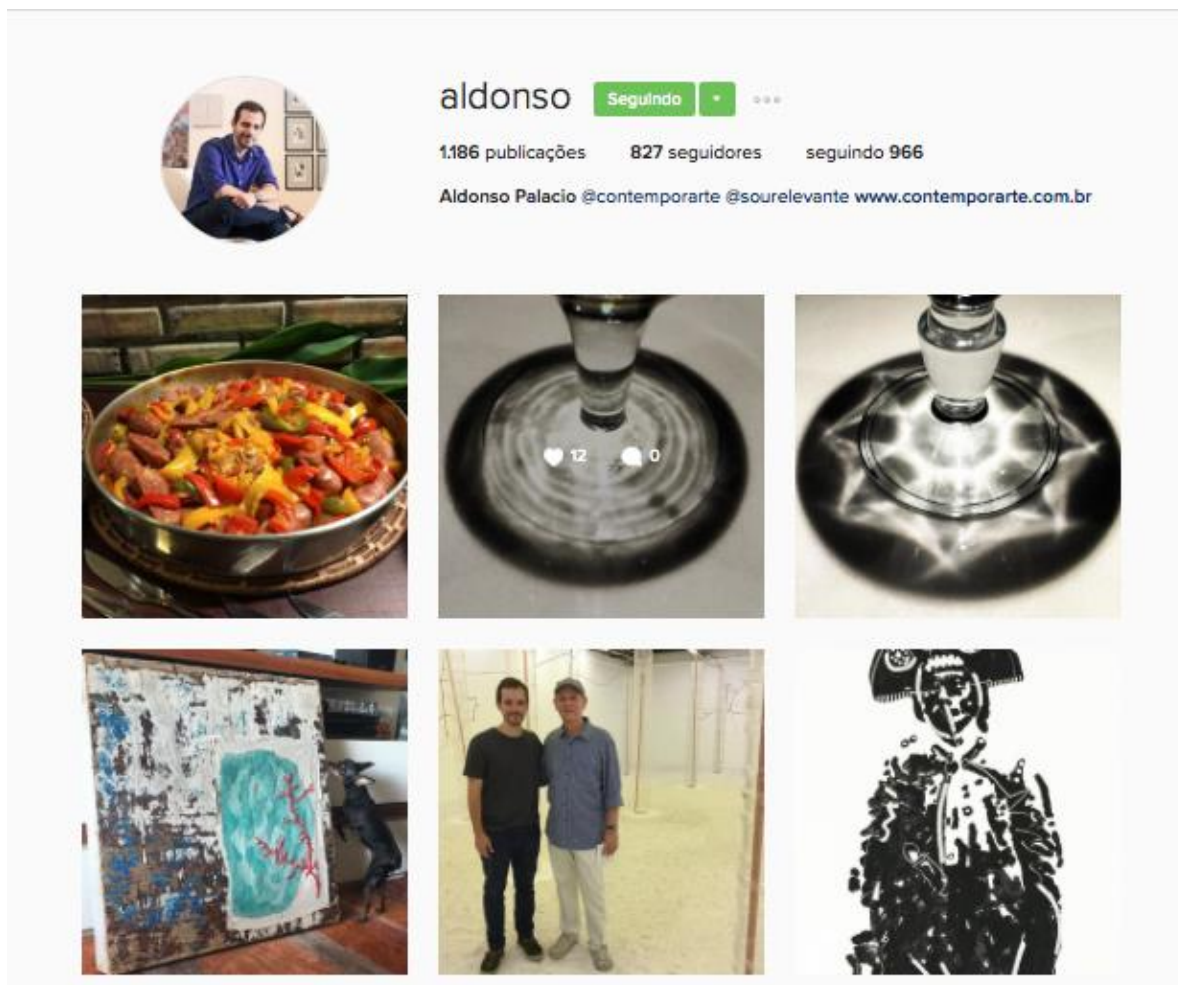
²⁸ *Selfies*, do inglês *self*, significa “si mesmo”, “eu”. No Instagram, as fotos marcadas como *selfie* são, em geral, autorretratos.

Aqui farei uma rápida explicação do que seriam esses perfis tipo *selfies*, com o intuito de deixar mais claras as diferenças de visibilidade entre eles e o tipo de grupo que analiso neste trabalho. Entendo por *selfies* não apenas os autorretratos praticados no Instagram, aqueles em que o ator social aponta a câmera ou o *smartphone* para si, mas também as fotografias que mostram as rotinas dos administradores dos *perfis*, suas práticas de lazer, trabalho, seu dia a dia etc. Ou seja, fotografias em que o ator remete e referência diretamente a si mesmo, mostrando-se, figurando-se e apresentando-se no ciberespaço de maneira direta. Se aplicadas as noções de Soulages (2010) nesses casos, diria que o ator social é, ao mesmo tempo, o diretor e o objeto de suas encenações.

Para exemplificar, escolhi dois perfis que mantêm publicações tipo *selfies*. Fiz a seleção por meio do *feed*, ferramenta de busca que mostra as fotografias publicadas por diferentes perfis, inclusive aqueles que não pertencem à minha rede pessoal. Como disse anteriormente, o *feed* é uma espécie de vitrine em que o Instagram indica possíveis *seguidores* para um determinado perfil.

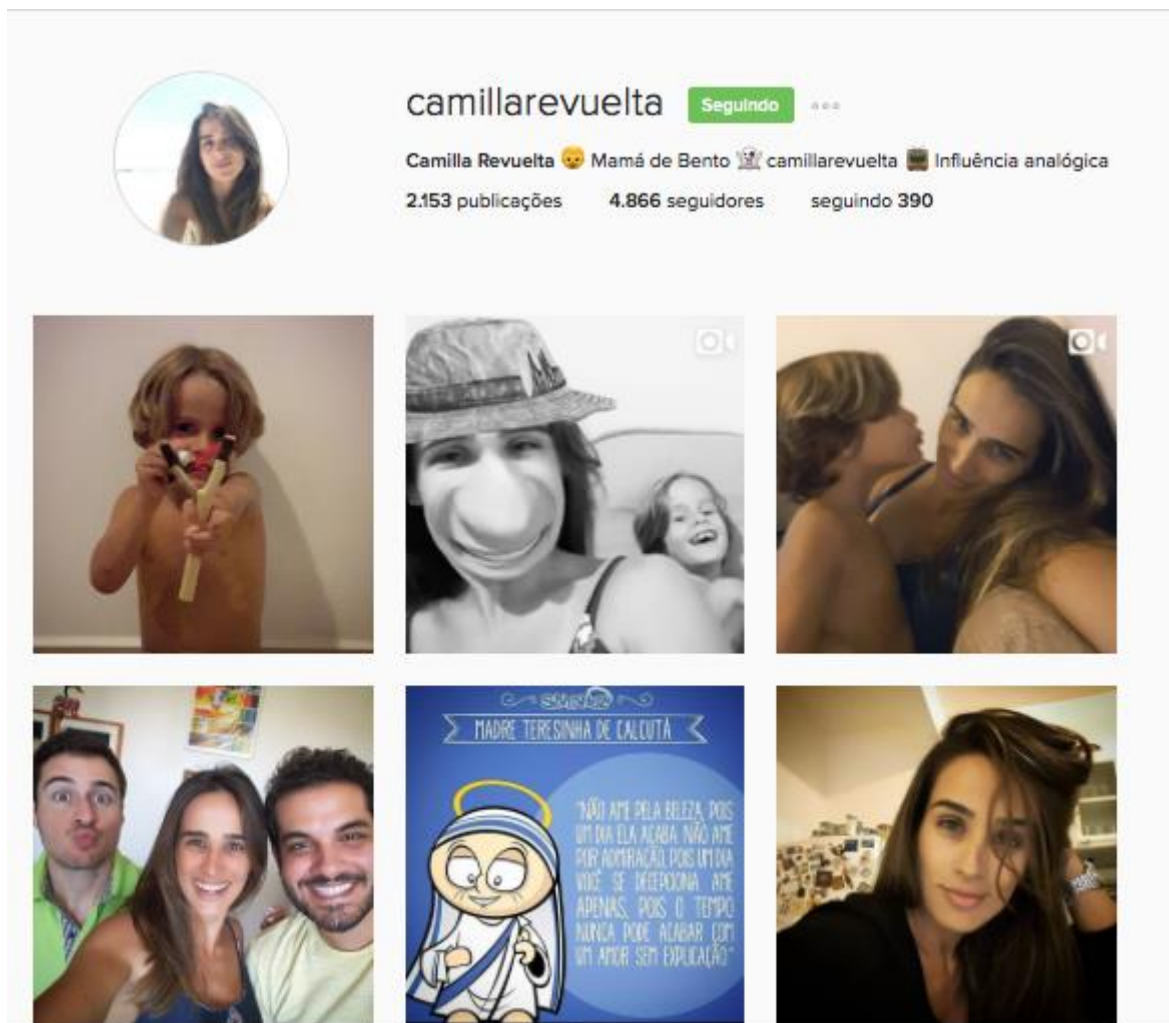
Desse modo, cheguei aos perfis de @aldonsopalacio e @camillarevuelta. Aldonso Palácio tem ensino superior completo, é publicitário, dono de uma agência de propaganda e de uma galeria de arte. Ele tem 34 anos e mora no bairro Meireles. Na apresentação de sua página inicial do Instagram, no campo destinado às informações pessoais conhecido como *status*, Aldonso publicou: “Aldonso Palácio @contemporarte @sourelevante www.contemporarte.com.br”. Além de deixar seu nome e sobrenome, a escrita indica que o ator aproveita o espaço para referenciar sua atuação profissional: @contemporarte é o perfil institucional no Instagram de sua galeria de arte e @sourelevante, o perfil institucional de sua agência de propaganda.

Figura 16 – *Printscreen* da página de apresentação inicial do perfil @aldonsopalacio



Fonte: <<https://www.instagram.com/aldonso/>>.

Figura 17 – *Printscreen* da página de apresentação inicial do perfil @camillarevuelta



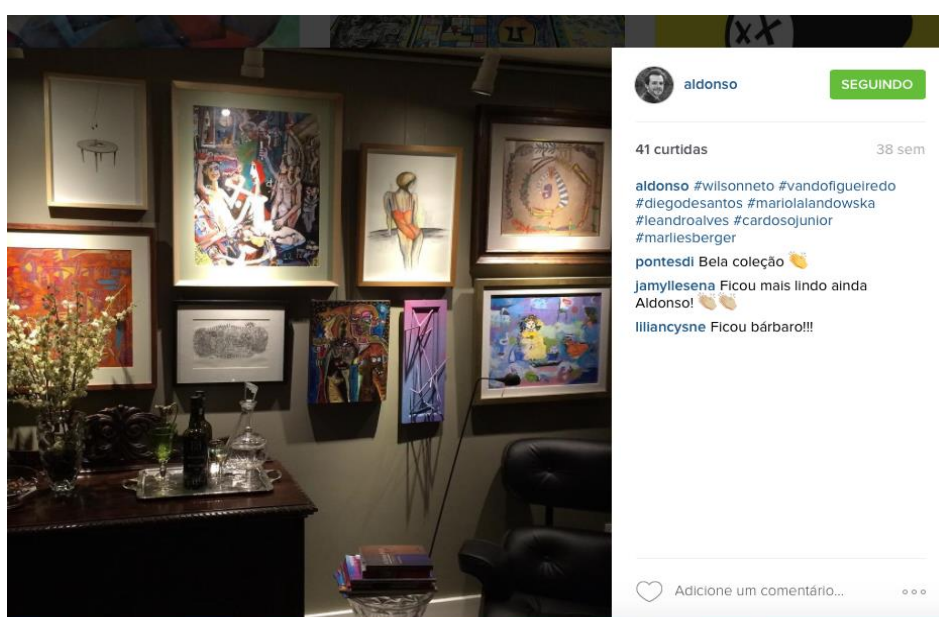
Fonte: <<https://www.instagram.com/camillarevuelta/>>.

Aldonso Palácio publica fotografias de seus amigos e de sua família, dos produtos que consome, de obras de arte, de arquitetura de prédios que visita em suas viagens, como o New Museum of Contemporary Art, desenhado pelos arquitetos modernistas japoneses Kazuo Sejima e Ryue Nishizawa, e o Instituto Tomie Othake, desenhado por outro japonês (nissei) modernista, Ruy Othake. Os prédios também se destacam por sua função: um museu e um centro cultural situados em dois grandes centros mundiais, Nova York e São Paulo.

Aldonso utiliza textos na forma de legendas ou *hashtags* (etiquetas) para descrever as imagens, marcando, às vezes, a localização onde a foto foi tirada. Os textos são sucintos e o conteúdo é variado: às vezes descreve suas emoções diante da imagem, às vezes simplesmente descreve a imagem.

A fotografia mostrada na Figura 18 não possui marcação geográfica, sendo legendada com um conjunto de *hashtags* que se referem aos artistas que assinam os quadros que estão nas paredes: “#wilsonneto#vandofigueiredo#diegosantos#mariolalandowisk [...]”. Obras de arte representam 34% das fotografias publicadas por Aldonso.

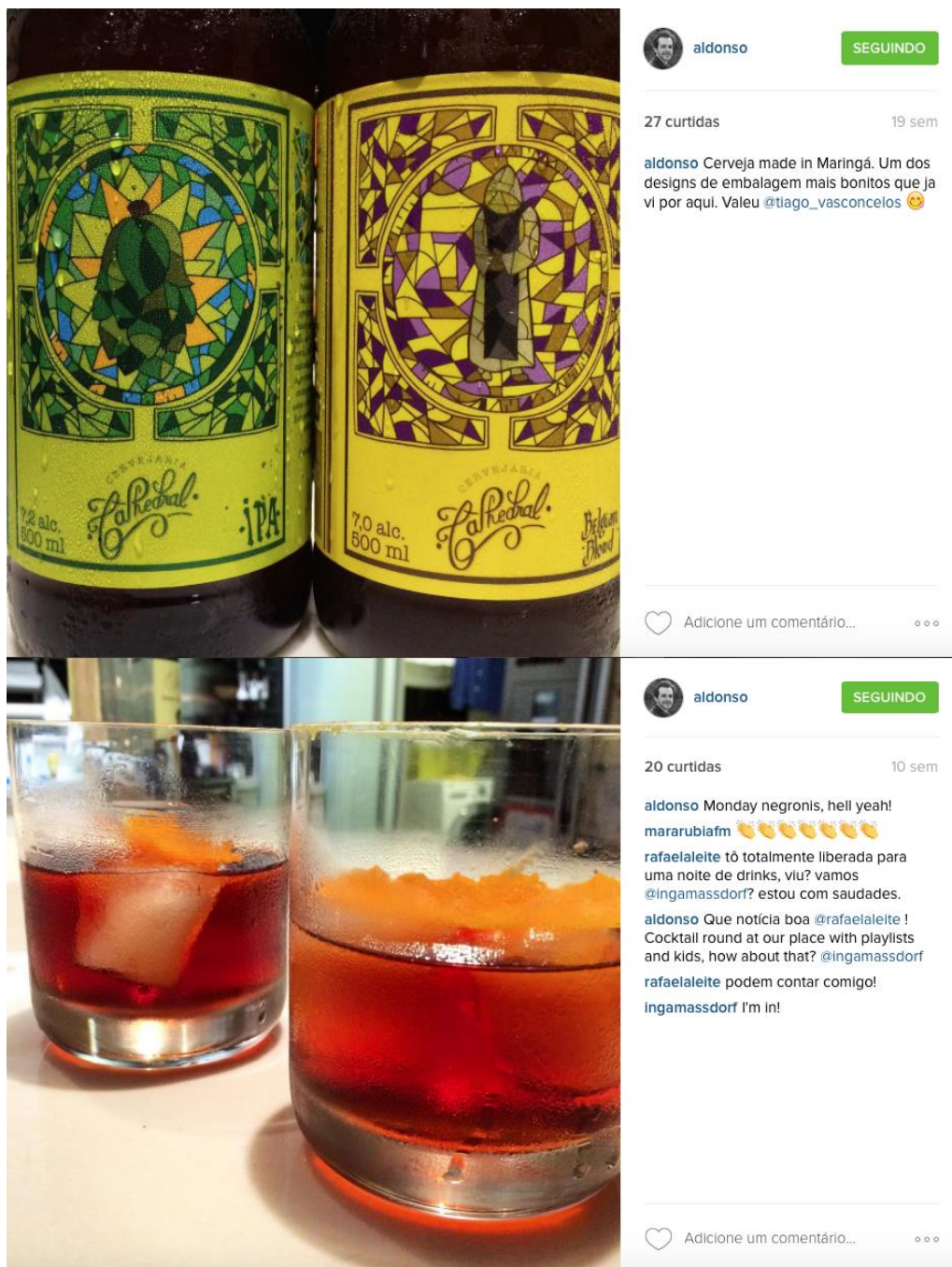
Figura 18 – *Printscreen* de fotografia compartilhada no perfil @aldonspalacio



Fonte: <<https://www.instagram.com/aldonso/>>.

Já a sequência de fotos a seguir (Figura 19), mostram imagens que dão a ver certos gostos de Aldonso. A primeira traz rótulos de cerveja que, segundo Aldonso, é feita em Maringá. A segunda, dois copos servidos de *negróni*, um *drink* italiano. Aldonso legenda a foto utilizando outro idioma, o inglês: “monday *negrónis*, hell yeah!”, o que quer dizer algo como “segunda-feira com *negrónis*, isso mesmo!”.

Figura 19 – *Printscreens* de fotos compartilhadas no perfil @aldonsopalacio



Fonte: <<https://www.instagram.com/aldonso/>>.

A Figura 20 é uma *selfie* em família. Não há nenhuma imagem sequer desse ator social sozinho em seu perfil. Suas *selfies* (mesmo sendo raríssimas, 2% das imagens compartilhadas por ele) sempre trazem alguém de sua família. Aldonso informou em seu questionário que manipula as fotografias antes de publicá-las, mexendo no contraste, no brilho, na cor e em outros recursos de edição oferecidos não só pelo Instagram, como também por outros aplicativos:

Não gosto de utilizar filtros, equalizo as minhas fotos manualmente no próprio Instagram ou em outro editor que tenho chamado Snapseed. Costumo marcar pouco pessoas ou lugares na minha conta pessoal, mas faço muito isso na conta profissional da galeria. Uso também o Layout, recurso do Instagram para criar fotos em mosaico. Já utilizei também outros aplicativos acessórios como o PicFrame e o Instasize, que se tornaram obsoletos devidos às atualizações do IG. (PALACIO, 2016)

Figura 20 – *Printscreen* de foto compartilhada no perfil @aldonsopalacio



Fonte: <<https://www.instagram.com/aldonso/>>.

Agora, vejamos o perfil @camillarevuelta. Camilla é casada, tem 34 anos, mora no bairro Cidade 2000, em Fortaleza. Tem ensino superior completo em administração e *marketing*. Há um detalhe interessante na vida de Camilla que pode influenciar a relação que

ela estabelece com a imagem (além do fato de ter estudado *marketing*). Camilla é filha de fotógrafos e casada com um fotógrafo. Trabalha como administradora da escola de fotografia como sócia do marido.

Em sua página de apresentação inicial do Instagram, o *status* de Camilla está descrito como “mamá do Bento, camillarevuelta, influência analógica”. A maternidade aparece como definidora do perfil de Camilla (mamá do Bento), além de seu nome e, junto, um sinal de predileção por fotografia analógica (“influência analógica”). Ela publica fotografias assiduamente no Instagram, tendo feito mais de 1.000 publicações desde que criou sua conta. No questionário enviado à Camilla, ela explica por que resolveu criar um perfil no Instagram (APÊNDICE A):

I.A.: Por que você começou a usar o Instagram?

C.R.: Para mostrar a loucura e a doçura da maternidade de primeira viagem.

I.A.: O que você gosta de compartilhar no Instagram?

C.R.: Estilo de vida, cotidiano – eu, meu filho, receitas, treinos, lazer, lugares.

I.A.: Em termos quantitativos, você sabe o que você mais compartilha no Instagram?

C.R.: Eu!

Figura 21 – *Printscreen* de fotografia compartilhada no perfil @camillarevuelta



Fonte: <<https://www.instagram.com/camillarevuelta/>>.

As publicações de Camilla, como ela mesma ressalta, giram em torno da vida dela como mãe, mas também trazem outros tipos de encenações. A Figura 22, por exemplo, reflete sua rotina de exercícios e cuidados com a saúde e o corpo. Para essas fotografias, Camilla usa *hashtags* (etiquetas) como “#saudefortaleza”; “#pratiquebemestar”; “#mamãesarada”; “#alimentaçãosaudável” e “#vidasaudável”.

Figura 22 – *Printscreen* de fotografia compartilhada no perfil @camillarevuelta



Fonte: <<https://www.instagram.com/camillarevuelta/>>.

A ideia de “vida saudável” ou de um “corpo sarado” é complementada por publicações como a que segue. Camilla fotografa alimentos como frutas cortadas num liquidificador, acompanhadas de suas respectivas receitas, compartilhando com seus seguidores formas de elaborar um cardápio equilibrado (Figura 23).

Figura 23 – *Printscreen* de fotografia compartilhada no perfil @camillarevuelta



Fonte: <<https://www.instagram.com/camillarevuelta/>>.

O estilo de vida e os gostos pessoais são a tônica dos perfis tipo *selfies*, como se pode observar nas publicações realizadas por Camilla e Aldonso. Para Aldonso, o sentido de participar do Instagram está em “compartilhar a vida pessoal”. Ele entende o uso da rede social como “um cartão de visitas sobre quem somos, o que gostamos e por onde andamos”.

I.A.: Que tipo de retorno você espera ter com as imagens que compartilha no Instagram?

A.P.: Não sei se espero um retorno efetivo imediato. *Likes* são bons, alimentam o ego, mas não é só por isso. Acaba que o Instagram, se bem trabalhado, vira um álbum de recordações maravilhoso. E para pessoas que não são tão próximas, uma espécie de cartão de visita sobre quem somos, o que gostamos, por onde andamos. Acho que espero assim estar mais próximo da memória das pessoas que me são próximas e aquelas que já toquei na vida. Criar uma imagem de mim mesmo, meio real, meio fictícia, que é reproduzida no imaginário dos meus seguidores. É isso que eu espero (APÊNDICE B).

Em seu depoimento, o ator reflete sobre o grau de encenação presente em suas publicações, quando diz que pretende “criar uma imagem” dele mesmo “meio fictícia, meio real”. Já Camilla afirma estar interessada na aprovação de seus seguidores: “mais curtidas, mais comentários, mais alguma reação das imagens” (Camilla Revuelta, em questionário respondido à autora).

Com os exemplos de Camilla e Aldonso, é possível observar que em parte significativa das fotografias do Instagram não predomina o interesse pela exploração de uma poética da cidade ou do cotidiano, mas de uma auto-encenação em que o ator escolhe que elementos e características eletivas de sua vida vai mostrar. As *selfies*, desse modo, cumprem um ritual de auto-apresentação e projeção desses atores sociais no Instagram. Não deixa de haver, nesses casos, uma *performance* de si frente à câmera e às redes sociais²⁹. Essas *performances* se diferenciam daquelas praticadas por Maisa, Davidson, Renan, Soriel e Raissa, pelo menos em relação à maneira como se apresentam, nos seus aspectos formais. Em vez de figurar a cidade, territorializá-la, os atores praticantes de *selfies* escolhem se auto-figurar de forma explícita. Colocam-se diante da câmera, fazem-se presentes na imagem.

Aqui retomo Bourdieu (2006), para interpretar essas diferentes posturas. No modo familiar de uso da fotografia, não há uma indicação de demonstração da constituição de um olhar sobre o mundo, de uma poética da imagem. Ressaltam-se, nesses casos, os aspectos vernaculares da imagem. Mas esse olhar sociológico da imagem não sugere uma polarização entre a fotografia como evidência e a fotografia como construção. Ao contrário, esse olhar empreende que o fotografado é, em muitas circunstâncias, um poderoso coadjuvante do ato

²⁹ Vendo as postagens de Camilla e Aldonso, pergunto-me se elas não reforçam uma “estilização da vida contemporânea”. Em *Lifestyle*, Channey (1996, p. 97) explica que a estilização da vida cotidiana é de fato uma “estratégia de associação comunitária”. Aqui, tomo os conceitos de “estilo” ou “estilização” como um fenômeno de massa, próprio do contexto das sociedades complexas, globalizadas e consumistas. Esse fenômeno, segundo Channey (1996), é típico dessas sociedades, porque está fundamentado na ideia de que “o valor está na aparência das coisas e das pessoas”. Diferenciando *ways of life* e *lifestyle* (“modos de vida” e “estilos de vida”), o autor explica que os atores sociais lançam mão de vários mecanismos para constituírem “referências identitárias” que marcam a ideia de *lifestyle*. Por meio de “estratégias” e “territórios” (ordens de subjetivação), eles manipulam seu espaço social.

fotográfico. Assim, nesses casos de autorretratação, nos perfis que praticam *selfies*, há um duplo controle sobre os eventos de comunicação.

Além disso, a cultura popular da imagem que tanto interessou Bourdieu “considera lícita a transformação de certos momentos da vida, certas situações em imagem fotográfica e considera que outros momentos e situações devem ser interditados à invasão e à visão do fotógrafo” (MARTINS, 2014, p. 16). Estou com isso querendo dizer que existem disposições diferentes diante da fotografia, operando nos casos dos perfis tipo *selfies* e dos perfis da cidade. Apesar de em ambos o aspecto performático da preparação do evento, da sua escolha, edição e exibição estarem presentes, penso que ali estão expostas ordens de subjetivação diferentes. A fotografia daria a ver, a partir desses dois casos, uma diferenciação entre os atores, situando-os em categorias socioculturais distintas: a daqueles que buscam estabelecer uma visibilidade por meio de uma visualidade e a daqueles que buscam estabelecer uma visibilidade por meio da autofiguração.

No capítulo que segue, irei explorar alguns elementos formais presentes nas *performances* dos perfis que miram a cidade com o intuito de tentar responder o questionamento sobre a emergência dessa visualidade que aponta para a constituição de poéticas de cidade.

3 “ESTAR NA CIDADE OLHANDO PRA ELA, ENXERGANDO-A DE FATO”: POÉTICAS DE CIDADE NO INSTAGRAM

“Tantos bairros, tanta história em pouco tempo
Sinceramente, eu só lamento, que a inocência teve fim”

Carlinhos Palhano

3.1 “Um olhar, alguma memória”: Fortaleza, cidade de afetos, cidade saudade

O que seria “enxergar” a cidade “de fato”? Como a fotografia praticada no Instagram poderia revelar uma cidade cujo “potencial fica escondido”? Se François Soulages (2010), citado anteriormente, está correto ao dizer que a fotografia implica constituir um teatro no qual se é o diretor, em que medida pode-se pensar que tal prática seria constitutiva de uma *performance* imagética?

Apresentarei agora algumas das fotografias publicadas pelos atores sociais desta pesquisa, bem como os rituais realizados em torno da captação delas, a maneira como foram expostas no aplicativo (os textos que as acompanham), algumas interações com os “seguidores” dos perfis e os relatos extraídos das entrevistas e do encontro no formato de grupo focal.

Esse conjunto de dados não tem o intuito de apontar leis universais do que seria a fotografia praticada no Instagram como “evento de comunicação” ou “enquanto *performance* fotográfica”. Ao contrário, o objetivo desta pesquisa é elucidar as visões contemporâneas de atores específicos em ação, aqueles que fotografam Fortaleza, num dado tempo e numa dada circunstância. Assumindo uma postura verdadeiramente dialógica, compreendo que os atores têm a capacidade de refletir sobre suas condutas comunicativas, sendo parceiros na construção do conhecimento sobre suas práticas no estudo que ora apresento.

Figura 24 – *Printscreen* da primeira publicação de Maisa no perfil @fortaleza365



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortaleza365/>>.

Em sua primeira postagem no perfil @fortaleza365, Maisa fotografa os telhados que avista da casa de seus pais e descreve a cena como “a cara da Fortaleza que me acolheu”. Quando fez a foto, estava no bairro João XXIII e apresentou o lugar com um texto que traz imagens que estão para além da fotografia, mas que Maisa associa à imagem: “A Fortaleza horizontal, com telhados em *pachwork*, da gente simples, dos pés de planta no quintal, dos almoços de domingo e do alarido da meninada”. Essa primeira publicação traduz bem o espírito que ela manteve em boa parte de suas fotografias, conforme relata:

Eu queria de algum modo voltar à cidade que eu conhecia, até numa perspectiva meio saudosista no início, essa coisa nostálgica... da memória que a cidade me trazia dos quintais... da brincadeira nos domingos... em casa... muita fruta, muito espaço que a gente tinha e eu tava me sentindo meio oprimida numa cidade que diminuía de tamanho, trazia os medos e tal... E eu digo: não! Eu não sei o que eu vou fazer daqui por diante, mas eu quero olhar mais pra essa cidade e até conhecer o que eu não conheço (Maisa Vasconcelos, em entrevista concedida à autora).

Maisa percorreu, ao longo de 2015, 70 bairros, publicou 367 fotografias e conquistou 8.319 seguidores. O projeto teve início no dia 1º de janeiro de 2015 e teve duração de 1 ano. Pedi que Maisa descrevesse o processo de realização das fotos. Em sua entrevista, ela relata que, por vezes, tirava várias fotos no mesmo dia; outras vezes, tinha dificuldade em realizar uma foto. Assim como na primeira publicação, boa parte de suas *performances* se dão no sentido de explicitar uma “Fortaleza que se transfigura”.

Por exemplo, a foto do “vendedor de chegadoinha” (Figura 25). Nessa publicação, temos a imagem de um homem andando na rua, portando um triângulo e carregando uma lata que contém o produto de sua venda. Calçando chinelas de dedo, ele caminha pelos bairros da cidade anunciando, com o recurso sonoro do instrumento que carrega, o doce artesanal que pretende vender. Como em todas as publicações de @fortaleza365, Maisa relata o que a ordenou para realizar a foto.

É lindo ver que, mesmo com a facilidade dos recheados em cada bodega de esquina, o vendedor desses biscoitos ainda faz parte da vida da cidade. Da Fortaleza das ruas de areia, aos caminhos de asfalto, eles resistem e continuam percorrendo os bairros da periferia com o tambor e o triângulo. A cantiga do vendedor de chegadoinha animando a tarde de domingo: essa é a minha Fortaleza (@fortaleza365, 2015).

No caso específico dessa imagem, Maisa conta que estava na casa dos pais quando ouviu o som do triângulo e “correu” para a rua para capturar o instante.

O vendedor de chegadoinha apareceu uma manhã na casa dos meus pais. Tal como a primeira imagem, o ponto de partida era a casa minha infância, [?] o vendedor de chegadoinha também. E tem muitas imagens que são dali. E isso faz todo o sentido, porque o projeto surgiu a partir disso, da minha vivência da cidade da infância e tudo, né? E eu tava em casa, não me lembro que dia da semana era, na casa dos meus pais, foi uma época que eu estive muito lá, por uma série de questões eu estive muito mais próxima dos meus pais nesse ano de 2015, e eu ouvi o triângulo e, do jeito que eu corria quando eu era criança pra aperrear pra alguém comprar a chegadoinha pra gente comer, eu corri, porque eu queria registrar o vendedor de chegadoinha, né? Na minha rua, na casa que eu moro, faz muito tempo que não passa vendedor de chegadoinha. Não é mais tão comum a gente encontrar e, nesse dia, ele passou e eu descí, porque a casa dos meus pais é um sobrado e eu descí correndo e parei ele na hora que ele passava e fiz a foto. Então, eu não programei, não tava combinado, eu não sabia que ele passava naquele horário, é tanto que por várias vezes eu voltei lá na casa dos meus pais nas manhãs pra tentar encontrar ele de novo, porque eu tinha vontade de, se fosse haver exposição do Fortaleza 365, eu gostaria

que ele estivesse lá. Então, eu não programei, ela surgiu. (Maisa Vasconcelos, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Figura 25 – *Printscreen* de foto publicada no perfil @fortaleza365



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortaleza365/>>.

Segundo Maisa, essa publicação é exemplar de sua *performance*, porque “fazia parte daquele projeto inicial mesmo, que era mostrar essa Fortaleza da minha infância, uma Fortaleza que ainda existe. As pessoas acham que essa Fortaleza não existe mais, mas ela continua existindo nos bairros da periferia” (Maisa Vasconcelos, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Há uma espécie de cenário visual de interpelação sobre os significados do que é “viver Fortaleza”. As curtidas sistematicamente trocadas (a *performance* do vendedor de chegadinha teve 134 curtidas e 13 comentários) como índice de aprovação, propriedade, reciprocidade, indicam também a possibilidade de elaboração de discursos de conhecimento

da cidade que passa a ser “de fato” pela tela do celular. Uma cidade que guarda configurações tipológicas de uma pequena cidade “horizontalizada” e preserva práticas socioculturais de uma ordem não metropolitana, “a Fortaleza da minha infância”, onde “não é mais comum” encontrar um vendedor ambulante de um doce tradicional feito de modo artesanal, “o vendedor de chegadinha”.

As demais publicações de Maisa seguem esse mesmo padrão. Ela busca e mira seu celular para poetas andarilhos, conversas na calçada, árvores que sobrevivem em meio “à selva de pedra”. O perfil @fortaleza365 é povoado por vendedores ambulantes, feirantes, barbeiros, artesãos, artistas de rua, pedintes, carroceiros, costureiras, crianças, velhos, amantes...

Aqui gostaria de destacar um outro ponto da *performance* de Maisa. Diferente do que ocorre no perfil @fortalezamonocromatica (que descreverei em seguida), Maisa estabelece uma aproximação com as pessoas que ela fotografa, na medida em que perfila seus personagens. Maisa estabelece um contato por meio de conversas e as transforma em narrativas que acompanham suas fotos. As narrativas, nesses casos, elucidam não apenas o momento como a foto foi pensada e realizada, mas também um pouco da trajetória, uma perspectiva sobre a história desses personagens. Existe no perfil @fortaleza365 uma série de publicações que poderiam ser encaradas como *portraits*.

Figura 26 – *Printscreen* de foto do figurinista trans Dami publicada no perfil @fortaleza365



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortaleza365/>>.

Figura 27 – *Printscreen* de foto do casal de viajantes Enio e Meire publicada no perfil @fortaleza365



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortaleza365/>>.

Figura 28 – *Printscreen* de foto publicada no perfil @fortaleza365



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortaleza365/>>.

Os afazeres dos “personagens” captados pelo celular, por vezes, remontam economias arcaicas, como pequenos comércios, escambos e artesanias. A foto de Seu Luiz Nojosa é um exemplo dessa áurea de pequena cidade, situação que Maisa remonta em seu relato sobre o personagem. Há uma tentativa de fazer ver relações de vizinhança e pertencimento, quando ela convida seu pai para o momento da *performance*. O encontro entre os três gera a publicação. Na imagem, um senhor que aparenta mais de 70 anos, sorridente, está atrás de tonéis cheios de grãos. A bodega funciona no bairro João XXIII há 40 anos. Durante o relato, Maisa procura ressaltar elementos de “resistência” às transformações culturais praticadas pelo personagem, tais como a “venda a granel” ou a anotação das contas no “caderninho”. É o bairro que Maisa cresceu. Eis o texto que acompanha a fotografia:

Alguns dos tonéis de cereais ainda são os mesmos. Balcão e prateleiras guardam a mesmíssima disposição. Quando chegou aqui, numa das esquinas quase intactas da pracinha do João XXIII, seu Luiz Nojosa ainda acendia lampião para dar conta de atender aos últimos clientes do dia. Durou pouco. Foi o tempo de concluir a construção da mercearia e ver chegar a energia, em janeiro de 1970. O velho lampião a querosene ficou guardado no depósito, lugar para onde foi, tempos depois, a máquina usada para a moagem do café vendido no retalho. Sobre o balcão, o papel de embrulho e o cortador são a prova de que Seu Luiz nunca se rendeu completamente às mercadorias ensacadas. Enquanto posava pra foto, pude reparar na menina que entregava moedas para, em troca, receber a quantia em... sal! E é assim com o feijão, a farinha, o arroz. E ele recorda a venda também do macarrão e da manteiga nos mesmos moldes. Acredite: ainda é possível sair da mercearia do seu Luiz com meio pão. Mas nem tudo é poesia para o negociante de uma vida inteira. Desde a vinda de Itapebuçu para Fortaleza, em lombo de animal, no final dos anos 1960, talvez tenha deixado ir, junto dos cereais embalados na hora, um tantinho de paciência. Com leveza e simpatia, aos 77 anos, seu Luiz se diz um tanto cansado da atividade. Alguém duvida que ali há também uma missão? [Seu Luiz é parte das minhas quase memórias do bairro. Para reavivá-las, papai estava junto nessa visita amigável. Migramos para cá no mesmo ano, 1969. Desde então, passam pelas mãos de seu Luiz o feijão de corda e a farinha que vão para a despensa. Minhas primeiras Havainas, brancas de tiras azuis, foram compradas lá. (postagem publicada no perfil @fortaleza365, em 2015).

Nessa publicação, Maisa apresenta, além da pequena biografia de um comerciante de bairro, sua identificação com a condição de migrante. Assim como seu Luiz Nojosa, Maisa testemunhou a cidade de Fortaleza e o bairro João XXIII no final da década de 1960. É por essa razão que o gesto de retratar um antigo morador do bairro, acolhido pela mesma cidade que acolheu Maisa pode ser identificado como uma busca por pertencimento. Interpreto que a busca de Maisa pela cidade de sua infância, ou mesmo por novos personagens que habitam a cidade é uma forma dela desenvolver sua afetividade e encontrar “um sentido para estar na cidade” (Maisa Vasconcelos, em conversa em agosto 2016). Como se no contrato com esses elos e vínculos do passado e com aqueles que se formam no presente estivesse o tal sentido para “permanecer na cidade” que tanto mudou.

A imagem do Seu Luiz Nojosa, o vendedor da bodega, foi programada. Foi mais uma vez a partir da casa dos meus pais. Teve um determinado momento do projeto que eu fiz uma lista dos lugares e pessoas que eu queria mostrar, e a bodega da minha infância, uma das bodegas fazia parte, e a bodega do Seu Luiz Nojosa era uma delas. E eu fui lá com meu pai. Eu convidei o papai pra ir, porque eles são amigos, né? (Maisa Vasconcelos, em conversa com a autora, em agosto 2016)

Quando, para realizar essa postagem, Maisa convida seu pai, que é “amigo” do vendedor da bodega, de alguma maneira ela está sinalizando que se interessa não apenas por

uma Fortaleza que guarda na memória, mas por uma cidade viva, que a todo momento pode ser acessada por suas *performances* de aproximação e que em si mesmas são constitutivas de laços sociais. Uma cidade onde a amizade e o pertencimento se renovam em cada postagem.

Ao mesmo tempo que dedica muitas publicações a personagens, é possível encontrar também cenários da cidade, como praças, prédios e monumentos históricos, ou mesmo cenas que revelam costumes e tradições, como rituais religiosos ou os alimentos típicos da cozinha popular: tapioca com café, pastel com caldo de cana, peixe com baião de dois, frutas da estação etc. O repertório de imagens compartilhadas nesse perfil, apesar de diverso, parece sempre apontar para uma cidade que transmuta abarcando o novo e o velho, que acontece nessa articulação de pequenas resistências, que se constitui na borda dos modos de vida mais cosmopolitas, que preserva certos hábitos, práticas e gestos de uma cidadezinha do interior.

No exercício de “recortar paisagens”, escolher cenas, perspectivar espaços para serem compartilhados, @fortaleza365 territorializa uma cidade, seus lugares, e confere um sentido que, se não é singular (a singularidade seria uma impossibilidade nesse caso, porque até mesmo as percepções individuais se formam a partir de construções simbólicas disponíveis, que por sua vez são constituídas no bojo das interações dos indivíduos entre si e com a coletividade, simultaneamente), é, pelo menos, pessoal: uma cidade a ser recuperada, a cidade da sua “infância”. A cidade “de fato” é a que ela mostra na tela do celular, aquela que ela mesma escolhe. A cidade que ela busca é a cidade que permanece em seu imaginário. O “possível” de Maisa está nas pessoas, nas práticas e nos lugares onde ela se reencontra com ela mesma. Há, portanto, um momento especial, uma tática de produzir uma poética de cidade que se alimenta do desejo de criação de Maisa, de dirigir uma cena e formatar uma determinada poética de cidade que se apoia num endereçamento, numa audiência que responde a essa poética. Maisa relata que parte da motivação em continuar o projeto vem justamente das respostas recebidas de outros atores sociais:

Eu comecei a receber muito *feedback* nos comentários. Eu fiquei admirada, foi uma surpresa, porque não teve nenhum tipo de divulgação, e no começo eu não seguia ninguém e começaram a surgir seguidores e eles marcavam as pessoas e diziam ‘olha, eu já tive aí’, ‘muito bacana essa Fortaleza que você tá mostrando na periferia’... Então

esses retornos começaram a aparecer e em algum momento do projeto começou a aparecer gente fazendo do seu próprio bairro, era o @messejanatododia [...] Então, de alguma forma o projeto influenciou ou serviu de inspiração para outras pessoas também. Então, começou muito rápido a aumentar de tamanho, começou a aumentar a responsabilidade, tem mais gente vendo e isso foi muito bacana, foi uma coisa muito orgânica (Maisa Vasconcelos, em entrevista concedida à autora, em agosto de 2016).

Um instantâneo como “modo familiar de comunicação visual/pictorial”, conforme afirma Prosser (2004), não é espontâneo, prescinde de uma série de eventos de comunicação, conforme explicitarei anteriormente. Do mesmo modo, como destacam Bauman (2008), uma dada *performance* está ligada a vários eventos que a “precedem e sucedem (*performances* passadas, leituras de textos, negociações, ensaios, fofoca, relatos, críticas desafios, *performances* subsequentes e similares)” (BAUMAN, 2008, p.5).

Até o momento, percebi que o processo de comunicação desses atores envolve uma intencionalidade, pressupõe uma audiência e promove uma estruturação tal sobre Fortaleza que teatraliza a cidade, territorializa-a dentro de uma certa ordem de subjetividade dirigida pelo fotógrafo. Isso fica claro nas escolhas feitas por Maisa em visibilizar uma cidade que preserva relações de vizinhança, que possui telhados de casas, que é habitada por gente que mantém modos de vida semelhantes àqueles que Maisa viu na sua infância e que dão importância às suas trajetórias de resistência e afetividade. O padrão ordenador de recortar a cidade segundo uma perspectiva particular seguirá nas *performances* dos demais atores, bem como a expectativa da interação.

3.2 “Observe cada ponto”: “#cidadecomamor”

“Eu tenho a mão que aperreia
Eu tenho o sol e areia
Eu sou da América, sul da América
South America
Eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia
Eu sou do Ceará”

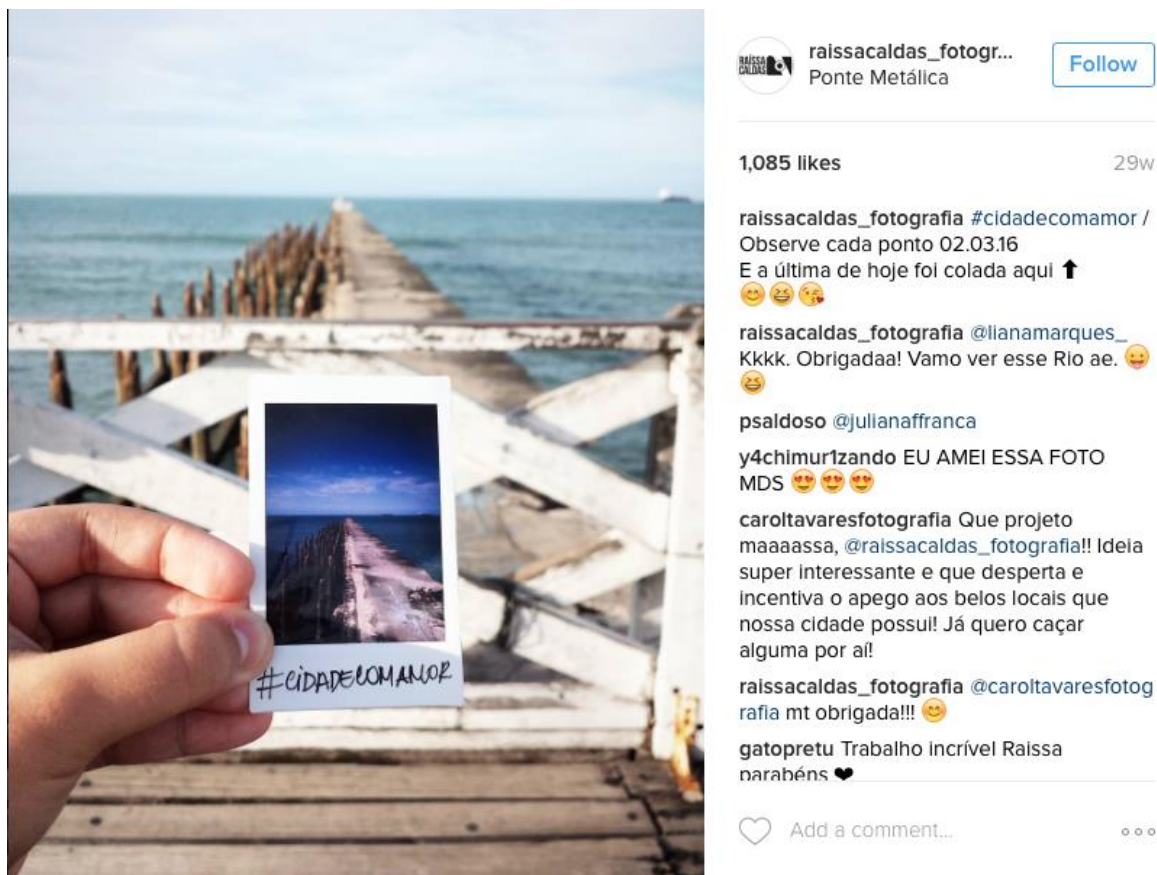
Ednardo

A cidade em seus detalhes é o que vai marcar os discursos e as *performances* de Raissa Caldas, que, além de colaborar com o perfil de Soriel Leiros, o @fortalezaemcores, desenvolve em seu perfil pessoal (@raissacaldas_fotografia) um projeto que denominou “#cidadecomamor”. Em resumo, o evento consiste em deixar uma fotografia revelada em lugares onde há grande circulação de pessoas. As imagens que Raissa realiza sob a *hashtag* #cidadecomamor geralmente são legendadas com pequenas frases que convidam seus seguidores a ficarem atentos a determinados pontos da cidade (“observe cada ponto”, “quem sabe você acha ela por aí”).

Como disse anteriormente, Raissa encontrou na fotografia uma forma de explorar Fortaleza e “tomar gosto” por ela. É sob o pretexto de fotografar a cidade que ela dispara para “cantos que nunca” esteve “antes”. Foi preciso que ela tivesse uma experiência na Colômbia, vivesse uma temporada fora do país, para que se interessasse por sua cidade natal.

Quando eu tava lá eu pensei: como assim? O Brasil é lindo, minha cidade é linda e eu venho pra fora dele antes de conhecer qualquer canto daqui? Antes disso, eu queria morar fora, morar nos Estados Unidos, fora do Brasil, em qualquer canto. Depois disso, eu voltei pra minha cidade, onde eu nasci e cresci aqui, aí eu comecei a tomar gosto disso: de mostrar cantos de Fortaleza e ir pra cantos de Fortaleza que eu nunca tinha ido. Fotografia faz isso, ‘nunca fui pra esse canto aqui’, aí você vai, tira umas fotos super legais e isso acaba ou não estimulando outras pessoas a irem no mesmo lugar. E isso é legal... Então a partir de 2015 minha vida mudou pra isso. Hoje em dia me dedico a fotografar Fortaleza e outras cidades do Nordeste... Então minha relação com a fotografia é bem isso: só depois que eu saí do meu lugar é que eu vi que meu lugar é esse aqui mesmo. (Raissa Caldas, em entrevista à autora, em agosto de 2016).

Figura 29 – *Printscreen* de publicação do perfil @raissacaldas_fotografia



Fonte: <https://www.instagram.com/raissacaldas_fotografia/>.

A *performance* #cidadecomamor expressa, como o próprio nome sugere, esse “gosto” pela cidade. Sua demonstração de afeto, conforme ela elabora, consiste em presentear as pessoas com uma foto de Fortaleza. Na sua criação, a fotografia revelada funciona como um dom que agracia somente quem for capaz de, como ela, reparar em “cada ponto”. Somente para quem se dispõe a *observar*, e não simplesmente *estar* sem ver. O intuito da *performance*, segundo ela, é “despertar o gosto pela cidade e pela fotografia”. As *performances* #cidadecomamor são sempre divulgadas no seu perfil pessoal (@raissacaldas_fotografia) e eventualmente no perfil @fortalezaemcores.

O planejamento do evento se inicia com a escolha do local onde a *performance* irá acontecer, que, segundo Raissa, são preferencialmente aqueles lugares onde há grande

circulação de gente, e com a escolha do equipamento a ser usado, uma câmera Instax Mini, um tipo de Polaróide. Essa categoria de câmera se diferencia das digitais porque precisa de um filme que é revelado na hora pela própria câmera. Diferentemente de Maisa, que utiliza exclusivamente o *smartphone* para realizar suas fotografias, Raissa, ao escolher uma câmera analógica e, posteriormente, realizar digitalmente no celular “uma foto da foto” que será publicada no Instagram, opera com duas ordens de imagens distintas, em que uma se sobrepõe à outra, formando uma dupla *performance*: a que se dá no ato de tirar a fotografia analógica e deixá-la como dom para alguém que, como ela, faça um gesto de amor pela cidade (o gesto de “observar cada ponto”) e uma outra que se dá no momento do compartilhamento (a exibição da *performance* no Instagram).

Depois de fazer a fotografia e revelá-la, Raissa a deixa no mesmo local fotografado, na expectativa de que algum passante a encontre e a leve como presente. Uma espécie de retribuição à cidade pela qual Raissa passou a “ter um amor” e, ao mesmo tempo, uma forma de presentear quem se dispõe a *reparar* em Fortaleza, como ela própria o fez.

Eu pensei assim: a fotografia, que é o que eu mais gosto de fazer, é uma maneira de expor, para que as pessoas consigam ver isso [a beleza da cidade] também. E, conseqüentemente, ter um amor pela cidade que eu tenho hoje em dia, e ter um amor pela fotografia também, que cada vez mais as pessoas tenham esse gosto. (Raissa Caldas, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Conforme apontam Bauman e Briggs (2006), a *performance* está ligada a textos, discursos, desafios anteriores e a *performances* anteriores ou similares. No caso de Raissa, havia o desafio pessoal de “tomar gosto pela cidade”. O contato com a cultura colombiana foi o que a levou a reparar na sua própria cidade. A fotografia, o pretexto para explorar “novos cantos”. A *performance* similar que serviu de inspiração para #cidadecomamor, conforme explica Raissa, foi a “beijo na cidade”.

Faz alguns meses que eu comecei a ver, por exemplo, o Serginho Gouveia, que coloca os grafites dele na cidade com as frases e tudo³⁰, então eu comecei a ver coisas que são

³⁰ Raissa refere-se ao escritor, frasista, poeta, letrista e redator Sergio Gouveia, “criador do projeto Beijo na cidade de frases autorais, originais e criativas”, conforme ele próprio descreve em seu perfil pessoal

intervenções na cidade, que são legais e as pessoas gostam, e acaba de uma maneira, ou de outra, fazendo um bem pra quem vê. (Raissa Caldas, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Figura 30 – *Printscreen* de fotografia compartilhada no perfil de @raissacaldas_fotografias



Fonte: <https://www.instagram.com/raissacaldas_fotografia/>.

A *performance* #cidadecomamor é interpretada por Raissa como uma forma “de fazer um bem” para as pessoas da cidade. Quando a realizou na Estátua de Iracema, ela conta que conseguiu cumprir sua “missão”. Naquela ocasião, percorreu outros dois pontos da

(@serginho_gouveia). Algumas de suas frases podem ser encontradas em vários pontos de Fortaleza: “seja refém de algo que te liberta”, “por onde anda o sujeito do verbo amar?”; “o sol nasceu para todos, mas você nasceu só pra mim” (frases grafitadas em Fortaleza e publicadas em fotos no perfil @serginho_gouveia).

cidade (Ponte dos Ingleses e Jardim Japonês), também deixando fotografias impressas *dos e nos* locais e divulgando a ação no Instagram. Após deixar os instantâneos, ela retorna aos locais para ver se a *performance* se efetivou, ou seja, se alguém encontrou a fotografia.

Quando voltei à estátua de Iracema, fiquei olhando, fiquei distante olhando e vi que a foto ainda estava lá, porque eu acho que a princípio você tem essa curiosidade de saber se vai dar certo ou não. E aí, que fiquei, fiquei, fiquei e foi aí que eu vi: como ela [a foto] é muito pequena, então as pessoas passavam, não olhavam. Eu pensava, ‘gente, é a estátua de Iracema, não tem nada embaixo, é um negócio cinza assim, né?’ Tem a estátua em cima e uma pedra cinza embaixo. Eu preguei na pedra. Só que dava pra ver! Você passava, você conseguia ver, porque era a única coisa branca no meio do cinza. As pessoas iam, tiravam foto, abaixavam, levantavam, pegavam um negócio, faziam tudo e ninguém via essa foto. E eu ficava assim, né? Olhando, distante. Aí é que tá, como eu pensei: como as pessoas não prestam atenção. Elas estão ali, mas elas não estão ali. Então, depois, eu acho que, de uns 20 minutos, talvez, meia hora, um rapaz veio e o mais massa foi isso, porque ele veio, olhou, aí pegou assim, levantou, passou meia hora olhando, aí ele tirou. Aí pronto!! Agora a missão tá cumprida, porque eu consegui fazer o que eu queria e eu saí! E do tempo que eu passei de chegar da ‘estátua de Iracema’ para o ‘Boteco’, ele tinha postado minha foto e tinha colocado meu nome e tinha dito ‘olha o que eu achei, tal’... Então pra mim, nessa hora que eu disse ‘esse era o objetivo que eu queria: alguém chegou e viu’ (Raissa Caldas, em depoimento à autora, em agosto de 2016).

A *performance* #cidadecomamor se efetiva, atinge seu fim, conforme Raissa, quando alguém é surpreendido pela imagem deixada e a leva como lembrança. A troca de fotografias como forma de expressar afeto por alguém é uma prática que remete ao final do século XIX e atravessou quase todo o século XX. Nessas práticas, as fotografias, fossem elas fotos pessoais, fossem cartões postais, eram entendidas como um gesto de apreço entre aqueles que as trocavam: namorados que se enviavam retratos de si, com dedicatórias de amor, familiares e amigos que atualizam notícias e bem-querenças com imagem enviada por correio, revelada em papel fotográfico.

José de Souza Martins (2014), nos lembra como Bourdieu (2006) abordou o uso da fotografia popular e vernacular, aquela desprovida de cuidados técnicos e intenções artísticas, que se guarda em álbuns de família ou em caixas de sapato. Sobre essa fotografia, o sociólogo francês considera que, antes de ser instrumento e anúncio do moderno e da modernidade, ela era assimilada como “peça de afirmação e veículo de valores, normas, instituições tradicionais e costumeiros, seja agregando-se aos significados próprios do rito

matrimonial, por exemplo, seja incorporada como objeto de troca de dons”, não uma anunciadora de um modo de ver, mas, antes, um documento de sociabilidade³¹ (MARTINS, 2014, p.17).

É o que ocorre em parte do evento elaborado por Raissa; precisamente, no primeiro momento, em que ela tira a foto num filme, revela e deixa a fotografia como forma de retribuição a quem cumprir a *performance* de “observar cada canto”. A ação remete a um uso (troca de dons) e a uma técnica (analógica) já não tão correntes no mundo digital e nos tempos de compartilhamento de fotos em redes sociais.

A edição e exibição da *performance* – o segundo evento –, ao contrário, são práticas contemporâneas intermediadas pelo Instagram. Raissa, desse modo, parece criar uma solução de continuidade para temporalidades, para práticas e usos da fotografia distintos, num só tempo.

Assim como Renan, que se surpreendeu ao publicar uma foto que não gostava e ela ter se tornado a foto mais curtida do perfil @fortalezamonocromatica, Raissa comentou que não tinha certeza se alguém havia encontrado a fotografia deixada no Centro Dragão do Mar, como ela havia planejado. Por mais que o ator procure planejar e controlar os eventos que realiza, uma vez que a *performance* é executada não existem garantias do modo como ela será recebida pela audiência a quem é endereçada.

O Dragão do Mar é, querendo ou não, um espaço público, mas privado, e tem muito segurança e tudo mais, então eu não sei se a gente consegue deixar uma coisa assim nesse espaço sem que um segurança venha e retire, né? A princípio, eu tentava sempre colocar num ponto turístico, porque é onde as pessoas conhecem mais, que tem mais circulação. (Raissa Caldas, em entrevista à autora, em agosto de 2016).

³¹ Os estudos sobre os usos pessoais e sociais da fotografia realizados por Bourdieu fornecem rico aparato teórico para se perceber, a partir do modo de fotografar, as diferenças culturais entre categorias ou classes sociais. A classe média e os camponeses, por exemplo, usam “distintas concepções de imagem nos retratos e fotografias que fazem. Funciona como um sociograma que documenta as relações e as posições sociais, como descrição visual de proximidades e distâncias sociais” (MARTINS, 2014, p. 17). A escolha entre realizar *performances* que sugerem uma poética de cidade ou fotos do tipo *selfies* pode estar relacionada ao capital cultural dos atores, estabelecendo-se como um fator de distinção de diferenciação entre grupos sociais. Esses modos distintos de fotografar no Instagram expressariam a vivência e a experiência diferencial numa estrutura de grupos sociais. Falo desse tópico no final do primeiro capítulo, quando discuto visibilidade. Retomarei essa discussão oportunamente, ao final deste trabalho.

Figura 31 – *Prinstscreen* de divulgação da *performance* #cidadecomamor



Fonte: <https://www.instagram.com/raissacaldas_fotografia/>.

As escolhas dos lugares onde a fotografia será realizada suscita em Raissa questionamentos sobre o uso e as condições de acesso a esses espaços, sejam eles públicos, sejam privados. Esses questionamentos não aparecem nas publicações, mas as influenciam. Raissa diz, por exemplo, que nunca fotografou a Barra do Ceará, porque tem “medo”. A condição de mulher e fotógrafa que utiliza equipamentos, tais como câmeras profissionais e lentes, fragiliza-a, e a sensação de insegurança e vulnerabilidade interfere diretamente na escolha dos lugares e na maneira como ela realiza suas fotos.

Eu acho que hoje em dia é muito complicado você fotografar e você ser sozinho, porque quando você vai fotografar, você tem aquele tempo de concentração, que você vai ficar olhando, observando o que tá acontecendo e aí tem uma pessoa do lado falando, ou qualquer coisa desse tipo, aí você perde algum detalhe, mas ao mesmo tempo, eu não consigo fotografar sozinha, eu nunca vou fotografar sozinha,

porque, por causa do perigo, quando você coloca a câmera no olho, você tá vendo só aquilo ali e atrás de você, você não tá vendo. Então pra alguém pegar [a sua câmera, sua bolsa] ali é rapidinho. Então assim, eu sou mulher, ele sozinho com a câmera [aponta para Davidson Rodrigues], olha o tamanho dele, ele não tem tanto medo e eu já tenho (Raissa Caldas, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

3.3 Retratos em branco e preto: uma cidade “em tons de cinza”

“Quando foi, quando foi
A última vez que você
Saiu sem ninguém notar
Sem ninguém te reparar
Onde foi, onde foi
A última vez que você se deixou
Livre sem se retocar
Sem se instagramear
Era só o começo ou uma coisa boba
Era só para se mostrar
E no mar de tanta indiferença
Era o sol que me faltava”

Tiago Iorc

Renan Matos e Davidson Rodrigues não têm a fotografia como atividade profissional. Diferentemente de Raissa, Soriel e Maisa, não tiveram formação em comunicação. A fotografia se apresentou na trajetória deles de maneira diferente. Renan, na conversa em nosso grupo focal, disse que começou a fotografar por causa do Instagram:

No meu caso, eu nunca tinha tido contato com a fotografia até o lançamento do Instagram, em 2010, e aí, utilizando o iPhone emprestado, tanto o dela [Maiara, namorada de Renan] e até o iPad da minha mãe eu fui usando, fui criando gosto, fui gostando dos filtros. Depois fui abusando e deixando de lado e aprendendo a editar. Então, tipo assim, de uns três anos pra cá que eu fui criando mais gosto, foi mais uma coisa social e prazerosa, como, por exemplo, as pessoas dizem que os cantos que a gente visita, frequenta, são desolados e tal, por conta do perigo da violência, de ser um local meio inóspitos e tal, e a fotografia me fez sair de casa! Tipo assim, eu quero conhecer, mas, eu vou pra bater foto. Eu tinha um propósito: não ir só pra olhar, porque, enfim, talvez eu me enquadraria nesse público da cidade de ‘eu não vou, porque [lá] não tem o que fazer. Então a fotografia me motivou a sair de casa, a andar, sentir o local, conhecer (Renan Matos, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Os recursos disponibilizados pelo dispositivo (a edição das fotos, a publicação para uma rede de “seguidores”, a interação com outros atores sociais etc.) promoveram o encontro entre Renan e Davidson e os incentivaram a realizar o projeto @fortalezamonocromatica. Eles se conheceram por meio do Instagram, curtindo fotos um do outro. Aliás, a relação deles se restringe à realização do projeto. “O Fortaleza Monocromática faz 2 anos agora em setembro. Essa, acho que é a terceira ou quarta vez que vejo o Renan pessoalmente” (Davidson Rodrigues, em conversa com a autora em 2016).

Assim como Maisa e Raissa, Davidson começou a fotografar num momento em que revisava sua vida pessoal e buscava um sentido para estar em Fortaleza. Resolveu criar um perfil que explorasse o potencial das imagens em preto e branco, mas não queria criar sozinho. Começou a fotografar em preto e branco por achar mais “forte”, “mais sentimental”. Além disso, como expus no início do primeiro capítulo, Davidson vê nos tons de cinza uma metáfora visual para demonstrar que Fortaleza está cada vez mais verticalizada, urbanizada, uma cidade de concreto e cimento que “perde” cada vez mais suas cores.

O cinza é porque cada vez mais essa cidade tá sendo só de cinza. O cinza que eu falo é o concreto, é o prédio se elevando. Sempre que eu lembro de prédio, eu lembro de cimento, né? E o cimento é cinza, eu lembro do chão, eu lembro de o quanto os prédios tiram a cor da cidade. Se você for ver o Centro, o Centro não é colorido. O Centro é cinza. A Beira-Mar está ficando cada vez mais cinza. Fortaleza é muito colorida, mas com cada vez mais prédios, eu associo muito concreto ao cinza. Toda vez que eu olho pra um prédio, pra mim ali é uma imensidão de concreto, um mar de concreto. (Davidson Rodrigues, em conversa com a autora em 2016).

Figura 32 – *Printscreen* de fotografia compartilhada no perfil @fortalezamonocromatica



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezamonocromatica/>>.

A Figura 32, por exemplo, traz uma fotografia do Parque do Cocó contrastado com uma “muralha” de concreto, os prédios que o cercam. Davidson publica a foto com o título “A cidade em chamas”, provavelmente querendo destacar a fumaça que emerge das avenidas que separam o parque dos prédios. Junto da foto publica um texto que contextualiza o sentido que pretende dar àquela imagem: “o cinza de uma cidade sem vida, a vida de uma cidade sem identidade, a identidade que virou concreto... o horizonte cada vez mais distante, distante do que era, do que foi, do que imaginávamos ser” (Davidson Rodrigues, em publicação no perfil @fortalezamonocromatica). O olhar sobre Fortaleza que se torna “cada vez mais cinza”, em que “as cinzas da cidade em chamas te chamam para ver o cinza”, é o que vai marcar algumas das fotografias realizadas por Davidson.

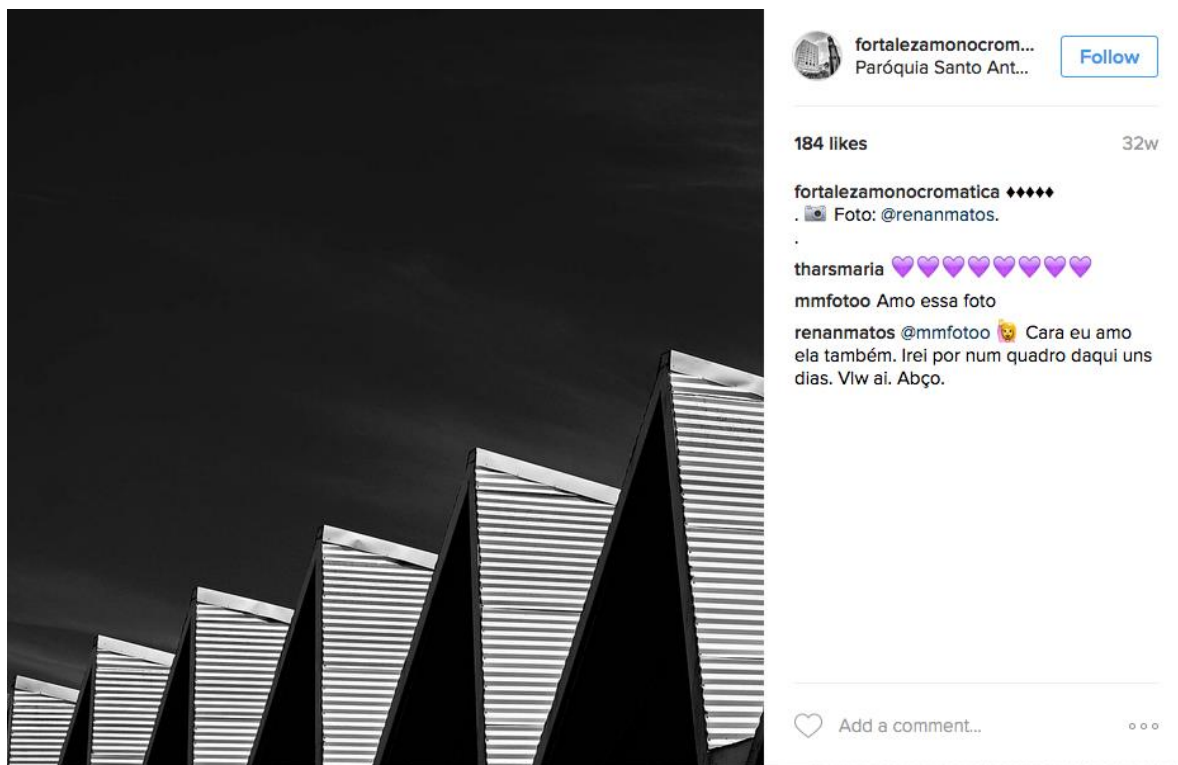
Davidson viu que Renan também estava fazendo o mesmo no seu perfil pessoal. A partir dos comentários que deixavam um no perfil do outro, iniciaram um diálogo sobre fotografia, que culminou com a proposta de criar o perfil @fortalezamonocromatica.

D.R.: O povo não tem um perfil mais como a gente, como eu me identifiquei com o Renan. Tanto que a gente foi lá avaliar [a possibilidade de outros colaboradores], mas ‘macho, não dá certo’. Era muito vazio e diferente das coisas que a gente procura. E com o Renan, não! Com o Renan eu achei mais essa ligação. Acho bem mais forte a ideia dele e tudo mais.

R.M.: Era meio complementar... Não sei se tu lembra... [Renan falando com Davidson] Era novembro de 2015. [Antes disso] No começo do ano, quando eu comecei a olhar as fotos dele e a gente começou a comentar, eu tinha dito a ideia de criar uma página, porque pôr do sol em Fortaleza é Ponte Metálica e Beira-Mar, e eu queria conhecer outros cantos de Fortaleza que a gente podia bater foto massa e tal. Tipo assim: Rio de Janeiro é Pão de Açúcar e Corcovado. Bahia é Farol da Barra. Capital é sempre um ponto turístico, para você conhecer um canto e ver o pôr do sol, sendo que a cidade é enorme, tá entendendo?... Então eu tinha então essa ideia de criar uma página para bater o pôr do sol de Fortaleza de diversas áreas. Só que depois ele [Davidson] veio com essa ideia de Fortaleza em preto e branco e acho que foi uns seis meses depois que a gente entrou num acordo e fez a página. Só que nem eu nem ele queríamos criar só. Acho que tinha um lance de auto-estima meio baixa [risos] e um precisava do outro pra complementar. (Davidson Rodrigues e Renan Matos, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

As fotos publicadas no perfil são, portanto, exclusivamente de autoria de Davidson ou de Renan. Estilisticamente, elas se diferenciam no seu modo de apresentação e no seu horizonte de interesse. Enquanto Davidson publica fotos acompanhadas de longos textos que explicam a situação em que aquela imagem foi realizada, suas impressões e expectativas com aquela composição, Renan limita-se a legendar suas fotos com frases.

Figura 33 – *Printscreen* de foto tipo arquitetura, de Renan Matos



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezamonocromatica/>>.

Renan comenta a diferença entre o modo como ele e Davidson apresentam suas fotos no Instagram:

Eu levo muito da minha ética como psicólogo para a fotografia. O ‘DD’ [Davidson Rodrigues] se expressa muito descrevendo, e ele escreve muito aquilo e eu acho muito massa também, eu vivo elogiando... Mas, eu vejo que limita o que tá sendo visto ali. Tipo, eu posso muito bem olhar pra foto dele e interpretar o que eu quiser e achar o que eu quiser da foto, mas quando eu leio o que ele diz [eu penso] é realmente isso aqui! É a visão dele, eu posso concordar, eu posso discordar, óbvio. Mas da mesma forma como eu aprendi na minha formação a não julgar, a não interpretar, a não ficar observando e falando do outro, eu meio que faço isso na fotografia, eu meio que deixo em aberto pra qualquer um. (Renan Matos, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Do ponto de vista temático, também percebo uma predileção por paisagens e arquitetura no caso de Renan, e por gente, no caso de Davidson, mas não significa que em

algumas fotos de Renan não exista a figuração humana, nem que algumas de Davidson não explorem a paisagem urbana.

Figura 34 – *Prinstscreen* de foto de Davidson Rodrigues compartilhada no perfil @fortalezamonocromatica



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezamonocromatica/>>.

Davidson compartilha suas fotografias tanto no perfil @fortalezamonocromatica como em seu perfil pessoal (@ddrodrigues). Na Figura 34, Davidson mostra um pescador em posição frontal fumando um cigarro. Ele está num píer localizado no Poço da Draga. Categoriza por meio de seu texto o personagem anônimo como “Senhores de Fortaleza”. No texto, é possível notar que o método de fotografar de Davidson, diferente do de Maisa, que procura estabelecer um contato, um diálogo com seu personagem que será reportado na postagem, não contempla uma aproximação com o fotografado. “Notou que tentava tirar foto dele de longe enquanto ele pescava”... “deixou-se registrar o momento e continuou o que estava fazendo” (Davidson Rodrigues, em publicação no perfil @fortalezamonocromatica)

Essa postura de fotografar como um observador *voyer* se repetirá na realização de outras imagens. As fotografias de Davidson mostram pessoas e paisagens, cenas do centro de Fortaleza e de outros bairros, como o Papicu e a Praia do Futuro (onde mora). Sua prática fotográfica envolve uma preparação para realizar o evento, a escolha de objetos especiais, edição e, conforme relatou no encontro do grupo focal, culmina com a escolha de uma única foto dentre várias que realiza sobre uma mesma cena. A foto abaixo, de uma senhora folheando um livro no terminal do Papicu, segue essa ritualidade (Figura 35).

Figura 35 – *Printscreen* de foto compartilhada no perfil @fortalezamonocromatica



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezamonocromatica/>>.

Eu nunca tiro muita foto de terminal. Nesse dia, eu tinha comprado minha lente nova, a cinquentinha. Aí eu peguei e fiquei esperando alguma coisa acontecer no terminal pra tirar foto. Aí eu cansei de esperar, pensei: ‘desisto, velho, tô indo embora’... Aí quando eu tava indo embora, eu sempre passo por aqui pra ver se tem algum livro bom, acho bom pegar um livro pra ler no ônibus. Aí essa senhora está sempre no terminal pedindo dinheiro, ou no terminal, ou nos arredores do terminal. Aí eu peguei, vi ela, assim, e pensei: ‘porra, que massa, ela vendo lá o livro e querendo ler!’ Repetindo, assim, [as palavras do livro] que eu acho que ela não conseguia ler direito. Aí eu tava muito perto dela e pensei: ‘vou tirar uma foto da mulher aqui com essa lente gigante na cara dela?’ Então, me afastei um pouco e tentei tirar a foto, disfarçadamente. Ela não percebeu em nenhum momento, então fui cara de pau

mesmo: comecei a tirar foto dela, e achei massa que ela ficou um tempão vendo esse livro. Aí, eu falo exatamente isso no texto: que parecia que ela tava revendo uma parte da vida dela, seja ensinando um filho, sei lá... Ela ficou muito tempo revendo as imagens e eu achei isso muito tocante pra mim. Aí um cara chamou ela e ela nem olhava, até que ele chamou de novo, ela ficou puta, foi embora e se perdeu no meio da multidão. Daí, fui olhar a foto depois e pensei: ‘caralho, que foto!’ Eu tirei várias, foi uma sequência de fotos, não foi só essa. Essa aqui, eu postei essa porque gosto de fotos que mostram os traços da pessoa, veias, traços de velhice, tudo mais, eu acho isso muito forte. E isso representou bem o momento, ela passando as páginas, etc. Representou bem a velhice e o que eu senti na hora, acho que ficou bem representado. Pelo menos eu achei. (Davidson Rodrigues, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Vejo nesse relato aquilo que Prosser (2004) define como “evento de comunicação”: desde o seu “planejamento”, que é a decisão formal em relação à produção de imagens (o momento em que Davidson decide sair de casa para fotografar o Terminal do Papicu) até a “exibição do evento” (a publicação da foto no Instagram). O “momento da foto” é quando Davidson decide “ordenar”, estruturar a maneira como a senhora irá aparecer diante da câmera, o momento em que estava “muito perto dela” e pensou em afastar-se por causa de sua “lente gigante”.

O “objeto especial”, apontado por Scherchner (2006) para realização de uma *performance*, é a lente usada para a foto, “a cinquentinha”. É ela que possibilita a realização do evento seguinte: “a edição do evento”, como denomina Prosser (2004). O destaque dado à textura da pele da senhora que ressalta os traços da “velhice” é um “arranjo” elaborado por Davidson, que afirma ter realizado diversas fotos, mas ter escolhido para publicação aquela que julgou melhor “representar bem a velhice”. Por fim, a “exibição do evento” (Prosser 2004) decorre do ato de publicar a foto no Instagram.

Sua publicação se enquadra nos termos colocados por Soulages (2010) como “fotograficidade”, que, grosso modo, pode ser entendida como a “estética das escolhas”, do “isso foi encenado”, que tem como característica uma “articulação do irreversível e do inacabável”.

O *status* ambíguo do material fotográfico parecia estar ao mesmo tempo do lado das condições de possibilidade da foto e do lado da própria foto. Há um problema na abordagem humanista da fotografia, à medida que, durante dois tempos, o homem se confronta com o material fotográfico. Essa abordagem insiste com razão na irreversibilidade do ato fotográfico (SOULAGES, 2010, p. 131).

Com isso, quero dizer que Davidson escolheu a lente (cinquentinha), escolheu o momento (a senhora lendo livros), e, ao deparar-se com as fotos que tinha realizado, escolheu publicar em preto e branco aquela que mostrava a textura da pele da senhora, a que mais se aproximava da sua intencionalidade de “representar bem a velhice”.

Nesse caso, a junção dos aspectos visuais da imagem apontados por Soulages (2010) com aqueles relacionados ao evento de comunicação apontados por Prosser (2004), e os da *performance* apontados por Scherner (2006) e Bauman (2008), implicaram em uma “poética” fotográfica, que revela não apenas uma “fotografia do real”, mas sobretudo, uma “fotografia do possível”, “a propriedade abstrata que faz a singularidade do fato fotográfico” (Soulages 2010, p.129). Davidson não se fotografou no terminal, nem o terminal em si, mas procurou fotografar a velhice e usou os recursos que tinha a sua disposição para isso.

No caso das fotografias digitais, em que a inscrição da imagem não se dá em um negativo as possibilidades tornam-se muito mais complexas e ricas. “A estética digital é uma estética da hibridação com potencialidades infinitas; ela opera numa cultura da hibridação, numa nova ordem visual e numa nova maneira de produzir comunicar e receber imagens”. (SOULAGES, 2010, p134).

Os possíveis, no caso de Davidson, eram a “espera de algo acontecer” no Terminal do Papicu. Depois, foram as “várias” fotos tiradas da senhora que lia livros no terminal. E culminou na escolha de um único possível: uma foto em preto e branco que mostra “os traços da pessoa, veias, traços de velhice”. Apenas essa imagem que continha os aspectos formais ordenados por Davidson, que correspondiam a sua intencionalidade, foi publicada no Instagram.

No caso de Renan, a ritualidade está mais associada à escolha de um novo ângulo para retratar um determinado lugar, como, por exemplo, na publicação que realizou de uma foto feita no Terminal Marítimo de Passageiros, na Praia Mansa. Eis como ele elabora essa *performance*:

[Pra falar sobre] essa foto aqui é bacana falar do Terminal Marítimo em si. O acesso lá é restrito, é federal, então a gente teve o acesso lá porque tava tendo um evento de moda, aí minha namorada foi um dia e disse: ‘você não quer ir lá, não? Tem um pôr do sol e tal’. Então eu fui só pra bater a foto. Quando eu cheguei lá, tinha uns gato pingado batendo foto, e depois de bater muitas fotos chegou o segurança e disse: ‘ei,

é proibido aqui, não pode bater foto, não'. Só que deu pra bater muita foto e era proibido! A praia! [fala em tom de indignação]. A Praia Mansa era aberta ao público e aí foi fechada na construção do terminal. E é massa isso, porque é outro ponto de Fortaleza que é desconhecido e ninguém tem acesso por conta do governo, sei lá, do Estado, que barra a entrada da população em locais muito massa. E lá a areia é bem limpinha, o mar bem tranquilo, que se a gente tivesse acesso, seria massa. Agora, o motivo da foto, eu não tenho nada muito filosófico poético pro motivo não. Mas eu gosto muito de parar, observar como todo fotógrafo, ficar analisando as pessoas. E eu tenho muita foto dessas pessoas aleatórias, de um casal, de um grupo de quatro ou cinco pessoas. E, nessa, eu fui me distanciando, né? Eu fui indo pra trás, indo pra trás e as fotos não tavam legais. Até que eu peguei um panorama que deu pra pegar o mar, o horizonte, umas serrazinhas atrás, e aí deu pra pegar muita gente. E aqui é meio aleatório. Muitas pessoas estão de costas, outras vendo o pôr do sol, outras olhando pro celular, outras com a câmera e é só a silhueta. Então, a metodologia que eu criei pra tirar a foto foi essa, fui me distanciando até encontrar um ponto bacana pra foto. (Renan Matos, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

É possível notar que na fala de Renan há um entendimento de que ele não encontra um motivo “poético ou filosófico” para realizar a foto. Mas ao mesmo tempo que afirma isso relata que se dispôs a mostrar o pôr do sol da cidade a partir de um lugar cujo acesso é restrito à maioria da população. Mesmo dizendo que a foto se deu de modo “aleatório”, Renan pontua que realizou inúmeras fotos até chegar ao ângulo desejado, aquele que mostrava “o horizonte, o mar, algumas serrazinhas” e a silhueta de um grupo de pessoas. Apesar de o ator não reconhecer a teatralidade de sua imagem, não reconhecer formalmente que elaborou, ordenou aquele instante, sua prática apresentada por meio de sua narrativa revela o oposto.

Figura 36 – *Printscreen* de foto do Terminal Marítimo de Passageiros publicada no perfil @fortalezamonocromatica



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezamonocromatica/>>.

Essa mesma busca por um novo ângulo se deu na fotografia da Praia de Iracema em que Renan buscou uma imagem da “praia vista de quem está deitado na areia” e na imagem que realizou no Estádio Presidente Vargas. Na imagem, Renan segue a forma de apresentação que lhe é particular, a de não associar a imagem a longos textos reflexivos. Apenas coloca a legenda “Estádios têm lá suas belezas”. Nesse caso, ele preferiu olhar não para o espetáculo do futebol em campo, nem para a torcida nas arquibancadas. Como disse anteriormente, noto nas fotos de Renan um *punctum* mais interessado na arquitetura, nas formas e nos contrastes dessas formas com o espaço.

Essa foto do estádio é bem antiga, sabe? Eu tava atrás de ‘fotopostar’ e fui caçar essa foto de 2012, eu acho que era um jogo do São Paulo com o Ceará. Eu sou são-paulino, aí eu fui. Eu já gostava de fotos, tal, aí eu bati umas fotos do estádio, umas fotos da torcida. E aí, me veio uma hora: todo mundo bate foto do campo e da torcida! O que seria legal aqui pra eu bater? Aí eu olhei assim e disse: ‘que farol bonito!’ Aí eu bati colorido, né? Aí não ficou legal. Aí eu fiquei com a imagem e [pensei:] ‘vou tentar deixar ela de alguma forma legal’. Aí eu bati e escureci ela. Aí a galera sumiu, a galera foi sumindo, a foto ficou escura, e a galera foi sumindo. Aí eu [pensei:] ‘rapaz, essa foto aqui vai ficar legal se eu botar ela preto e branco, vai

ficar só a silhueta'. Aí, dito e feito! Eu já tinha batido, pensei em colocar preto e branco e as luzes que ficam reluzentes na colorida e espalhadas, fica o foco só nela, né? [na fotografia preta e branca]. Porque na preto e branca o único ponto de luz da foto é ela [a luz dos holofotes]. Eu quis passar isso: muitas vezes a gente vai pro estádio e a beleza é a torcida e o jogo, mas o estádio também é bonito, entendeu? (Renan Matos, em conversa com a autora, em agosto de 2016).

Figura 37 – *Printscreen* de foto do Estádio Presidente Vargas publicada no perfil @fortalezamonocromatica



Fonte: <<https://www.instagram.com/fortalezamonocromatica/>>.

4 CONCLUSÃO – O QUE SE PERDEU E O QUE PERMANECEU

Reconheço que, desde o início, minha abordagem foi afetiva. A escolha dos perfis partiu de uma prática pessoal de uso do Instagram que elegi como dispositivo de encontro com a cidade na *performance* #walkingliveproject. A partir dos elementos que extraí dessa experiência, pude levantar os aspectos que me interessavam desse processo comunicacional e, de certa maneira, essa postura dirigiu a pesquisa para os perfis de cidade e para os atores escolhidos.

Também se configurou como uma abordagem metacomunicativa, no sentido de que foi somente por meio das interações que realizei com os atores no formato de entrevista, de questionário por *e-mail* e de grupo focal, que descobri as motivações, os sentidos e as intencionalidades presentes na escolha de fotografar Fortaleza. Discuti o significado das ações no Instagram *com* e *para* os próprios atores, quais eram suas intencionalidades, os objetos especiais empregados para a realização de suas fotos, a maneira como as editaram e as interações obtidas com a ação. Ao lado das imagens publicadas e dos textos que as seguiam, esse conjunto funcionou como uma espécie de trilha para interpretar a prática fotográfica nesses perfis “enquanto *performance* fotográfica”.

Encontrei em Soulages (2010) a perspectiva de uma “estética das escolhas”, que postula a fotografia como sendo da ordem do “isso foi encenado”. Essa encenação se exprime na busca pelo enquadramento, na escolha dos objetos especiais para execução da foto, na escolha do que vai ser fotografado e de como a foto será exibida. Uma teatralidade que se repetiu em todos os perfis aqui apresentados. Já Prosser (2004) me levou a identificar o passo a passo dessa “ordenação do instante” e de seus significados, destacando o caráter, “não espontâneo” dos instantâneos, por meio dos “eventos de comunicação” que mobilizam uma foto.

Operei essas chaves teóricas, a do “isso foi encenado” e a dos “eventos de comunicação” sobre nosso campo (os perfis de cidade, as fotografias publicadas, os rituais e metadiscursos sobre essas práticas, as interações com o público seguidor etc.), e, ao

desenvolvê-las de maneira dialógica, incorporei muitas das reflexões dos atores escolhidos. A postura de construir um conhecimento compartilhado com aqueles que praticam a fotografia de cidade no Instagram foi mais rica, especialmente no tocante aos sentidos atribuídos a essa prática, aos seus endereçamentos.

Nos três perfis analisados nesta pesquisa – @fortaleza365, @fortalezamonocromatica e @fortalezaemcores –, observei que as *performances* realizadas se deram tanto por suas motivações pessoais (“ter o primeiro projeto pessoal e intransferível”, “criar uma página sem ser sozinho”), pelos desafios (“fazer um bem”, “encontrar um sentido para permanecer na cidade”) e pelos interesses (“fotografar em preto e branco”, “mostrar o potencial escondido da cidade”) como pela possibilidade de, assim, constituírem e tornarem visíveis (compartilharem) seus modos pessoais de ver a cidade. Modo este que termina por territorializar Fortaleza sob diferentes ordens: a “cidade saudade”, a “cidade com amor”, a “cidade em tons de cinza”, a “cidade múltipla”.

A ênfase deste trabalho recai, portanto, na maneira como esses conteúdos se configuravam *para* as pessoas engajadas nas ações, já que o desenvolvimento da dissertação só ocorreu quando da aproximação com o campo. Os atores em ação, nos seus atos de fala e de fotografia, é que abriram caminhos para as categorias de análise ora operadas. Não apenas as fotos, mas igualmente suas interpretações constituídas de modo interativo com a pesquisadora, permitiram (re)constituir, (re)conhecer os signos e valores empregados nas *performances*. Conforme postula Martins (2014, p. 173),

as fotografias constituem imagens de uma realidade social cuja compreensão depende de informações que não estão nelas expressamente contidas [...] É na tensão entre o *punctum* como ponto de impacto visual e a coadjuvação dos componentes complementares da imagem, residuais, imprecisos, que se pode fazer a leitura não só da imagem, mas do imaginado que a situa e define

Foi assimilando os eventos narrados que pude perceber a emergência de poéticas de cidade em cada uma das performances. Uma endereçada a “Fortaleza que quer ser e, num átimo, já não é”, entre cenas e personagens que remetem a tempos passados, mas que coabitam a cidade cosmopolita com a qual Maisa Vasconcelos se depara hoje. No seu processo

de territorialização, há uma busca por vezes “nostálgica” pela cidade de sua infância, “dos quintais” e “almoços de domingo”, de “conversas na calçada”, bodegas e vendedores ambulantes de um tempo que ainda “existe” em @fortaleza365, ou, seria melhor dizer, que “resiste”? Essa busca não é solitária, silenciosa. Maisa aproveita o dispositivo criado por ela – “uma foto por dia” – para encontrar um novo sentido para estar na cidade hoje, e, nesse percurso, vai ao encontro de pessoas e personagens que constituem sua cidade “de fato”, a cidade compartilhada no celular.

Noutra poética, territorializa-se a cidade das trocas, a “cidade com amor”. A fotografia fez Raissa “tomar gosto” por Fortaleza e ela retribui essa descoberta entregando fotografias da cidade como um presente àqueles que se dispõem a observar “cada ponto”. A cidade que ela imagina e mostra conta com a interação e o olhar do outro para se realizar. Explorando lugares muito frequentados ou aqueles que ela “ama de paixão”³², Raissa atualiza o lugar da fotografia revelada no papel, conjugando-a com o instantâneo digital no momento em que divulga a *performance* na rede social.

A cidade solar, vista sob “novos ângulos” e em “tons de cinza”. O “cinza do concreto” e dos prédios que “tiram a cor” de Fortaleza. Por meio dessas narrativas elaboradas por Renan e Davidson percebo que o preto e branco funciona como uma metáfora visual da contradição da cidade especular, que tem suas cores capturadas pelo “cinza dos prédios” e do asfalto. A escolha estética pelo preto e branco é também uma escolha que vai na contramão do digital e da imagem *high definition*, remetendo ao início da fotografia, quando o preto e branco configurava-se como uma limitação técnica.

Nesse sentido, concebo as *performances* fotográficas como elemento constitutivo de cidades territorializadas, sendo todo o empreendimento de realizá-las, desde seu planejamento até suas interações com o público do Instagram, ativos da constituição de poéticas de cidade. Como dispositivo que articula uma maneira de produzir, comunicar e receber imagens de modo diferente da fotografia analógica, ou mesmo da tirada em máquina digital, o Instagram serviu para o conjunto de atores que miram a cidade como uma

³² Como Raissa se refere ao Centro Dragão do Mar, em uma de suas *performances* #cidadecomamor.

possibilidade de figurar Fortaleza como “cidade de saudade”, “cidade para se amar”, como “cidade periférica” e como “cidade melancólica, romântica”, apesar de seus contrastes sociais.

Assim, do ponto de vista fotográfico, estamos diante de um tipo de visualidade que se particulariza pelo seu modo de exibição em rede, e por figurar modos de ver que são tanto globais (já que estão situados em determinado tempo e em determinado espaço e integrados a um tipo de cultura de sociedades específicas) quanto pessoais, já que se estruturam como galerias individualizadas que trazem um modo pessoal de enxergar a cidade. Para os atores com os quais interagi, o Instagram configura, portanto, um modo de comunicação dialógico, balizado por criações, eventos e situações experimentados por cada um dos atores.

François Soulages (2010, p. 132) propõe o seguinte conceito para fotografia: “a fotografia é, pois, a articulação entre o que se perde e o que permanece”. A perda no sentido do momento do ato fotográfico e das circunstâncias que causam esse ato, a perda do tempo e do ser passados. É uma perda que se refere ao instante e todos os seus aspectos, do objeto ao ato. O que permanece é vestígio, marca desse conjunto circunstancial, situacional. O único aspecto controlável é o fenômeno visível. Tanto o objeto quanto o fotógrafo são inapreensíveis, não cognoscíveis. Para Soulages (2010), a fotografia é a “arte do possível”, uma articulação entre o “inacabável” e o “irreversível”. Considero que essa ideia se estende às *performances* fotográficas.

À medida que recortavam a cidade, os perfis de Fortaleza no Instagram indicavam perdas e permanências. Silenciando as cores da cidade, apagando a falta de apreço por ela, ocultando a fragilidade e efemeridade das relações cidadinas, escamoteando as desigualdades entre os bairros que se transmutam em paisagem urbana, faziam permanecer a cidade que escolhiam mostrar, deixando escapar a que não lhes interessava. A perda, nesse caso, não se dá no instante que já não é, pois ele será para sempre na foto; a perda é o que o instante não foi.

Do mesmo modo, o Instagram funcionou para esses atores como um dispositivo central nessa “nova maneira de produzir, comunicar e receber imagens”, agenciando suas *performances*. No livro *Sociologia: conceitos-chave*, organizado por John Scott, o verbete “agência” é definido por Rob Stones como “o elemento dinâmico dentro do ator que traduz a

capacidade potencial em prática concreta” (STONES, 2006 *apud* SCOTT, 2006, p. 13). Stones (2006) pontua que “ação” e “agência” são normalmente contrastadas com as estruturas sociais que são as condições sociais restritivas e/ou permissivas em que ocorre a ação³³. Pierre Bourdieu (2007), que interpreta a *agência* e a *ação* humanas a partir do conceito de *habitus*, considera que há um sistema de categorias de percepções, de pensamentos, de ações e de apreciações que fazem com que, numa dada circunstância, os atores sociais vejam o mundo e construam a realidade de modo diferente.

Mustafa Emirbayer e Ann Mische (1998) apontam três elementos que demarcam a agência. O elemento “interacional” de agência³⁴ se aproxima da noção de *habitus* de Bourdieu (2007), em que antigos padrões de pensamento são seletiva e tacitamente reativados em circunstâncias relevantes e incorporados à atividade prática. O aspecto “projetivo” diz respeito à criatividade e inventividade do ator para imaginar uma gama de ações futuras. Por fim, o aspecto “prático-avaliativo” envolve julgamentos baseados no contexto em resposta “a demandas, dilemas e ambigüidades ainda em desenvolvimento” (SCOTT, 2006, p. 16).

Os elementos presentes na noção de *agência*, bem como a ideia de *disposições* formam um acervo conceitual ao qual eu ora recorro para interpretar a execução dessas *performances* fotográficas no Instagram. Considero que as noções de *agência* e de *disposição*

³³ Tomando como referência a coletânea *Teorias da ação social*, de Alan Dawe (1978), Scott (2006) fala da tensão entre as teorias que enfatizam a ordem social – as restrições estruturais ou sistêmicas aos atores – e as que salientavam os elementos da agência criativa e dinâmica. No final da década de 1960 e durante os anos 1970, começaram a surgir as críticas sobre a ênfase excessiva na ordem estrutural, e os teóricos passaram a concentrar o foco na maneira como os atores desempenhavam um papel criativo e ativo na vida social. Fazem parte desse conjunto Dennis Wrong e Margareth Archer, que levavam discussões sobre “papéis e o comportamento a eles associados”. (SCOTT, 2006, p. 14). “Surgiram duas abordagens justapostas da ação e da agência. A primeira, do pragmatismo e interacionismo simbólico, inclui George Mead, Herbert Blumer e Erving Goffman. A segunda, a do neokantismo e da fenomenologia, inclui Weber, Alfred Shutz, Peter Berger, Thomas Luckmann e Harold Garfinkel. Mead e Blumer enfatizam a reflexão, a reflexividade e a criatividade inerentes ao processo de interação e à construção dos *selves*. Shütz, e também Berger e Luckmann, chamavam a atenção para o acúmulo de preocupações, inclusive as tipificações de objetos e pessoas, e os vários conhecimentos prescritos de tipos de prática-padrão e dos quais fazem uso nas circunstâncias adequadas [...] Goffman, assim como Garfinkel, enfatizavam o papel desempenhado pelo conhecimento tácito” (SCOTT, 2006, p. 14).

³⁴ No artigo “What’s agency”, de Mustafa Emirbayer e Ann Mische, há uma síntese de pragmatismo e estudos empíricos para distinguir os três principais elementos da agência humana: o elemento “interacional”, o elemento “projetivo” e o elemento “prático-avaliativo”. Os autores conceituam agência como “um processo temporário de engajamento social incorporado, informado pelo passado (no seu aspecto interacional, ou habitual), mas também orientado em direção ao futuro (como uma capacidade projetiva de imaginar possibilidades alternativas) e em direção ao presente (como capacidade “prática-validativa” para contextualizar os hábitos do passado e os projetos futuros com as contingências do momento)” (EMIRBAYER; MISCHÉ, 1998, p. 970, tradução nossa).

explicam, em parte, por que Maisa Vasconcelos, Renan Matos, Davidson Rodrigues, Soriel Leiros e Raissa Caldas, que fotografam Fortaleza, realizaram *performances* distintas das de Aldonso Palácio e Camilla Revuelta, que praticam *selfies* em seus perfis. Se, para Maisa, Renan, Davidson, Soriel e Raissa, o Instagram era uma oportunidade de desenvolver uma poética de cidade, uma “cidade encenada”, “territorializada”, para Aldonso e Camilla, o dispositivo funciona como um dispositivo de “autoencenação”, autofiguração.

Não foi à toa que esses atores optaram por realizar eventos de comunicação que miravam a cidade: havia uma busca por um “sentido de permanecer” na cidade, “tomar gosto por ela”, “olhar, enxergando-a de fato”, “apresentar o potencial escondido”, “encontrar novos ângulos”. O encontro com a cidade se configurava em um encontro consigo mesmo, em alguns dos casos desta pesquisa. Mas, de modo geral, as escolhas prático-poéticas dos atores eram atravessadas por aspectos pessoais referentes a um momento específico de suas trajetórias, às suas posições e seus papéis sociais. Elas denotavam e estabeleceram uma forma de comunicar e de perceber suas ações.

Perguntei aos administradores dos perfis se eles se consideravam “fotógrafos urbanos”, e quase todos, a exceção foi Soriel (@fortalezaemcores), afirmaram que sim. O que também pude perceber com esse recorte específico é que o Instagram tanto pode estar funcionando como um dispositivo que motiva atores sociais a fotografarem a cidade como pode também estar congregando um público apreciador desse tipo de fotografia. Observei isso pelo volume de interações conseguidas com essas *performances*, traduzidas na forma de curtidas e na quantidade de seguidores que os perfis mobilizam. Se antes das redes sociais e da internet era preciso, por exemplo, comprar um livro de fotografias ou ir a uma exposição para apreciar fotografias urbanas, hoje, parece haver pessoas interessadas em visionar essas imagens pela rede social.

Imagino que essa forma de comunicação, a fotografia enquanto *performance* no Instagram, pode ser vista tanto como o substrato de uma cultura visual mundializada quanto como um modo particular de ver e apresentar a cidade. Essa discussão sobre as tendências globalizantes incorporadas de um lado e as disposições pessoais do outro, a tensão do global com o local, incidiu sobre as escolhas feitas pelos atores sociais na realização de suas *performances* fotográficas e na constituição de suas poéticas de cidade.

Sobre a “dialética” global/local, Guiddens (1999) entende que a modernidade afeta radicalmente a natureza da vida social cotidiana e os aspectos mais pessoais da nossa existência. “Uma das características distintivas da modernidade, de fato, é a crescente interconexão entre dois extremos da extensão da intencionalidade: influências globalizantes de um lado, disposições pessoais do outro” (GUIDDENS, 1999, p. 9). Ao mesmo tempo em que há uma repetição de um modelo mundialmente posto (fotografar a vida pessoal e compartilhá-la no Instagram) foi possível encontrar outros agenciamentos para esse dispositivo. O Instagram será, nesse sentido, um dispositivo de encontro com a cidade, se alguém se propor a encará-la dessa forma. Do contrário, o que se vislumbra é uma direta figuração de si.

Para Sibilia (2008), vivemos sob o signo da “tirania da visibilidade”, o que de certo modo pauta as subjetividades contemporâneas. Sibilia (2008) questiona se não estaríamos vivendo “novos regimes” de produção e “tematização do eu”. Se a autora estiver correta, não seriam as *performances* fotográficas urbanas uma espécie de eu visível, um tipo diferenciado de autoapresentação?

Este estudo, que descreveu algumas fotografias enquanto *performances* realizadas no Instagram, que vislumbram poéticas de cidade, abre, em certo sentido, caminhos para essa questão mais complexa, sobre como as relações com a imagem e as mídias digitais podem apontar para um novo modelo de apresentação de si, de diferenciação, de distinção, pautado não exclusivamente no “eu privado”, mas no “eu visível”.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo*. Chapecó, SC: Argos, 2005.
- _____. *O que é um dispositivo*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BARTHES, R. *A câmara clara*. ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BAUMAN, R. A poética do Mercado Público: grito de vendedores no México e em Cuba. *Antropologia em primeira mão*. Florianópolis, a. 2008, v.103, p. 3-21 .
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. Poética e performance como perspectiva crítica sobre a linguagem e a vida social. *Ilha: Revista de Antropologia*, Florianópolis: Ed. UFSC, v. 8, n. 1, p. 185-229, a. 2008.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BOURDIEU, P. O camponês e a fotografia. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 26, 2006.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- GUATARRI, F. Espaço e poder: a criação de territórios na cidade. *Espaço & Debate*, São Paulo, ano V, n. 16, 1985.
- GIORGI, A. Phenomenological psychology. In: SMITH, J. A.; HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L. V. (Org.). *Rethinking psychology*. London: Sage Publications, 1995.
- MARTINS, J. S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2014.
- EMIRBAYER, M.; MISCHE, A. What is agency? *American Journal of Sociology*, v. 103, n. 4, jan. 1998.
- PROSSER, J. *Image-based research*. London: Routledge Falmer, 2004.
- RADNITZKY, G. *Escolas contemporâneas de metaciência*. Gottenburgo: Scandinavian Univ. Books, 1970.
- SCOTT, J. (Org.) *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2010.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SMITH, J. A.; HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L. V. *Rethinking psychology*. London: Sage Publications, 1995.

SMITH, J. K. Pesquisa quantitativa *versus* pesquisa qualitativa: uma tentativa de esclarecer a questão. *PSICO*, v. 2, n. 2, p. 33-51, 1994.

SOULAGES, F. Estética da fotografia, perda e permanência. São Paulo: Senac, 2010.

WELLS, L. *The photography reader*. London: Routledge, 2003.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIOLOGICO RESPONDIDO POR CAMILLA REVUELTA

1. Dados pessoais

1.1. *Nome:* Camilla Revuelta.

1.2. *Idade:* 34 anos.

1.3. *Estado civil:* casada.

1.4. *Cidade em que nasceu:* Santo André – SP.

1.5. *Endereço atual:* Av. das Castanholeiras, 303, apto. 405, bl. 2, Cidade 2000, Fortaleza – Ceará.

1.6. *Formação:* Superior Completo (Adm. e Mkt.).

1.7. *Profissão:* Administrativo – Travessa da Imagem.

1.8. *Carreira profissional:* gerenciei lojas no *shopping* e tive um salão de beleza por 3 anos, ambas me satisfaziam muito.

1.9. *Relações sociais relevantes:* Onélia – dona de uma empresa de eventos / Fernando – meu irmão mais velho / Bento – meu filho.

1.10. *Atividades extraprofissionais:* encontros com mães de um grupo que começou na maternidade (corujas), aulas de *ballet*, academia, momento família em casa, praia e muito mais praia, encontros interativos com a escola do meu filho (Waldorf), leitura, viagens.

1.11. *Aspirações profissionais:* viagens, pousada em Floripa, mais 2 filhos.

2. Formação familiar

2.1. Pai

Formação: ensino médio.

Profissão: fotógrafo.

Atividades extraprofissionais: ser avô.

2.2. Mãe

Formação: ensino médio.

Profissão: fotógrafa.

Atividades extraprofissionais: ser avô.

3. Instagram

3.1. Por que você começou a usar o Instagram?

Para mostrar a “loucura” e a “doçura” da maternidade de primeira viagem.

3.2. *O que você gosta de compartilhar no Instagram?*

Estilo de vida, cotidiano – eu, meu filho, receitas, treinos, lazer, lugares.

3.3. *Em termos quantitativos, você sabe o que você mais compartilha no Instagram?*

Eu.

3.4. *Você utiliza alguma das ferramentas disponibilizadas pela rede social (filtros, opções de correção de cor, brilho, contraste, marcação geográfica, marcação de pessoas etc.)? Quais?*

Tenho preferência pelas opções de correção, não gosto muito dos filtros. Uso marcações.

3.5. *Fotografa com outros equipamentos além do smartphone? Quais?*

Comecei usar umas lentes que coloco no celular mesmo, fotografo apenas com ele.

3.6. *Quais lugares da cidade de Fortaleza você gosta de fotografar e compartilhar no Instagram? Por quê?*

Pontos turísticos – pq são nossos, quero mostrá-los, divulgá-los etc. A cidade em si – quando vejo algo que me chame atenção e que possa causar algum sentimento em quem for ver no meu Instagram.

3.7. *O que faz você curtir uma imagem compartilhada no Instagram?*

Primeiro a qualidade da imagem, segundo a legenda.

3.8. *Com base em que critérios você decide postar ou não uma foto no Instagram?*

Sentimento e reação que vai ou possa causar a quem me segue. Acho curioso ver as reações, os comentários ou até mesmo o número de curtidas.

3.9. *Você tem Facebook?*

Tenho.

3.10. *Posta as mesmas coisas no Facebook e no Instagram, ou administra os perfis de forma diferente? Por quê?*

O Facebook é uma conta bem mais antiga, posto bem menos, acho que vejo meu Facebook mais um lugar de consulta, tipo tele lista, ehehe. Mas gosto do bate papo de lá, pois tenho amigos mais antigos e de outros lugares que mantenho por lá. Pra mim substituiu o MSN.

3.11. *Que tipo de retorno você espera ter com as imagens que compartilha no Instagram?*

Mais curtidas, mais comentários... Mais alguma reação nas imagens.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR ALDONSO PALÁCIO

1. Dados pessoais

1.1. Nome: Aldonso Palácio Neto.

1.2. Idade: 36.

1.3. Estado civil: casado.

1.4. Cidade em que nasceu: Fortaleza.

1.5. Endereço atual: Rua José Vilar, 261, ap. 1601, Meireles.

1.6. Formação: 3º grau completo.

1.7. Profissão: publicitário e galerista.

1.8. Carreira profissional: empreendendo desde a faculdade, fundei minha primeira agência de publicidade em 2001, a Estalo! Em 2002, já fui dono de restaurante de sushi, já fui dono de um periódico nacional de energias renováveis, já fui sócio em empresa de assessoria de imprensa, fundei a galeria Contemporarte em 2014, fizemos uma fusão com agência digital em 2015 e nos tornamos Relevante! Hoje dedico a maior parte do meu tempo à galeria de arte, exposições de arte e venda de obras.

1.9. Relações sociais relevantes: minha família no Brasil e na Alemanha, em especial minha esposa Inga e minha filha Sophie. Meu sócio Mario Acioli e meu ex-sócio Marcello Belém. Bons amigos da época de colégio e da faculdade que remanescem.

1.10. Atividades extraprofissionais: fins de semana e feriados em Guaramiranga, boa cozinha, mixologia, coleção de arte, ir a exposições, viagens.

1.11. Aspirações profissionais: continuar se aprofundando nos estudos da arte, morar um tempo no exterior.

2. Formação familiar

2.1. Pai

Formação: 3º grau incompleto.

Profissão: empresário.

Atividades extraprofissionais: automodelismo, restaurantes e bebidas.

2.2. Mãe

Formação: mestrado.

Profissão: advogada.

Atividades extraprofissionais: viagens.

3. Instagram

3.1. Por que você começou a usar o Instagram?

Fui atrás de ver, meu primeiro *post* foi em 4 de fevereiro de 2011. Uso o Facebook desde 2009 e fui antes disso adepto do Orkut. Já o utilizava como ferramenta de comunicação e *marketing*. Acho que comecei o Instagram tardio, mais pra avaliar o aplicativo de popularidade crescente e checar suas possibilidades com o olhar publicitário e de novidadeiro que sou. Antes eu compartilhava tudo no Facebook. Hoje compartilho minha vida pessoal muito mais no Instagram.

3.2. *O que você gosta de compartilhar no Instagram?*

Comida, bebidas, viagens, arte, minha filha Sophie, momentos felizes...

3.3. *Em termos quantitativos, você sabe o que você mais compartilha no Instagram?*

Não exatamente, mas acho que ultimamente são obras de arte na maioria.

3.4. *Você utiliza alguma das ferramentas disponibilizadas pela rede social (filtros, opções de correção de cor, brilho, contraste, marcação geográfica, marcação de pessoas etc.)? Quais?*

Não gosto de utilizar filtros, equalizo as minhas fotos manualmente no próprio Instagram ou em outro editor que tenho chamado Snapseed. Costumo marcar pouco pessoas ou lugares na minha conta pessoal, mas faço muito isso na conta profissional da galeria. Uso também o *layout*, recurso do Instagram para criar fotos em mosaico. Já utilizei também outros aplicativos acessórios como o Picframe e o Instasize, que se tornaram obsoletos devidos às atualizações do IG.

3.5. *Fotografa com outros equipamentos além do smartphone? Quais?*

Acredito que mais de 90% das fotos são oriundas do celular. Algumas fotos especiais que faço com minha Canon semiprofissional acabam também no Instagram.

3.6. *Quais lugares da cidade de Fortaleza você gosta de fotografar e compartilhar no Instagram? Por quê?*

Acredito ser a Beira Mar e a Praia de Iracema. Tenho o privilégio de ter minha mãe e avó morando em prédios na orla, em andares bem altos. A vista sempre me fascina. Cresci olhando praquilo, vendo a paisagem mudar junto com a cidade.

3.7. *O que faz você curtir uma imagem compartilhada no Instagram?*

Primeiro a imagem tem que chamar atenção, depois vejo a pessoa que postou (há de ter empatia) para em seguida ler o conteúdo textual. Acho que curto quando há uma sintonia destas três coisas.

3.8. *Com base em que critérios você decide postar ou não uma foto no Instagram?*

No meu pessoal não há uma regularidade. Foi-se o tempo em que eu postava o que eu almoçava todo dia ou o diário de uma viagem inteira. Hoje costumo ser um pouco menos pessoal – por questão de privacidade. Analisando hoje, acho que meus *posts* são recentemente na maioria como recortes da realidade. O entendimento total do lugar, evento, pessoas não é importante pra mim.

3.9. *Você tem Facebook?*

Sim, desde 2009.

3.10. Posta as mesmas coisas no Facebook e no Instagram, ou administra os perfis de forma diferente? Por quê?

Totalmente diferente. Não espelho o IG com o FB. Em raros casos compartilho a mesma foto de uma plataforma pra outra. Enquanto o IG tem realmente minhas andanças, uso o FB para compartilhamentos de fatos que me interessam, agenda cultural da cidade, assuntos relacionados à galeria, à agência e à arte. E ultimamente alguma discussão política...

3.11. Que tipo de retorno você espera ter com as imagens que compartilha no Instagram?

Não sei se espero um retorno efetivo imediato. *Likes* são bons, alimentam o ego, mas não é só por isso. Acaba que o Instagram, se bem trabalhado, vira um álbum de recordações maravilhoso. E para pessoas que não são tão próximas uma espécie de cartão de visita sobre quem somos, o que gostamos, por onde andamos. Acho que espero assim estar mais próximo da memória das pessoas que me são próximas e àquelas que já toquei na vida. Criar uma imagem de mim mesmo, meio real, meio fictícia, que é reproduzida no imaginário dos meus seguidores. É isso que eu espero.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR MAISA VASCONCELOS

1. *Dados pessoais*

- 1.1. *Nome:* Maria Maisa Vasconcelos de Sousa.
- 1.2. *Idade:* 52 anos.
- 1.3. *Estado civil:* solteira.
- 1.4. *Cidade em que nasceu:* Itapipoca.
- 1.5. *Endereço atual:* Fortaleza.
- 1.6. *Formação:* superior completo; especialização em curso.
- 1.7. *Profissão:* jornalista; âncora na rádio O Povo/CBN.
- 1.8. *Carreira profissional:*
- 1.9. *Relações sociais relevantes:*
- 1.10. *Atividades extraprofissionais:* caminhadas, leitura, viagens curtas.
- 1.11. *Aspirações profissionais:* voltar a escrever num *blog* temático; fazer mestrado na área da comunicação.

2. *Formação familiar*

- 2.1. *Pai:* José Ferreira de Sousa.
Formação: primário.
Profissão: mestre de obras.
Atividades extraprofissionais: agricultor.
- 2.2. *Mãe:* Expedita Vasconcelos de Sousa.
Formação: primário.
Profissão: dona de casa.
Atividades extraprofissionais: costura e artesanato.

3. *Instagram*

- 3.1. *Por que você começou a usar o Instagram?*
Perfil pessoal: para compartilhar experiências e gostos.
Perfil @fortaleza365: para iniciar uma “conversa” sobre a cidade, mostrar lugares, pessoas e movimentos, além de conhecer o que ainda era desconhecido. Também um jeito de buscar realização pessoal, através de um projeto com narrativa sobre memória.
- 3.2. *O que você gosta de compartilhar no Instagram?*
Perfil pessoal: imagens da/na cidade, natureza, flagrantes no trabalho, momentos com amigos.
Perfil @fortaleza365: imagens da/na cidade, pessoas e seus modos de viver a cidade, lugares que marcaram minha vivência na capital, flagrantes de transformações por que a cidade passa.

3.3. *Em termos quantitativos, você sabe o que você mais compartilha no Instagram?*

3.4. *Você utiliza alguma das ferramentas disponibilizadas pela rede social (filtros, opções de correção de cor, brilho, contraste, marcação geográfica, marcação de pessoas etc.)? Quais?*

Não uso filtros. Faço edição usando algumas ferramentas, com destaque para: ajustar, brilho, contraste, saturação, sombras, nitidez.

3.5. *Fotografa com outros equipamentos além do smartphone? Quais?*

Para o @fortaleza365, usei, em alguns momentos, lentes que ampliavam o enquadramento.

3.6. *Quais lugares da cidade de Fortaleza você gosta de fotografar e compartilhar no Instagram? Por quê?*

Não há lugares pré-estabelecidos.

3.7. *O que faz você curtir uma imagem compartilhada no Instagram?*

Identificação com o lugar, a situação ou a própria pessoa retratada; enquadramento inusitado ou, por outro lado, olhar que denota a simplicidade do que foi registrado.

3.8. *Com base em que critérios você decide postar ou não uma foto no Instagram?*

Vontade de compartilhar o momento com os seguidores; mostrar o que faço; a foto ficou boa e merece ser compartilhada.

3.9. *Você tem Facebook?*

Sim.

3.10. *Posta as mesmas coisas no Facebook e no Instagram, ou administra os perfis de forma diferente? Por quê?*

No caso do perfil @Fortaleza365, o projeto deu-se exclusivamente no Instagram.

Pessoalmente, tento administrar de modos diferentes. A recepção é distinta. O seguidor do Instagram percebe mais a imagem, já no Facebook o texto pode ser mais bem aceito.

3.11. *Que tipo de retorno você espera ter com as imagens que compartilha no Instagram?*

@Fortaleza365: Identificação expressa através dos comentários; sugestão de novos lugares e novas pessoas para mostrar; relatos de quem viveu experiências parecidas; seguidores que marcam outros nos comentários sugerindo que sigam o perfil.

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR RAISSA CALDAS

1. *Dados pessoais*

1.1. *Nome*: Raissa Louise Salvador Caldas.

1.2. *Idade*: 24 anos.

1.3. *Estado civil*: solteira.

1.4. *Cidade em que nasceu*: Fortaleza/CE.

1.5. *Endereço atual*: Rua Silva Jatahy, 160 – Meireles.

1.6. *Formação*: superior completo.

1.7. *Profissão*: autônoma/ fotografia.

1.8. *Carreira profissional*: como trabalho diretamente com sensações e sentimentos das pessoas, acho que o mais significativo pra mim, sempre é o retorno positivo dos clientes.

1.9. *Relações Sociais relevantes*: meus pais, que me oferecem todo o suporte que preciso e meus amigos que me motivam e me acompanham sempre.

1.10. *Atividades extraprofissionais*: viajar/ fotografar/ ler/ sair com amigos.

1.11. *Aspirações profissionais*: ainda na área de fotografia, porém voltada mais para o lado “artístico”.

2. *Formação familiar*

2.1. *Pai*

Formação: superior completo.

Profissão: médico.

Atividades extraprofissionais: projetos para saúde física e mental das pessoas.

2.2. *Mãe*

Formação: superior completo.

Profissão: enfermeira.

Atividades extraprofissionais: grupos ligados à alimentação e espiritualidade.

3. *Instagram*

3.1. *Por que você começou a usar o Instagram?*

Sempre gostei de fotografia. Antes tinha um só perfil, que usava de modo pessoal. Em seguida criei um somente para divulgar meu trabalho e projetos futuros, visando que o Instagram é uma ótima ferramenta para divulgação de imagem.

3.2. *O que você gosta de compartilhar no Instagram?*

Fotografias de paisagens e cotidianos da cidade de Fortaleza. Também gosto de mostrar outras cidades do Nordeste por viagens que faço, sempre tentando mostrar os lugares, pessoas e cultura.

3.3. *Em termos quantitativos, você sabe o que você mais compartilha no Instagram?*

Fotografias de paisagens e cotidianos.

3.4. *Você utiliza alguma das ferramentas disponibilizadas pela rede social (filtros, opções de correção de cor, brilho, contraste, marcação de geográfica, marcação de pessoas etc.)? Quais?*

Sim. Todas as opções acima, mas não 100% das vezes. Utilizo também programas como o Photoshop.

3.5. *Fotografa com outros equipamentos além do smartphone? Quais?*

Sim. Câmera Canon e Gopro.

3.6. *Quais lugares da cidade de Fortaleza você gosta de fotografar e compartilhar no Instagram? Por quê?*

Todos. Procuo sempre novos lugares. Mas tenho preferências como a Beira Mar e Dragão do Mar, que são locais que frequento mais.

3.7. *O que faz você curtir uma imagem compartilhada no Instagram?*

O local, qualidade da imagem e composição. Às vezes curto as fotos dos meus amigos também, que são locais ou *selfies*.

3.8. *Com base em que critérios você decide postar ou não uma foto no Instagram?*

Normalmente quando gosto da imagem que fotografei, levando em consideração a composição, tema, cores, lugar e etc.

3.9. *Você tem Facebook?*

Sim. Raissa Caldas.

3.10. *Posta as mesmas coisas no Facebook e no Instagram, ou administra os perfis de forma diferente? Por quê?*

Administro de forma diferente. Uso o Instagram de fotografia de forma mais profissional, enquanto o meu Facebook ainda é para o pessoal. Estou criando uma página só para as fotografias.

3.11. *Que tipo de retorno você espera ter com as imagens que compartilha no Instagram?*

Um dos meus principais objetivos é poder mostrar através da fotografia lugares, o cotidiano e a cultura de Fortaleza, fazendo com que as pessoas tenham um olhar diferente sobre a cidade. Tenho como objetivo também obter o retorno em forma de vendas. A maioria das minhas imagens podem ser vendidas em tamanhos variados para decoração de restaurantes, apartamentos e etc.

Perguntas sobre o projeto #cidadecomamor (escreva o tanto que achar necessário)

1. *O que motivou você a fazer esse projeto?*

O projeto #cidadecomamor veio após algum tempo que já vinha postando fotografias da cidade de Fortaleza. Meu objetivo é oferecer para as pessoas que transitam pelos espaços públicos uma

experiência diferente e agradável. O projeto consiste em deixar em um determinado local uma fotografia revelada, levando o nome do projeto e uma mensagem curta para vivermos a cidade. Assim a pessoa que a encontrar pode levar a foto para casa. A ideia é ter consigo um pedacinho do espaço público em forma de fotografia.

Venho adaptando essa intervenção há um tempo para que ela seja mais constante. As fotografias deixadas não são muito grandes também e isso meio que “força” as pessoas a terem mais atenção aos locais por onde passam, sabendo que a correria do dia a dia faz com que tenhamos muitas informações para processar de uma só vez. E observar a cidade a ponto de encontrar uma fotografia colada, me faz pensar que a pessoa que a encontrou estava atenta ao local.

2. Qual a sua relação com a fotografia? (quando começou, o que gosta de fotografar)

Comecei a fotografar com 19 anos em uma cadeira de Introdução à Fotografia na faculdade de publicidade, onde tive base teórica e prática. Mais tarde comecei a fazer alguns cursos e fotografar constantemente para melhorar. Por quase todo esse período eu trabalhei com fotografia de eventos, como *show*, aniversários, batizados e etc. Hoje em dia estou deixando isso um pouco de lado, pois comecei a me interessar por um lado mais “artístico” da fotografia, onde eu posso fotografar a cultura e cotidiano das cidades por onde passo.

3. Por que resolveu fazer essa proposta no Instagram e não, por exemplo, uma exposição sobre Fortaleza?

O Instagram é uma forma mais rápida e prática para divulgação. Onde posso ter visibilidade e reconhecimento, levando assim a convites, como exposições, por exemplo.

4. Como você escolhe as fotos que publica? Ou todas entram?

Tenho um tema principal, mostrar fotografias de Fortaleza, nisso se inclui a cultura, o cotidiano das pessoas e locais da cidade (não necessariamente só pontos turísticos). Com isso escolho sempre uma sequência de 3, 6 ou 9 fotos para ter uma composição mais harmônica. Se inicio com uma fotografia da Beira Mar, as outras duas serão nesse mesmo subtema. Quando viajo mudo um pouco, o tema vira o local em si e normalmente posto as fotos que gostei mais.

5. Como é seu método para fotografar a cidade?

Sempre tento ir aos lugares mais conhecidos da cidade, pontos turísticos e etc. Depois vou seguindo para os demais locais. Muitas vezes vou a algum passeio em família ou com amigos e lá encontro uma composição legal e faço a foto. Nem sempre estou no lugar propositalmente, então acho que aí é que as fotos têm mais probabilidade de sair melhor.

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR RENAN MATOS

1. Dados pessoais

1.1. Nome: Renan Matos Magalhães.

1.2. Idade: 27.

1.3. Estado civil: solteiro.

1.4. Cidade em que nasceu: Fortaleza.

1.5. Endereço atual: Rua Itália, nº 269, casa 13.

1.6. Formação: ensino superior completo.

1.7. Profissão: psicólogo.

1.8. Carreira profissional: Como ainda não exerci nenhum papel como psicólogo após a formação, posso contar sobre minha experiência de atendimento psicológico no estágio que foi bem marcante para mim durante meu último ano na graduação. Como viso ter minha própria clínica, meu último estágio foi no NIS (Núcleo Integrado de Saúde) da Fanor/Devry. Então, essa experiência contou bastante para minha mudança como sujeito. Como sentir, perceber, enxergar as coisas por um outro olhar. A teoria durante a formação sempre está ali, nos dando suporte para quaisquer que sejam as situações da vida, no entanto, colocar em prática é sempre difícil. Mas, quando vamos à prática, ao atendimento, vemos que o não julgar é primordial. Tentando levar isso para minha prática de fotografar, é interessante ressaltar que na era tecnológica em que vivemos, o registro feito por alguém de uma situação que você não está presente pode ser usada nas redes sociais e na mídia de forma a difamar qualquer pessoa. A mentira registrada em foto e vídeo é a ferramenta mais utilizada na atualidade. Podemos facilmente editar, recortar, colar e contarmos a história que quisermos para ganhar fama. Então, na fotografia, busco fazer o mesmo ao atender meus pacientes. Não julgar, não interpretar de forma superficial, generalista, não dar significado ao momento do registro. E sim fazer da fotografia o que ela é, arte. Devemos sentir a foto e deixa-la ser.

1.9. Relações sociais relevantes: Alguns professores na escola e na faculdade ainda são lembrados por mim. Alguns amigos que não mantenho mais contato ainda também possuem sua importância em minha vida. Mas atualmente, a pessoa que posso falar que teve e tem mais relevância na minha vida é minha namorada que estou há seis anos. Ela fez com que eu mudasse e fosse uma pessoa bem melhor. Ela que acreditou em mim e me fez estudar para o vestibular, passar, continuar e terminar, em um momento da minha vida que eu nem desejava tocar em livros.

1.10. Atividades extraprofissionais: Sou cinéfilo doente. Vejo entre 150 e 200 filmes por ano. Tento sempre ir ao cinema, adoro o Dragão do Mar. Vez ou outra vou também a teatros e *shows*. Nos momentos livres sempre vejo filme, séries e animes. Amigos, não muitos. Saímos, mas é pouco. Na verdade, sou bem caseiro, adoro ficar em casa e no meu quarto fazendo

minhas coisas. Amo ir à praia. Meu novo *hobbie* é fotografar. Se tornou algo bem prazeroso nos últimos 3 anos.

1.11. Aspirações profissionais: Desejo muito viver de viagens. Eu amo a psicologia, e ainda realizarei meu sonho de ter um local para atender. Mas o que mais me daria prazer de fazer seria viajar e fotografar a todo canto que eu fosse. Passar de 3 a 6 meses em cidades diferentes. Se fosse a trabalho, melhor ainda.

2. Formação familiar

2.1. Pai

Formação:

Profissão: comerciante.

Atividades extraprofissionais:

2.2. Mãe

Formação:

Profissão: bancária.

Atividades extraprofissionais:

3. Instagram

3.1. Por que você começou a usar o Instagram?

Na época do lançamento, 2010, eu estava sempre atento a novidades, quando eu soube de um novo aplicativo que seria para postar apenas fotos eu já me encantei. A questão era que eu não tinha câmera (ainda hoje não tenho), então me contentava apenas com fotos tiradas no celular e no ipad, fotos caseiras, bem sem graça, algumas até gostava, mas não se comparam com meu foco atual, que é paisagens, pessoas e situações adversas do cotidiano. Comecei a usar por curiosidade mesmo, pra ver qual era, apenas. A questão é que eu criei gosto e fui usando aqueles filtros até enjoar e perceber que o que parecia criativo era sem graça.

3.2. O que você gosta de compartilhar no Instagram?

Já passei por diversas fases. Atualmente o que me dá mais prazer são paisagens, panorâmicas, e pessoas ao léu.

3.3. Em termos quantitativos, você sabe o que você mais compartilha no Instagram?

Paisagens em geral, seja na praia, na serra ou na cidade.

3.4. Você utiliza alguma das ferramentas disponibilizadas pela rede social (filtros, opções de correção de cor, brilho, contraste, marcação de geográfica, marcação de pessoas etc.)?

Quais?

Já usei muito os filtros no Instagram, mas foi bem no começo. Depois que abusei, busquei aprender a editar eu mesmo e poder tratar as imagens ao meu gosto. Quais? Várias, uso o

Adobe Photoshop CC 2015, então o que eu achar necessário usar na hora da edição, eu uso. Já nas redes, raramente marco alguém, até porque não posto muitas fotos de pessoas conhecidas. As que possuem no meu instagram pessoal são fotos de minha namorada e de poucos amigos.

3.5. Fotografa com outros equipamentos além do smartphone? Quais?

Atualmente, creio que mais de 90% das minhas fotos são tiradas em uma câmera SONY SLT-A57, que não é minha, e sim da família de minha namorada. Mas quem sempre a usa sou eu. Então são pouquíssimas as fotos tiradas em smartphones.

3.6. Quais lugares da cidade de Fortaleza você gosta de fotografar e compartilhar no Instagram? Por quê?

Amo a praia. Então sempre que vou, tento bater mais e mais fotos. Muitas pessoas acham repetitivas as fotos do sol, mar e céu. Mas nunca é. Quem gosta de fotografia sabe muito bem que cada clique tem sua particularidade. A foto não é só um registro. Ela marca também o momento em que você vive no momento do registro. Como a câmera não é minha, procuro sempre ter muito cuidado com ela, então não saio muito com ela pela cidade. Caso tivesse a minha própria, eu teria bem mais registros da nossa cidade, Fortaleza é muito bonito e tem locais lindos para se fotografar.

3.7. O que faz você curtir uma imagem compartilhada no Instagram?

As pessoas que mais sigo são fotógrafos que possuem uma galeria parecida com a minha. Como de uns tempos pra cá, estou fotografando muito preto e branco, procuro contas do mesmo estilo, algumas vezes me deparo com coisas incríveis e geniais, bem autênticas mesmo, e isso é interessante para inspirar em outros momentos.

3.8. Com base em que critérios você decide postar ou não uma foto no Instagram?

As que ficaram bem enquadradas, que agradam ao meu olhar, as fotos simétricas. Eu sei das regras básicas da fotografia, no entanto, não uso sempre, é mais coisa de sensação mesmo. Se acho que ficou bonita eu posto. Às vezes não tem tanto retorno assim [*likes*], fico chateado e deleto, tento postar de novo mais tarde. Mas na maioria das vezes eu nem ligo pras curtidas, eu gosto mesmo é de ver minha própria galeria.

Já no Fortaleza Monocromática, de início, a gente sempre conversava sobre as fotos, mandava um para o outro, avaliava, dava o aval. A gente ia se conhecendo, vendo o gosto um do outro, mesmo tendo gostos parecidos para as fotos, algumas vezes não batia e não postávamos. Atualmente estou meio afastado das redes, parei de fotografar há uns meses, então quem está gerenciando a página é o Davidson.

3.9. Você tem Facebook?

Sim, mas raramente uso. A não ser que aconteça algo marcante no país, na minha cidade ou no mundo que eu acompanho. No mais, estou sempre *off*. Já sobre a página do F.M no Face.

Criamos, mas não houve muito retorno, então deixamos lá no aguardo. Vez ou outra perdida eu posto uma foto por lá.

3.10. Posta as mesmas coisas no Facebook e no Instagram, ou administra os perfis de forma diferente? Por quê?

Sobre o Fortaleza Monocromática, tentamos criar a página no Face. Mas vimos que não tem muito retorno. E como não sou muito chegado nele, a página ficou lá meio que no aguardo. De início sim, tentávamos postar as mesmas fotos.

3.11. Que tipo de retorno você espera ter com as imagens que compartilha no Instagram?

O retorno que esperamos na página é exatamente o que algumas pessoas fazem. Elogiar a cidade, conhecer locais ainda desconhecidos, apreciar momentos ainda não vividos por medo, receio, desconhecimento e que por meio das fotos ela criam essa vontade de ir ao local. Nosso intuito inicial foi motivado por gostos pessoais, tanto eu, como o Davidson adoramos fotos preto e branco, e queríamos criar uma página bem diferente. Como já haviam páginas de Fortaleza e eram sempre coloridas, pensamos no Fortaleza Monocromática pra dá uma outra vida a nossa cidade.

Perguntas sobre o projeto @fortalezamonocromatica

1. O que motivou você a fazer esse projeto?

Acredito que no início de 2015 eu pensava em visitar pontos específicos da cidade e bater o pôr do sol em locais diferentes da cidade. Com o passar do tempo fui achando a ideia um pouco chata, vaga, sem graça. Nesse meio termo conheci o Davidson no Instagram e puxava assunto com ele, pois ele batia foto de locais que eu ainda não conhecia (morava há pouco tempo em Fortaleza e conhecia pouquíssimos locais legais para bater foto).

Mantendo contato com ele, falei da minha ideia e ele acatou, mas ficou só na conversa. Outro dia, meses depois, a gente conversou e chegou num ponto em comum, que seria registrar a cidade de fortaleza de várias formas e que a essência do projeto seria que todas as fotos seriam em preto e branco, tendo em vista a quantidade grande de páginas coloridas da cidade.

Com isso, o propósito era esse, bater apenas em preto e branco, fotos da cidade de Fortaleza, com o foco em pessoas, pontos turísticos, situações adversas, paisagens, enfim, tudo no geral do nosso ponto de vista e sempre que desse com uma descrição da imagem. Essa característica é mais reconhecida pelas fotos do Davidson, creio eu, que como músico, e ele me disse que gosta de escrever bastante, ele tem mais facilidade em se expressar escrevendo, inspira os outros analisando os locais e tentando passar o momento registrado para o público. No meu caso, sou mais de observar, analisar e não tentar dar sentido, deixo o público olhar e tentar buscar suas próprias aspirações.

O motivo final era registrar a cidade com nosso olhar e fazer com que as pessoas conhecessem locais ainda não visitados, desconhecidos e até locais que já foram visitados, mas que por motivos de violência, perigo e risco deixando de frequentar. As fotos muitas vezes são um convite para o público, assim como foi para mim no início da minha jornada fotográfica aqui em Fortaleza.

A fotografia me fez sair de casa. Me fez encarar o medo social, o pavor pelo boato, a utópica/real ideia de que em todo canto é perigoso e inóspito. Conheci locais, visitei e revisei e ainda continuo indo de encontro em novos locais por conta da fotografia e creio que essa era e é nossa ideia principal.

2. Qual a sua relação com a fotografia? (quando começou, o que gosta de fotografar)

Uma relação de amor e prazer. Adoro bater foto de tudo e sinto um prazer enorme estar com uma câmera na mão em qualquer momento. Ultimamente parei de sair para bater foto, mas por motivos externos e não por minha própria vontade.

Comecei no início da estreia do aplicativo Instagram. Brincava tirando fotos de locais e dentro de casa, pelo celular e Ipad. Usava os filtros e aplicativos para editar e tratar as fotos. No início achava incrível o resultado, mas depois fui abusando e vendo o quanto era limitado e repetitivo, com isso, fui obrigado a aprender a usar o Adobe Photoshop para um melhor tratamento das imagens e ver a infinidade de ferramentas que era possível utilizar na edição de uma foto.

Atualmente, gosto de fotografar mais paisagens e pessoas. Ainda sinto certo receio em fotografar pessoas, normalmente tento sempre me manter distante pra não invadir a privacidade do outro. Sempre dizem pra eu criar mais coragem, chegar perto das pessoas, manter um diálogo e depois registrar algo. Faço isso, mas ainda é muito pouco. Ou bato antes de conversar, sem conhecer a pessoa ou bato sem conhecer. Acho que um registro após o diálogo nunca sai como eu esperaria que sairia, a espontaneidade não será mais pura e honesta. Mas é algo que venho trabalhando.

3. Por que resolveu fazer essa proposta no Instagram e não, por exemplo, uma exposição sobre Fortaleza?

Somos amadores, fotografamos por hobby, de início acreditávamos que tínhamos muito a aprender para “meter as caras” e dizer “vamos montar uma exposição”, achamos muita prepotência nossa e que existiam pessoas bem mais capazes para isso. Isso no início. Atualmente, acreditamos que com o reconhecimento da página e nosso amadurecimento e confiança no nosso trabalho, podemos sim se organizar e um dia montar uma exposição, mas como a gente não conhece ninguém e não fomos atrás de saber como é o processo, sempre fica só a ideia de um dia concretizarmos. Mas pretendemos sim, antes que alguém o faça.

4. Como você escolhe as fotos que publica? Ou todas entram?

De início, a gente entrava num acordo, mandava um para o outro e via se estava do gosto dos dois. Com o tempo, a gente conhece o trabalho um do outro e sabe mais ou menos o que o outro vai ou não gostar. Quando bate a dúvida, a gente conversa pelo whatsapp e analisa se posta ou não. Caso algum poste alguma foto, e que o outro não tenha gostado, a gente também se comunica e deleta. A gente tem em mente que o trabalho é em equipe, e se deixarmos um ou outro tomar de conta, a parceria pode começar a se romper.

5. *Como é seu método para fotografar a cidade?*

Olha, não tem bem um método, a ideia é sair, andar, observar e sentir o momento. Se tiver um casal, amigos, uma família, um morador de rua, um vendedor ou até mesmo uma pessoa parada ou andando e vemos que aquele espaço vai sair uma foto legal, a gente registra. Quando não tem ninguém, batemos fotos de tudo, das praças, prédios, ruas, pontes, tudo mesmo. Sempre tentando enquadrar da forma mais adequada e bonito para o público olhar e dizer que ficou bacana e massa.

Sempre lembrando que batemos sem qualquer contato com as pessoas que saem nas fotos. A espontaneidade faz parte do tudo e do todo, qualquer contato pode modificar a ideia que se tinha da foto.

Olhando agora nosso *feed*, encontrei apenas uma foto em que o Davidson descreve que um senhor ao pescar o vê fotografando e olha pra ele, mas ainda assim é espontâneo, porque se o Davidson não descrevesse o acontecido, o senhor poderia estar olhando pra qualquer local. Não tirando a beleza da foto. Todo o resto em que existem pessoas nas fotos são batidas distantes e sem qualquer contato. Achamos sempre interessante manter essa ideia na cabeça.

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR SORIEL LEIROS

1. *Dados pessoais*

1.1. *Nome*: Soriel Braga Leiros Júnior.

1.2. *Idade*: 30.

1.3. *Estado civil*: solteiro.

1.4. *Cidade em que nasceu*: Fortaleza.

1.5. *Endereço atual*: Fortaleza.

1.6. *Formação*: nível superior completo.

1.7. *Profissão*: jornalista *freelancer*.

1.8. *Carreira profissional*: atuação como revisor de texto, tarefa que ocupo atualmente.

1.9. *Relações Sociais relevantes*: seguramente, minha mãe, que me incentivou e sempre fez o possível para me oferecer um bom padrão de ensino em todos os níveis.

1.10. *Atividades extraprofissionais*: Sendo bastante sincero, confesso que gosto de aproveitar meu tempo livre dormindo. :-) Como atuo como profissional *freelancer*, os horários são configurados de acordo com as atividades executadas. Afora esses momentos de descanso, gosto de estar entre amigos e caminhar à beira-mar. Somos privilegiados de morar em uma cidade litorânea. O mar me acalma e fascina. Ademais, gosto de assuntos relacionados à TV, e as leituras sempre estão presentes.

1.11. *Aspirações profissionais*: Pretendo iniciar, em breve, pós-graduação na área da comunicação e conquistar uma vaga no serviço público.

2. *Formação familiar*

2.1. *Pai*

Formação: ensino médio completo.

Profissão: autônomo.

Atividades extraprofissionais: desconheço.

2.2. *Mãe*

Formação: ensino fundamental.

Profissão: comerciária.

Atividades extraprofissionais: cuidadora.

3. *Instagram*

3.1. *Por que você começou a usar o Instagram?*

Mídia social com ferramentas simples de manuseio que tem na fotografia seu principal foco.

@leirosoriel: uso motivado pela ideia de rede social.

@fortalezaemcores: forma de divulgar a cidade, como mesmo descrevo no perfil: “Fortaleza sob diferentes olhares”.

3.2. *O que você gosta de compartilhar no Instagram?*

@leirosoriel: venho fotografando mais paisagens ultimamente, depois de adquirir um aparelho com uma câmera que dispõe de boa resolução. Além disso, gosto de registrar momentos com amigos.

@fortalezaemcores: fotos de diferentes pontos da cidade a partir do envio de colaboradores. De vez em quando, publico fotos de minha autoria.

3.3. *Em termos quantitativos, você sabe o que você mais compartilha no Instagram?*

@leirosoriel: paisagens e registros de momentos com amigos.

@fortalezaemcores: fotos da cidade.

3.4. *Você utiliza alguma das ferramentas disponibilizadas pela rede social (filtros, opções de correção de cor, brilho, contraste, marcação de geográfica, marcação de pessoas etc.)? Quais?*

@leirosoriel: antes “brincava” mais com os efeitos e os filtros; hoje, adiciono mais efeitos relacionados a brilho e contraste, por exemplo.

@fortalezaemcores: recebo as fotos dos colaboradores e são publicadas sem edição nenhuma. São publicadas da maneira como são recebidas.

Utilizo o Instasize (sobretudo no @fortalezaemcores, pois, como não são fotos de minha autoria, publico as imagens no tamanho e no formato que me são enviadas; tenho o maior cuidado para ser sempre fiel ao arquivo original).

3.5. *Fotografa com outros equipamentos além do smartphone? Quais?*

@leirosoriel: *smartphone*.

@fortalezaemcores: de câmeras e acredito que de *smartphones* também. Não saberia precisar se mais de câmera ou de *smartphone*.

3.6. *Quais lugares da cidade de Fortaleza você gosta de fotografar e compartilhar no Instagram? Por quê?*

@leirosoriel: gosto de fotografar paisagens, sobretudo quando estou caminhando ou percebo algo que me chama atenção. Não há um local específico.

@fortalezaemcores: o perfil é plural, logo de diferentes locais da cidade; toda contribuição é bem-vinda.

3.7. *O que faz você curtir uma imagem compartilhada no Instagram?*

@leirosoriel: gosto de boas histórias, de diferentes demonstrações de conquistas e, claro, de lindas paisagens, entre outras.

@fortalezaemcores: fotos relacionadas à cidade, além das que são marcadas com o nome do perfil ou com a hashtag #fortalezaemcores.

3.8. *Com base em que critérios você decide postar ou não uma foto no Instagram?*

@leirosoriel: não sei se sigo um critério específico. Depende do momento. Às vezes, posto mais de uma foto em um dia. Às vezes, não. Acredito que depende da ocasião.

@fortalezaemcores: como citei acima, toda colaboração é muito bem-vinda.

3.9. *Você tem Facebook?*

@leirosoriel: sim.

O @fortalezaemcores também tem uma página, mas não publico mais nada há algum tempo, este que anda demasiado curto para que administre as duas contas. Além disso, considerei o Instagram como a mídia ideal para o perfil.

3.10. *Posta as mesmas coisas no Facebook e no Instagram, ou administra os perfis de forma diferente? Por quê?*

@leirosoriel: nem todas as postagens são inseridas/compartilhadas nas duas mídias de forma simultânea. Antes, praticamente todas as fotos que eram postadas no Instagram automaticamente compartilhava no Facebook. Mas vim mudando esse aspecto, por acreditar que cada mídia tem suas especificidades.

3.11. *Que tipo de retorno você espera ter com as imagens que compartilha no Instagram?*

@leirosoriel: para mim, apenas como forma de mídia social, como rede de contatos.

@fortalezaemcores: que as pessoas possam conhecer mais sobre a cidade por meio da fotografia e de recursos de vídeo.

Espero ter ajudado. Perdão por algum erro de grafia que tenha passado. Estou respondendo pelo tablet e tem a presença do corretor. :-)

Quaisquer dúvidas, só me escrever. Estou à disposição.

Beijo,

Soriel

Questionário sobre o projeto @fortalezaemcores

1. *O que motivou você a fazer esse projeto?*

Após uma conversa com um usuário que postava fotografias muito interessantes da cidade no seu perfil no Instagram, bateu-me, de repente, a ideia de criar o Fortaleza em Cores. Assim, fiz o convite a alguns amigos que possuíam cliques bacanas de Fortaleza, e deram-se início às atividades. Queria um perfil de viés coletivo. Estava certo de que outros perfis no Instagram já existiam com a mesma proposta. Desse modo, o objetivo era de abrir mais um espaço para fotógrafos (profissionais e amadores) apresentarem seus registros. O Instagram, enquanto rede social, cuja fotografia é o principal foco, seria o espaço ideal para essa partilha. Sempre digo que tenho um caso de amor por Fortaleza. E

farei tudo que estiver a meu alcance para enaltecer a cidade, sua gente, seus diferentes cantinhos e suas potencialidades.

2. Qual a sua relação com a fotografia? (quando começou, o que gosta de fotografar)

Modéstia à parte, sou um bom observador. Mas, curiosamente, não me considero um bom fotógrafo. Acho que fotografia precisa de dom, de talento e de técnica. Prefiro dizer que sou um admirador da fotografia. O que me fascina na área: fotos em P&B e, claro, o fotojornalismo, por conta da minha profissão.

3. Por que resolveu fazer essa proposta no Instagram e não, por exemplo, uma exposição sobre Fortaleza?

Como já mencionei antes, a própria rede (Instagram) tem na fotografia seu principal foco. Acho que se constitui como a essência da rede. Elenco algumas razões que fizeram com que optasse pelo Instagram: tempo (já que sou jornalista freelancer e professor) exercício diário de aprendizado (você não tem ideia do quanto já aprendi em cada postagem!), além da facilidade e da mobilidade. Basta ter um smartphone à mão. Exposições não estão descartadas, são sempre bem-vindas. Quem sabe um dia?!

4. Como você escolhe as fotos que entram? Ou todas entram?

Praticamente todas as fotos recebidas são postadas. Sejam de locais que já tenham saído ou não, coloridas ou em preto e branco... Digo que o perfil é plural. Apenas administro. Assim, os colaboradores são fundamentais para que o perfil exista. Hoje, disponibilizo dois canais para o envio das fotos: e-mail ou WhatsApp, ambas contas pessoais. Este último foi escolhido justamente por considerar que o fator mobilidade ajuda bastante nessa interação e no consequente envio das imagens pelos colaboradores. Algumas fotos, por sua vez, já foram postadas mediante pedido direto de minha parte, pelo WhatsApp, em meu perfil pessoal no Instagram ou por meio do próprio perfil do Fortaleza em Cores. Se vejo uma foto bacana, solicito o envio ao usuário. Outro ponto que gostaria de destacar é que, quando possível, gosto de apresentar informações sobre a imagem, como datas de inauguração dos espaços e outros detalhes.

5. Como é seu método para fotografar a cidade?

Como mencionei antes, não me considero um bom fotógrafo. Só faço registros esporádicos. Alguns cliques meus já foram postados no Fortaleza em Cores. Mas a ideia é postar dos colaboradores mesmo. Amo essa cidade. E cada imagem postada mostra o quão linda ela é. “Fortaleza sob diferentes olhares” é como apresento o perfil aos usuários.

Mais informações:

Primeira postagem: há 25 semanas

Número de seguidores: 1.131

Quantidade de publicações: 203

Data de referência: 15/03/2015 01:10

Grande abraço,

APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO SOCIOLÓGICO RESPONDIDO POR DAVIDSON RODRIGUES

1. *Dados pessoais*

1.1. *Nome*: Davidson Pereira Rodrigues.

1.2. *Idade*: 25.

1.3. *Estado civil*: solteiro.

1.4. *Cidade em que nasceu*: Fortaleza.

1.5. *Endereço atual*: Rua Trajano de Medeiros, 531, Praia do Futuro.

1.6. *Formação*: superior incompleto.

1.7. *Profissão*: professor de matemática.

1.8. *Carreira profissional*: alunos pedindo para eu não ir embora depois de terminar uma aula que misturei Matemática + Fotografia e *Video Games*.

1.9. *Relações sociais relevantes*: meus professores de matemática do terceiro ano, principalmente os de específica.

1.10. *Atividades extraprofissionais*: fotografia.

1.11. *Aspirações profissionais*: espero muito estar trabalhando com fotografia jornalística ou dando aula pra uma turma ITA em algum colégio.

2. *Formação familiar*

2.1. *Pai*

Formação: ensino médio incompleto.

Profissão: taifeiro.

Atividades extraprofissionais: nenhuma.

2.2. *Mãe*

Formação: ensino médio incompleto.

Profissão: autônoma.

Atividades extraprofissionais: costura.

3. *Instagram*

3.1. *Por que você começou a usar o Instagram?*

Sempre gostei de fotografia, então assim que comprei *smartphone* foi um dos primeiros apps que me cadastrei e sempre tive a idéia de mostrar tudo ao meu redor, mas não eu mesmo, mas como se o Instagram fossem meus olhos.

3.2. *O que você gosta de compartilhar no Instagram?*

Gosto de compartilhar as curiosidades e pessoas do meu dia a dia, sempre tento escrever o sentimento da hora da foto ou contar a história da mesma, raramente posto algo que tenha eu mesmo, quando posto é algum vídeo tocando alguma musica que gosto. Não gosto de fotos da minha vida pessoal, deixo isso mais pro Facebook e uso o Instagram mais para o “meu lado artístico”, digamos assim.

3.3. Em termos quantitativos, você sabe o que você mais compartilha no Instagram?

70% do que posto são pessoas aleatórias que vejo na rua e meu ponto de vista sobre a situação da hora do clique, 25% são paisagens e 5% amigos.

3.4. Você utiliza alguma das ferramentas disponibilizadas pela rede social (filtros, opções de correção de cor, brilho, contraste, marcação geográfica, marcação de pessoas etc.)? Quais?

Só uso marcação de pessoas, não gosto de filtros do Instagram e prefiro tratar fotos em programas de computador.

3.5. Fotografa com outros equipamentos além do smartphone? Quais?

Fotografo com duas câmeras que tenho, uma Super Zoom e uma DSLR.

3.6. Quais lugares da cidade de Fortaleza você gosta de fotografar e compartilhar no Instagram? Por quê?

Eu gosto de ir para Beira Mar/Ponte Metálica/Dragão do Mar e principalmente o Centro, mas digamos que gosto de ficar de costas pra Praia/Pôr do Sol/Pontos turísticos e olhar pras pessoas que compõem o ambiente, Fortaleza não é só praia e sol, são as pessoas que habitam ela e se transformam na paisagem em movimento, dão identidade à nossa cidade e fazer ela ter um sentido. Acho o Centro de Fortaleza o lugar mais representativo e misturado de Fortaleza, acho que tudo que podemos encontrar de diferente está ali, desde produtos até pessoas e suas histórias, acho um prato cheio pra fotografia.

3.7. O que faz você curtir uma imagem compartilhada no Instagram?

Eu não sou de ficar muito no Instagram olhando o *feed*, olho de amigos específicos, mas gosto de curtir imagens engraçadas ou de pessoas conhecidas mesmo.

3.8. Com base em que critérios você decide postar ou não uma foto no Instagram?

Eu tenho meu padrão de postar fotos, não gosto de postar fotos seguidas do mesmo tema e sempre priorizo que as fotos em pretos e brancos, que são 66% das que posto, sejam de pessoas e as coloridas, em grande maioria, serem de paisagens. Sempre penso no que posso escrever sobre a foto antes de postar.

3.9. Você tem Facebook?

Sim.

3.10. Posta as mesmas coisas no Facebook e no Instagram, ou administra os perfis de forma diferente? Por quê?

Eu posto as mesmas coisas, basicamente, sempre que posto algo no Instagram compartilho no meu Facebook. Mas no Facebook posto um pouco mais da minha vida pessoal, já que é uma rede que acho que a proximidade é maior.

3.11. Que tipo de retorno você espera ter com as imagens que compartilha no Instagram?

Espero que as pessoas vejam e leiam as coisas que posto e se identifiquem com isso, adoro quando vêm algo meu e elogiam pela identificação e sentimento que passei.

ANEXO I – “A FORTALEZA E O MEDO”

A Fortaleza e o medo



Em 14 de junho, movimento Fortaleza Apavorada levou multidão às ruas

Ao longo de 2013, o crescimento da violência e a ineficiência dos órgãos de segurança pública do estado foram destaque no noticiário. Todos, até quem pratica violência, estão com medo. Políticas sociais e iniciativas como ocupar a cidade ajudam a vislumbrar um futuro melhor

Apesar dos vários episódios de violência, ela diz que só pensou em deixar a cidade após o assalto mais recente. Não levou a ideia adiante por não achar justo consigo mesma, com a família, os amigos; os afetos, enfim, que a cidade natal lhe deu ao longo de uma vida. A permanência, porém, trouxe restrições. “Não me sinto mais tranquila de sair à noite, de ir pra alguma festa ali no entorno do Dragão do Mar, da Praia de Iracema. Infelizmente, porque era um lugar que eu ia, sentava, tomava água de coco, encontrava amigos. Aquele espaço, temporariamente, está cortado da minha lista de lugares de Fortaleza pelo medo”, conta.

Na época que morou em São Paulo, a cearense Isabel Andrade, 32, preservava um gosto simples: andar a pé pela cidade. Na capital paulista, subia e descia ladeiras com frequência. Era uma forma de ver melhor a metrópole, ficar à vontade com os próprios pensamentos, divertir-se com as amigas. De volta a Fortaleza há 14 anos, só agora ela retomou pra valer o velho hábito, que resolveu batizar de #walkingliveproject e compartilhar nas redes sociais.

A iniciativa, diz Isabel, partiu da vontade de testar certos “mitos” sobre a cidade, inclusive o de que Fortaleza é violenta. Embora a jornalista tenha sofrido recentes tentativas de assalto quando estava no carro. E, cerca de quatro anos atrás, o maior trauma: foi assaltada a mão armada, ao caminhar, grávida de nove meses e acompanhada do filho de cinco anos, a poucos metros de casa, no Meireles. O episódio gerou espécie de síndrome do pânico momentânea que, durante algum tempo, impediu-a de sair à rua. Andar até a padaria mais próxima ou ir ao consultório médico dos filhos sem usar o carro virou espécie de enfrentamento – não da violência, a qual ela sabe não estar imune, mas do próprio medo. “Eu não sou ingênua de achar que não tem risco, mas eu tenho dado mais chance ao prazer do que ao risco”, diz Isabel.

Ricardo (nome fictício) conta 16 anos, mas o corpo mirrado contraria a idade. Ainda assim, tem o olhar duro e a fala firme. Foi pego em dois assaltos a mão armada e há poucos meses, por determinação da Justiça, presta serviços à comunidade no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – Cuca Che Guevara –, na Barra do Ceará, onde mora.

Um dos dez bairros com mais homicídios da capital cearense – de janeiro a agosto de 2013 contabilizou 37 –, a Barra abriga o Cuca há quatro anos, mas Ricardo nunca tinha entrado lá até ser obrigado. Há muito deixou a escola. Ficava “nas esquinas”, usando drogas com outros dependentes químicos, incluindo os três irmãos mais velhos. Ali, diz, foi levado pelas “amizades” à rotina dos roubos. Quase sempre armado. Perguntado por qual razão fazia os assaltos munido de arma, ele responde rápido: tinha medo. “Porque quando a população pega, só outro”, diz Ricardo. Além de habitarem a mesma cidade, Ricardo, Isabel e Fabrícia guardam poucas semelhanças entre si, moram em bairros diferentes, têm histórias de vida distintas. O que os aproxima é o medo. Isabel e Fabrícia temem os bandidos. Ricardo teme a reação das vítimas. Cada um reage como pode: ocupando as ruas, evitando certos lugares, armando-se.

O outro como inimigo

O medo, nunca tão pulverizado na capital cearense quanto neste ano que se despede, chegou por experiências pessoais ou compartilhado por amigos e parentes que usaram as redes sociais para desabafar experiências de terror. Estampou manchetes de jornais, levou milhares de fortalezenses a protestar nas redes sociais e nas ruas, em movimentos como o Fortaleza Apavorada.

Disponível em:

<<http://www.opovo.com.br/app/opovo/cadernosoespeciais/2013/12/31/noticiasjornalcadernosoespeciais,3182583/a-fortaleza-e-o-medo.shtml>>. Acesso em: Julho de 2015.

ANEXO II – “A PÉ POR FORTALEZA”

A pé por Fortaleza

23/02/2014

Isabel Andrade, especial para *O Povo*

Há 4 meses iniciei o #walkingliveproject. Consiste, basicamente, em andar por Fortaleza sem ficar apavorada. Nessas caminhadas encontro pessoas e lugares. Àqueles que de alguma maneira me mobilizam, me comovem no sentido de despertar em mim alguma sensibilidade que de outro modo não seria acionada, eu fotografo. As fotografias são feitas com o iPhone e compartilhadas através do Instagram. O objetivo desse gesto simples é romper subjetivamente com uma barreira pessoal e social que é estar na rua, a pé, sozinha, aberta ao que vier.

O que vem pode ser bom ou pode ser ruim, não sou ingênua. Sei dos riscos implicados no projeto e os já experimentei. Há mais ou menos 4 anos fui assaltada há poucos quarteirões da minha casa. Estava na calçada e dois homens com armas em punho renderam a mim, meu filho de 4 anos, meu marido e minha sogra. Eu estava grávida de nove meses à época e foi uma experiência terrível. Semana passada, meus sogros foram assaltados em frente ao prédio onde moram e, ontem, mataram uma pessoa na rua onde vive uma amiga.

Portanto, entendo que a rua é um lugar de risco. Mas qual lugar não seria? Nossa casa? Um *shopping*? Um condomínio?

Vou fazer uma proposta: pense em duas imagens e responda qual delas te transmite mais segurança: um lugar vazio com seguranças armados usando colete à prova de balas ou o mesmo lugar ocupado por um grupo indistinto de pessoas (jovens, velhos, crianças, casais)? Particularmente, prefiro a segunda imagem.

Mas como eu ia dizendo, andar pelas ruas é estar aberta ao que vier. E muitas vezes o que encontro são pontos de vista que eu jamais teria acesso se não estivesse caminhando. Experimento uma velocidade e vejo coisas a partir de uma determinada escala que a vida apressada de uma cidade qualquer te

esconde.

Então, caminhar pelas ruas de Fortaleza tem me servido, entre outras coisas, para ver até que ponto eu tenho ou não tenho condição de enfrentar algumas questões que viraram até estigmas sobre a cidade. Por exemplo, o sol, o calor de Fortaleza, ou o fato de termos ou não termos árvores, calçadas, praças e outros elementos que certamente convidariam mais pessoas a estarem na rua, ou tornariam a experiência da rua mais agradável.

Bom, o que tenho pra dizer depois desses quatro meses de #walkingliveproject é que dá sim para, em alguns momentos, trocar o carro pelos pés. Percorrendo pequenas distâncias, você talvez chegue até mais rápido. E, além disso, pude descobrir novos lugares ou mesmo apenas reparar os velhos lugares de sempre com outros olhos. Quem quiser registrar e compartilhar as caminhadas comigo será muito bem-vindo! Quem sabe a gente se encontra em alguma dessas esquinas.

ANEXO III – “ANDANDO – E OLHANDO – POR AÍ”

Andando – e olhando – por aí

Postado por Redação Instituto Pinheiro, em 14/05/2014 – 08:47:46

Já há alguns meses a Isabel Andrade leva à frente o projeto de andar por Fortaleza para reconhecer Fortaleza. Neste sábado ela nos levará juntos para caminhar entre a Aldeota e a Varjota para encontrar pessoas e lugares, para fotografar e dar notícias desse cotidiano de ruas e calçadas. Nesta tarde o convite é para bater pernas, é para experimentar a cidade sem a mediação de um automóvel e desautomatizar os olhos. Câmeras fotográficas de celulares, câmeras de qualquer tipo serão bem vindas.

Duração: 210 min.

Mediação: Isabel Andrade – Jornalista, gestora na área cultural e tem usado muito as calçadas da cidade por conta de sua proposição, o #walkingliveproject.

Participantes: interessados em geral, mediante inscrição prévia.

Ponto de saída: NOVA SEDE do Centro Cultural Banco do Nordeste, Rua Conde D’Eu, 560, Centro.

Inscrições: a partir de 27 de maio, enviando seu nome sobrenome e data do percurso por SMS (96289137) ou e-mail: percursosurbanos@gmail.com

Data: 31/05/2014

Horário: 15:00 às 18:30

Quando: Sábado

Valor: Grátis

Site/E-mail: www.bnb.gov.br

Fonte: Banco do Nordeste

Local: CCBNB – Centro Cultural Banco do Nordeste

Endereço: Rua Conde D’Eu, 560 - Centro

Disponível em: <http://www.institutopinheiro.org.br/eventos/andando-e-olhando-por-ai/?localidade=fortaleza&set_it=1#.VYlpXEbl_0Q>.

ANEXO IV – Pesquisa TIC Domicílios

Tabela 1 – Percentual de domicílios que possuem celular no Brasil

Domicílios que possuem celular UF	2014 % de domicílios com celulares
Ceará	73%
Pernambuco	70%
Bahia	68%
Minas Gerais	59%
São Paulo	35,9%

Fonte: nic.br

Tabela 2 – Percentual de domicílios com computador e acesso à internet

Unidade da Federação	% de domicílios com acesso à internet
Ceará	25,5%
Pernambuco	32,7%
Bahia	30,7%
Minas Gerais	42,2%
São Paulo	57,3%

Fonte: nic.br

Tabela 3 – Tipo de conexão à internet no domicílio no Brasil

Tipo de Conexão	2014
Discada	2%

Banda larga fixa	67%
Banda larga móvel	25%

Fonte: nic.br * não inclui área rural do Brasil

**ANEXO V – PERFIS AUTODENOMINADOS COMO
@FORTALEZA NO INSTAGRAM**

- 1- @fortalezaemcores
- 2- @fortalezamonocromatica
- 3- @fortaleza365
- 4- @fortalezaantiga
- 5- @fortalezaprasempre
- 6- @fortalezaoficial
- 7- @fortaleza
- 8- @fortalezaminimalista
- 9- @fortalezaec
- 10- @fortalezainphoto
- 11- @fortalezadetodas
- 12- @fortalezamar
- 13- @fortaleza_meraki
- 14- @iguatemifortaleza
- 15- @indicoemfortaleza
- 16- @urbanartsfortaleza
- 17- @moraremfortaleza
- 18- @saudefortaleza
- 19- @fortalezasemsemáforo
- 20- @divulgafortaleza
- 21- @fortalezainfoco

ANEXO VI – “FORTALEZA É 5ª CIDADE MAIS MARCADA EM FOTOS NO INSTAGRAM”

Fortaleza é 5ª cidade mais marcada em fotos no Instagram

11:26 · 04.12.2015 / atualizado às 16:23 por Anchieta Dantas Jr.

Na pesquisa, o aplicativo constatou ainda que maioria dos jovens usuários no País o vê também como uma ferramenta de viagens, com o tema sendo o mais popular para atrair seguidores



Vista aérea da Praia do Futuro, em Fortaleza (Foto: Divulgação)

O aplicativo Instagram divulgou, nesta semana, a lista das cidades com mais marcações no Brasil e no mundo ao longo de 2015. Fortaleza, a capital do Ceará, aparece na quinta posição no País, atrás de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Brasília (DF).

Ainda de acordo com o Instagram, conforme pesquisa também publicada nesta semana, a maioria dos jovens usuários do aplicativo no Brasil o vê também como uma ferramenta de viagens, com o tema sendo o mais popular para atrair seguidores – à frente, para se ter uma ideia, de “comida”, “eventos” e “livros”.

O levantamento mostrou também que 60% dos usuários seguem contas relacionadas a turismo. Outra constatação foi a de que um em cada quatro internautas já foi influenciado pelo aplicativo ao decidir sobre seus destinos de viagens. Veja a relação das dez cidades mais marcadas no Brasil:

1. São Paulo (SP)
2. Rio de Janeiro (RJ)
3. Salvador (BA)
4. Brasília (DF)
5. Fortaleza (CE)
6. Belo Horizonte (MG)
7. Curitiba (PR)
8. Goiânia (GO)
9. Florianópolis (SC)
10. Recife (PE)

Já em escala global, apenas uma cidade brasileira consta da lista. São Paulo está entre as dez mais, ocupando a sétima colocação, à frente de Barcelona (Espanha) e São Francisco (EUA).

Confira as dez cidades mais “instagramadas” no mundo:

1. Nova York (EUA)
2. Paris (França)
3. Londres (Inglaterra)
4. Moscou (Rússia)
5. Los Angeles (EUA)
6. Istambul (Turquia)
7. São Paulo (Brasil)
8. Amsterdã (Holanda)
9. Barcelona (Espanha)
10. São Francisco (EUA)